



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FERNANDA DOS SANTOS ALMEIDA

A EXPRESSÃO VARIÁVEL DO FUTURO VERBAL NO
DISCURSO POLÍTICO EM TRÊS CIDADES BAIANAS:
SALVADOR, FEIRA DE SANTANA E VITÓRIA DA
CONQUISTA

Feira de Santana
2015

FERNANDA DOS SANTOS ALMEIDA

**A EXPRESSÃO VARIÁVEL DO FUTURO VERBAL NO
DISCURSO POLÍTICO EM TRÊS CIDADES BAIANAS:
SALVADOR, FEIRA DE SANTANA E VITÓRIA DA
CONQUISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS.
Orientadora: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira

Feira de Santana
2015

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Almeida, Fernanda dos Santos

A271e A expressão variável do futuro verbal no discurso político em três cidades baianas: Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista / Fernanda dos Santos Almeida. –Feira de Santana, 2015.

115 f.: il.

Orientadora: Josane Moreira de Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2015.

1. Estudos sociolingüísticos. 2. Formas de expressão – futuro verbal. 3. Salvador - BA. 4. Feira de Santana - BA. 5. Vitória da conquista - BA I. Oliveira, Josane Moreira de, orient. I. Universidade Estadual de Feira de Santana. II. Título.

CDU: 80:30(814.22)

FERNANDA DOS SANTOS ALMEIDA

**A EXPRESSÃO VARIÁVEL DO FUTURO VERBAL NO DISCURSO
POLÍTICO EM TRÊS CIDADES BAIANAS: SALVADOR, FEIRA DE
SANTANA E VITÓRIA DA CONQUISTA**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira (orientadora)

Profa. Dra. Leila Maria Tesch – UFES

Profa. Dra. Norma da Silva Lopes – UNEB

Feira de Santana
2015

A Herbert, meu amor, fiel
companheiro de todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A Jeová Deus, fonte das minhas forças, por escutar as minhas orações, direcionar corretamente os meus passos, pelas bênçãos concedidas, enfim, por todo o cuidado amoroso que sempre teve comigo.

A Herbert, por todo o incentivo que sempre me deu, sem o qual eu talvez não tivesse chegado até aqui. Agradeço todo o amor, toda a compreensão e todo o apoio dedicados a mim. Não é à toa que é o amor da minha vida!

À minha mãe, Janete, por todo o seu apoio.

À minha irmã, Julia, por todo o seu amor e carinho.

À Joana, minha grande parceira em todos os momentos, pelo companheirismo durante todo o curso, pela grande amizade e cumplicidade que foram muito importantes ao longo dessa trajetória.

A Emerson e Rosane, pela parceria e amizade desenvolvidas ao longo do curso, que proporcionou importantes trocas.

A minha orientadora, Josane, pela generosidade, dedicação, confiança, incentivo e consequente amizade desenvolvida ao longo do tempo.

Aos queridos colegas do curso Adriana, Flágila, Dalva, Agenilda, Almiro, Mayane, Reginete e Graciele por todos os maravilhosos momentos que passamos juntos.

Aos meus professores do Mestrado da UEFS, pela dedicação, exemplo e generosidade.

Às amigas Milena, Danielle, Jamile, Pollyana, Lucélia, Silvana e Neildes, pelo incentivo, amizade e compreensão.

À FAPESB, pela bolsa concedida.

RESUMO

Analisa-se a expressão do tempo futuro no discurso político das três maiores cidades baianas, Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista, com base na Sociolinguística Variacionista. Diversos estudos atestam que há uma mudança em curso no uso do futuro verbal no português brasileiro, no qual a forma padrão, futuro simples, está sendo substituída pela forma perifrástica *ir* + infinitivo, tais estudos mostram que a referida mudança está sendo completada na fala e já está atingindo a escrita. Este estudo verifica o estágio dessa mudança no discurso político, gênero textual formal que apresenta características tanto da fala quanto da escrita. Determinados contextos mostraram favorecer o espraiamento da forma perifrástica, tais como a) verbos com três ou mais sílabas; b) faixa etária mais jovem; c) sujeito agente; d) menor monitoramento estilístico; e) segunda pessoa verbal; f) verbos regulares; g) primeira ocorrência de uma série (tratando-se de paralelismo). Os resultados também revelam a predominância da perífrase *ir* + infinitivo; apontam a queda do futuro simples; reafirmam que o presente do indicativo ocorre em contextos bastante específicos; revelam a ocorrência de perífrase com gerúndio, o chamado “*gerundismo*”, na linguagem formal e indicam que o processo de mudança em análise está em fase de completude.

Palavras-chave: Variação. Mudança. Futuro verbal. Discurso político.

ABSTRACT

We analyze the realization of the future tense in the political discourse of the three largest cities of Bahia, Salvador, Feira de Santana, and Vitória da Conquista, based upon the Variacionist Sociolinguistics. Some sociolinguistic researches indicate a change in progress on the use of the future tense in Brazilian Portuguese, whereupon the standard variant, the simple future form, has been replaced for the periphrastic form (*ir* + infinitive). These researches show that this change has been completed in the speech and is already reaching writing. This research verify this change in progress in the political discourse, a formal textual genre with features of speech and writing. Some contexts promotes the progress of the periphrastic form, like: a) verbs with three or more syllables; b) younger age group; c) agent subject; d) less stylistic monitoring speech; e) second verbal person; f) regular verbs; g) first event in a serial (about parallelism). The results also show the superiority of the periphrasis *ir* 'to go' + infinitive; indicate the decline of simple future form; confirm that the simple present tense is used in very specific contexts; show the existence of periphrasis with gerundive forms, called "*gerundismo*", in the standard speech; and indicate the final stage of process of change analyzed.

Keywords: Variation. Change. Future tense. Political discourse.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS	10
LISTA DE TABELAS.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
1 OBJETO DE ESTUDO	14
1.1 FORMAS DE EXPRESSÃO DO TEMPO FUTURO	14
1.2 ESTUDOS VARIACIONISTAS ACERCA DO FUTURO VERBAL.....	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA	21
2.2 NOVOS RUMOS DA SOCIOLINGUÍSTICA.....	26
2.3 GRAMATICALIZAÇÃO.....	27
2.3.1 O processo de gramaticalização da perífrase <i>ir</i> + infinitivo	31
3 METODOLOGIA	34
3.1 <i>CORPUS</i>	34
3.2 VARIÁVEL DEPENDENTE	39
3.3 VARIÁVEIS INDEPENDENTES	39
3.3.1 Variáveis linguísticas.....	40
3.3.1.1 ‘Extensão fonológica do verbo’	40
3.3.1.2 ‘Pessoa verbal’	40
3.3.1.3 ‘Conjugação verbal’	42
3.3.1.4 ‘Paradigma verbal’	43
3.3.1.5 ‘Tipo de sujeito’	44
3.3.1.6 ‘Animacidade do sujeito’	45
3.3.1.7 ‘Papel temático do sujeito’	45
3.3.1.8 ‘Tipo de verbo’	47
3.3.1.9 ‘Transitividade verbal’	48
3.3.1.10 ‘Natureza semântica do verbo’	49
3.3.1.11 ‘Presença/ausência de futuridade fora do verbo’	50
3.3.1.12 ‘Projeção de futuridade’	52
3.3.1.13 ‘Paralelismo sintático-discursivo’	53
3.3.2 Variáveis sociais.....	54
3.3.2.1 ‘Informante’	55

3.3.2.2 ‘Cidades’	55
3.3.2.3 ‘Faixa etária’	56
3.3.2.4 ‘Monitoração estilística’	57
3.3.2.5 ‘Momento da campanha’	58
4 O GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO DISCURSO POLÍTICO	59
4.1 USO DA LÍNGUA EM FUNÇÃO DO PODER NO DISCURSO POLÍTICO....	59
4.2 FALA E ESCRITA.....	62
4.3 ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS CONSTITUINTES DO DISCURSO POLÍTICO	63
4.3.1 A função apelativa	63
4.3.2 Tipos textuais no discurso político	65
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	69
5.1 A RODADA ENEÁREA.....	69
5.2 A RODADA BINÁRIA.....	76
5.3 GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS.....	77
5.3.1 ‘Extensão fonológica do verbo’	78
5.3.2 ‘Faixa etária’	79
5.3.3 ‘Papel temático do sujeito’	81
5.3.4 ‘Monitoração estilística’	83
5.3.5 ‘Paradigma verbal’	85
5.3.6 ‘Transitividade verbal’	87
5.3.7 ‘Paralelismo sintático-discursivo’	88
5.4 GRUPOS DE FATORES NÃO-SELECIONADOS	90
5.4.1 ‘Pessoa verbal’	91
5.4.2 ‘Conjugação verbal’	92
5.4.3 ‘Tipo de sujeito’	94
5.4.4 ‘Animacidade do sujeito’	95
5.4.5 ‘Tipo de verbo’	96
5.4.6 ‘Natureza semântica do verbo’	99
5.4.7 ‘Presença/ausência de futuridade fora do verbo’	100
5.4.8 ‘Projeção de futuridade’	101
5.4.9 ‘Informantes’	103
5.4.10 ‘Cidades’	103
5.4.11 ‘Momento da campanha’	104

CONCLUSÕES	106
REFERÊNCIAS	109

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS

Quadro 1 – Informações sobre os candidatos	35
Figura 1: Mapa com as três maiores cidades da Bahia	36
Gráfico 1: Distribuição das variantes de futuro no discurso político das três maiores cidades baianas	71
Gráfico 2: Distribuição das variantes Futuro perifrástico e Futuro simples no discurso político das três maiores cidades baianas	77
Gráfico 3: Uso da perífrase e ‘faixa etária’	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição geral dos dados	70
Tabela 2 – Nova distribuição geral dos dados	76
Tabela 3 – Influência do grupo ‘Extensão fonológica do verbo’ no uso da perífrase ...	79
Tabela 4 – Influência do grupo ‘Faixa etária’ no uso da perífrase	80
Tabela 5 – Influência do grupo ‘Papel temático do sujeito’ no uso da perífrase.....	82
Tabela 6 – Influência do grupo ‘Monitoração estilística’ no uso da perífrase	84
Tabela 7 – Influência do grupo ‘Paradigma verbal’ no uso da perífrase	86
Tabela 8 – Influência do grupo ‘Transitividade verbal’ no uso da perífrase.....	88
Tabela 9 – Uso da perífrase e ‘Paralelismo sintático-discursivo’	90
Tabela 10 – Influência do grupo ‘Pessoa verbal’ no uso da perífrase	91
Tabela 11 – Influência do grupo ‘Conjugação verbal’ no uso da perífrase	93
Tabela 12 – Influência do grupo ‘Tipo de sujeito’ no uso da perífrase	95
Tabela 13 – Influência do grupo ‘Animacidade do sujeito’ no uso da perífrase	96
Tabela 14 – Influência do grupo ‘Tipo de verbo’ no uso da perífrase.....	98
Tabela 15 – Influência do grupo ‘Natureza semântica do verbo’ no uso da perífrase.	100
Tabela 16 – Influência do grupo ‘Futuridade fora do verbo’ no uso da perífrase	101
Tabela 17 – Influência do grupo ‘Projeção de futuridade’ no uso da perífrase.....	102
Tabela 18 – Influência do grupo ‘Informantes’ no uso da perífrase.....	103
Tabela 19 – Influência do grupo ‘Cidades’ no uso da perífrase.....	104
Tabela 20 – Influência do grupo ‘Momento da campanha’ no uso da perífrase	105
Tabela 21 – Uso da perífrase em relação aos grupos ‘Momento da campanha’ e ‘Monitoração estilística’	105

INTRODUÇÃO

A sociolinguística se dedica ao estudo das relações entre língua e sociedade, evidenciando o direito de o usuário da língua fazer escolhas dentro das diversas possibilidades que o sistema linguístico lhe proporciona, uma vez que há várias formas de dizer uma mesma coisa. Assim, há também várias formas de expressar a futuridade verbal.

Nesta pesquisa, analisa-se a expressão do futuro em campanhas políticas das três maiores cidades da Bahia, Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista, que foram veiculadas pela TV no ano de 2012, considerando que os candidatos, em seus discursos, utilizam um tipo de linguagem que difere da modalidade oral e da escrita, visto que se trata da fala planejada, ou seja, um texto que foi escrito para ser apresentado ou lido oralmente, resultando num gênero textual formal com características tanto de fala quanto de escrita.

Conforme explanado detalhadamente no capítulo um, muitos estudos vêm registrando um processo de mudança, ainda em curso, na expressão do futuro verbal, na qual a então forma padrão, futuro do presente (ou futuro simples), está sendo substituída pela forma perifrástica *ir* + infinitivo. Os estudos mostram ainda que o referido processo está em fase avançada, visto que já se faz presente na fala formal e, também, na escrita, principalmente a escrita informal, sendo atestada também, ainda que em estágio inicial, na escrita jornalística, considerada padrão e última modalidade atingida pela mudança linguística. Nota-se, portanto, a importância do estudo do processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico no discurso político, uma vez que o referido gênero transita por ambas as modalidades linguísticas, a falada e a escrita.

Como objetivo geral da pesquisa, pretende-se verificar o alcance da referida variação em campanhas políticas de Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista. Objetiva-se, também, mais especificamente: (i) registrar a frequência das ocorrências das formas de futuro em campanhas políticas de Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista; (ii) analisar as formas de expressão do futuro verbal encontradas em discursos políticos das três cidades; (iii) observar e descrever a expressão do futuro nos discursos de candidatos a prefeito, estabelecendo uma comparação entre eles; (iv) identificar os contextos linguísticos e sociais que condicionam a variação na expressão do futuro verbal; (v) verificar o nível de implementação da forma linguística inovadora no gênero textual/discursivo discurso político.

Salienta-se que a expressão do futuro verbal não havia sido analisada no discurso político dessas três cidades. Assim, os resultados deste estudo fornecem uma visão mais ampla da abrangência da forma inovadora no panorama linguístico do Brasil.

Na fase inicial deste estudo, foram levantadas as seguintes hipóteses: a) há predominância da forma inovadora *ir* + infinitivo; b) o futuro simples ocorre com maior frequência em situações mais formais; c) não há ocorrência das perífrases com *haver de*; d) não há ocorrência das perífrases gerundivas; e) há pouca ou nenhuma ocorrência da variante presente do indicativo.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo um, intitulado *Objeto de estudo*, apresentam-se as formas de expressão do tempo futuro bem como alguns dos principais estudos variacionistas acerca da expressão do futuro verbal. No capítulo dois, *Fundamentação teórica*, apresentam-se os pressupostos teóricos da sociolinguística laboviana e da gramaticalização, que serviram como base para o desenvolvimento da pesquisa. O capítulo três expõe a *Metodologia* da pesquisa, na qual constam, além dos procedimentos adotados, todos os grupos de fatores controlados, juntamente com uma breve análise de cada um deles e sua relação com o objeto de estudo. No capítulo quatro, *O gênero textual/discursivo discurso político*, apresenta-se um detalhamento do referido gênero textual. No capítulo cinco, apresenta-se a *Análise dos resultados* da pesquisa, explicando, detalhadamente, como os dados foram controlados passo a passo, mostrando os grupos de fatores selecionados pelo programa GoldVarb, quais os não selecionados e a importância deles para esta pesquisa. Por fim, seguem as *Considerações finais* e as *Referências*.

1 OBJETO DE ESTUDO

1.1 FORMAS DE EXPRESSÃO DO TEMPO FUTURO

Cada falante de uma dada língua tem autonomia para expressar-se livremente. Assim, há várias formas linguísticas equivalentes entre si. Com o futuro verbal não seria diferente. No português brasileiro, há várias formas de expressão do tempo futuro: a) futuro simples (“*Conversarei* com vocês à noite”); b) perífrase com *ir* no presente + infinitivo (“*Vou conversar* com vocês à noite”); c) perífrase com *ir* no futuro + infinitivo (“*Irei conversar* com vocês à noite”); d) presente do indicativo (“*Converso* com vocês à noite”); e) perífrase com *haver de* no presente + infinitivo (“*Hei de conversar* com vocês à noite”); f) perífrase com *haver de* no futuro + infinitivo (“*Haverei de conversar* com vocês à noite”); g) perífrase com *estar* no futuro + gerúndio (“*Estarei conversando* com vocês à noite”); h) perífrase com *ir* no presente + *estar* + gerúndio (“*Vou estar conversando* com vocês à noite”); i) perífrase com *ir* no futuro + *estar* + gerúndio (“*Irei estar conversando* com vocês à noite”).

Dentre as referidas formas, o futuro simples é a forma padrão, sendo, portanto, a mais utilizada na escrita e a eleita pela maioria das gramáticas tradicionais como única forma “correta” de representar o tempo futuro. No entanto inúmeros estudos variacionistas vêm mostrando que a forma prescrita pelos gramáticos não é a favorita dos falantes. Pesquisas como as de Gibbon (2000), Santos (2000), Oliveira (2006), Malvar e Poplack (2008), Oliveira e Olinda (2008), Silva (2010) e Tesch (2011) revelam que há uma mudança em progresso no sentido de que a forma sintética (futuro simples) está sendo substituída pela forma analítica (*ir* + infinitivo). Segundo tais estudos, esta mudança está quase concluída na fala e já está invadindo a escrita, principalmente a escrita informal.

Das formas de futuro, o presente do indicativo, o futuro simples e a perífrase *ir* + infinitivo são as três formas mais selecionadas pelos usuários da língua. No entanto, de acordo com pesquisas recentes, o presente do indicativo não vem a ser uma forma que concorre com o futuro simples e com a perífrase *ir* + infinitivo, pois, segundo Oliveira (2006, p. 102), além de não ser tão frequente na língua quanto as outras duas, ele ocorre em contextos muito específicos.

As formas perifrásticas de futuro com *haver de* parecem estar desaparecendo da língua portuguesa desde o século XX, como informa Oliveira (2006, p. 101).

As chamadas perífrases gerundivas (*estar* no futuro + gerúndio e *ir* no presente + *estar* + gerúndio) são as formas de futuro mais polemicamente estigmatizadas e seu uso encontra restrições de importantes instituições sociais, especialmente da mídia (ALMEIDA SANTOS, 2008).

Quanto à equivalência das formas verbais de futuro, vale ressaltar que há controvérsias, visto que, dentre os tempos gramaticais, pode-se dizer que o tempo futuro é o que envolve maior nível de complexidade em sua constituição, podendo ser considerado o mais polêmico. Assim, tecem-se algumas breves considerações.

Acerca do tempo verbal, Corôa (2005, p. 16) afirma que “a categoria temporal não está universalmente ligada ao verbo, nem este a ela”, no entanto admite que “são os verbos que mais comumente, tanto nas gramáticas quanto na consciência do falante, aparecem com a tarefa de situar no tempo o processo da comunicação” (CORÔA, 2005, p. 33). Para a autora, tempo verbal “é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo” (CORÔA, 2005, p. 33). Quanto ao tempo futuro, Corôa diz: “no futuro, não se pode negar algo tão categoricamente como se pode no passado, pois o próprio futuro é apenas uma possibilidade” (CORÔA, 2005, p. 55). A mesma autora salienta ainda que, “para Lyons (1977), a futuridade nunca é um conceito puramente temporal, pois inclui necessariamente um elemento de predição ou alguma noção modal” (CORÔA, 2005, p. 44).

Oliveira (2006, p. 20) acrescenta: “no latim vulgar, essas formas inteiramente temporais e morfológicas foram, aos poucos, abandonadas e ganharam força as gradações modais, por meio das quais o futuro se expressava como dubitativo, volitivo, desiderativo, hipotético”. Além da modalidade, o aspecto verbal é uma outra categoria associada ao tempo verbal:

As noções semânticas do âmbito do Tempo dizem respeito à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação; são, em linhas gerais, as noções de presente, passado e futuro e suas subdivisões. Já as noções semânticas do âmbito do Aspecto são as noções de duração, instantaneidade, começo desenvolvimento e fim. São noções que referem à maneira como o tempo decorrido dentro dos limites do fato é tratado. (COSTA, 2002, p.19)

As categorias verbais de tempo, modo e aspecto normalmente estão interconectadas nos tempos verbais de futuro:

Tempo, aspecto e modalidade são categorias que interagem entre si, formando um domínio funcional complexo (GIVÓN, 1995). A complexidade desse

domínio funcional decorre do fato de as fronteiras entre cada um dos subcomponentes nem sempre serem claras e precisas, impossibilitando a dissociação, na prática, de um componente do outro. (FREITAG, 2011, p. 3655)

É possível notar que as diversas formas verbais de futuro trazem consigo uma riqueza de significações graças à natureza modal e aspectual do tempo futuro. Ainda assim, neste trabalho, as formas de expressão do futuro verbal anteriormente apresentadas são consideradas como sendo variantes de uma mesma variável, ou seja, formas linguísticas concorrentes entre si, uma vez que há equivalência entre elas, considerando que todas são expressões do futuro verbal.

1.2 ESTUDOS VARIACIONISTAS ACERCA DO FUTURO VERBAL

Gibbon (2000) realizou um estudo acerca da expressão do futuro no português falado de Florianópolis, utilizando como *corpus* dados do Projeto VARSUL¹. Em seu estudo, a autora considerou três formas variantes de futuro verbal: futuro do presente, futuro perifrástico e o presente do indicativo. Seus resultados indicam o declínio do futuro do presente na fala de Florianópolis, que perde espaço para a perífrase *ir* +infinitivo. Segundo a autora, a forma perifrástica assume o modo e o aspecto enquanto o presente assume, mais efetivamente, o tempo futuro. Os dados apontam, ainda, que a perífrase é condicionada por fatores formais – especialmente o paralelismo formal –, semântico-discursivos e pela variável social idade, a qual revela que a forma inovadora tende a ser selecionada especialmente pelos mais jovens, o que indica um processo de mudança em curso.

Gryner (2002), em seu estudo intitulado *Emergência do futuro perifrástico no português carioca: o princípio da marcação*, analisou a evolução da construção *ir* + infinitivo nos vinte anos anteriores à pesquisa, considerando as variantes futuro simples (*encontrarei*), futuro perifrástico (*vou encontrar*) e presente do indicativo com referência futura (*encontro*). Metodologicamente, ela observou, em princípio, a oposição entre futuro simples, que é a forma flexionada, e as duas que não são flexionadas, a forma perifrástica e o presente, em verbos modais e não modais, caracterizando, segundo ela, os dois registros mais polarizados. A seguir, a autora faz uma análise estatística da evolução das três formas de futuro analisadas em verbos modais e não modais, na fala e na escrita.

¹ Projeto de Variação Linguística no Sul do Brasil, que analisa dados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Ao comparar dados da fala informal com dados da escrita formal em verbos modais e não-modais, os seus resultados lhe permitem afirmar que “em ambos os casos o futuro sintético já desapareceu da língua falada” (GRYNER, 2002, p. 155).

Tafner (2004), em sua dissertação cujo *corpus* era formado por sessões plenárias da Assembleia Legislativa de cinco estados brasileiros (Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), estudou cinco formas de expressão do futuro verbal: futuro simples (*encontrarei*), futuro perifrástico (*vou encontrar*), presente (*encontro*) e as formas perifrásticas conhecidas como gerundismo *estar* + gerúndio (*estarei encontrando*) e *ir* + *estar* + gerúndio (*vou estar encontrando*). A autora afirma que todas as formas verbais estudadas concorrem entre si e sua pesquisa aponta um estágio inicial de gramaticalização das formas verbais gerundivas.

Oliveira (2006) realizou um estudo diacrônico do futuro verbal, no qual utilizou um *corpus* representativo da modalidade culta da língua portuguesa. Em seu estudo, ocorreram seis formas de futuro verbal: futuro simples (*encontrarei*), presente (*encontro*), perífrase com o verbo *ir* no presente + infinitivo (*vou encontrar*), perífrase com o verbo *ir* no futuro + infinitivo (*irei encontrar*), perífrase com o verbo *haver* no presente + *de* + infinitivo (*hei de encontrar*) e perífrase com o verbo *haver* no futuro + *de* + infinitivo (*haverei de encontrar*). A autora atesta uma mudança em progresso na qual o futuro simples, que, segundo ela, é a forma mais utilizada desde o século XIII, está perdendo espaço para a perífrase *ir* no presente + infinitivo, sobretudo na fala. Quanto ao presente do indicativo, a autora mostrou que essa variante costuma ocorrer em contextos muito específicos e sua frequência é baixa, não interferindo, assim, na concorrência entre o futuro simples e o futuro perifrástico (*ir* + infinitivo).

Malvar e Poplack (2008), em seu estudo intitulado *O presente e o passado do futuro no português do Brasil*, analisaram quatro formas de representação do futuro: futuro simples, perífrase com *haver* + *de* + infinitivo, presente do indicativo e perífrase com *ir* + infinitivo, as quais as autoras consideram tratar-se de “variantes clássicas de uma só variável linguística” (MALVAR e POPLACK, 2008, p. 189). Ao reconhecerem que o futuro sintético é, no português do Brasil, a forma *default*, as autoras afirmam também que o mesmo “transmite o significado primário de futuro”, enquanto as demais formas “são essencialmente associadas a uma gama de modalidades (ex.: certeza, dúvida, resolução, necessidade, probabilidade) e/ou contextos de uso (ex.: sentenças afirmativas, verbos monossilábicos, proximidade no futuro)” (MALVAR e POPLACK, 2008, p. 186). A fim de delinear o caminho percorrido pela variação e mudança do futuro verbal durante

os séculos XVI a XX, o *corpus* do estudo foi constituído de trinta e oito trabalhos prescritivos/descritivos do português, publicados no Brasil e em Portugal no período compreendido entre os referidos séculos. Os resultados da pesquisa mostram que havia predomínio de futuro sintético e perífrase com *haver + de + infinitivo* até o século XIX e que, a partir de então, a perífrase com *ir + infinitivo* é introduzida na língua portuguesa, possivelmente por meio de contextos que apresentavam um futuro próximo, segundo as autoras. De acordo com os resultados, a forma inovadora começa a se estabelecer no sistema linguístico a partir de contextos não-marcados e tem seu uso amplamente expandido no século XX, de modo que passa a ser utilizada em quase todos os contextos nos quais antes eram empregados o futuro simples e *haver + de + infinitivo*.

Almeida Santos (2008) considerou, em sua pesquisa, as mesmas cinco formas de expressão do futuro verbal de Tafner (2004): futuro simples, futuro perifrástico, presente e as formas perifrásticas conhecidas como gerundismo com *estar + gerúndio* e *ir + estar + gerúndio*. Ela acredita que, mesmo envolto em muito preconceito, o gerundismo está ocupando o espaço formal que antes era do futuro simples, admitindo, assim, que o futuro simples está mesmo “saindo de cena”.

Oliveira (2011) realizou um teste de percepção/atitude na cidade de Feira de Santana – BA, o qual consistiu na aplicação de um questionário a estudantes de escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio e a universitários no início e no final do curso. O teste considerou as seguintes formas de expressão do futuro: futuro simples, perífrase com *ir* (no presente e no futuro) + infinitivo, presente do indicativo, perífrase com *estar + gerúndio* e perífrase com *ir + estar + gerúndio*. A análise dos dados permite que a autora conclua que: i) o futuro simples parece ser adquirido na escola, entre a 4ª e a 5ª séries (5º e 6º anos) do ensino fundamental; ii) a perífrase *ir* (no presente ou no futuro) + infinitivo é a principal concorrente do futuro simples; iii) as perífrases gerundivas são rejeitadas em todos os níveis de ensino, principalmente a perífrase *ir + estar + gerúndio*.

Tesch (2011), em sua tese intitulada *A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização*, examinou a variação na expressão do futuro, considerando as variantes futuro do presente, presente do indicativo, perífrase com *ir* no presente + infinitivo e perífrase com *ir* no futuro + infinitivo. Para a constituição do *corpus* da pesquisa, a autora lançou mão de amostras representativas das modalidades falada e escrita do português capixaba, utilizando dados extraídos de entrevistas (representando a modalidade falada) e de um jornal (representando a modalidade escrita).

Por fim, a autora estabeleceu uma comparação entre seus resultados e resultados de outras pesquisas representativas do português de diversas regiões do Brasil, a fim de proporcionar uma visão geral acerca da expressão do futuro no português brasileiro. Os resultados mostram que a predominância das formas de futuro é diferente em cada modalidade. Enquanto na modalidade escrita o futuro simples predomina, na fala, a predominância é da perífrase com *ir* no presente + infinitivo. Os resultados revelam ainda que o futuro simples praticamente desapareceu da fala nos anos mais recentes e o espaço antes ocupado por ele foi conquistado pela forma inovadora. Na fala capixaba, a mudança futuro simples > futuro perifrástico está implementada, embora ainda não esteja na escrita.

Santos (2012) estudou a variação do futuro verbal na fala vernacular rural de Santo Antônio de Jesus (BA). Em seu estudo, foram consideradas três variantes: futuro simples (*encontrarei*), presente (*encontro*) e perífrase com o verbo *ir* no presente + infinitivo (*vou encontrar*). Sua pesquisa mostra uma rara frequência do futuro simples. A forma verbal que apresentou maior frequência de uso foi a perífrase *ir* + infinitivo, com mais de 80% da frequência de uso, o que, segundo ele, indica um processo de mudança quase concluído na comunidade analisada. O presente do indicativo ficou numa posição intermediária.

Almeida e Oliveira (2012) analisaram a expressão do futuro verbal na escrita jornalística, utilizando como *corpus* dados de dois diferentes jornais da cidade de Feira de Santana (Bahia), a fim de verificar o estágio da mudança na escrita padrão. Em seu estudo, foram consideradas duas variantes, o futuro simples e o futuro perifrástico. Os resultados mostraram a predominância da forma padrão, que atingiu 73% dos dados, contra 27% da forma inovadora. As autoras explicam que, embora seja significativamente menor a frequência da perífrase, tais números evidenciam a implementação da mudança, uma vez que a escrita padrão é a última modalidade a ser atingida por uma mudança linguística.

Almeida, Figueiredo e Oliveira (2014), em seu estudo bibliográfico intitulado *Relevância de variáveis linguísticas e sociais na expressão do futuro verbal*, destacaram os principais fatores que interferem na realização do futuro verbal, impulsionando, ou não, o processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico. As autoras afirmam que, dentre os fatores de ordem estrutural, verbos de maior extensão fonológica, verbos regulares, verbos de primeira conjugação, verbos transitivos e bitransitivos, primeira pessoa verbal, traço agentividade, sujeito oracional, ausência de futuridade fora do verbo, futuro próximo ao ato de fala, verbos que indicam evento, verbos cognitivos, ocorrência

precedida de forma idêntica e primeira ocorrência de uma série, são fatores que favorecem a forma inovadora de futuro. Em contraste, verbos com menor quantidade de sílabas, irregulares, verbos de segunda e de terceira conjugações, sujeito inexistente, verbo modal, verbo *ser* (auxiliar), verbo copulativo, presença de futuridade fora do verbo e verbos que indicam estado são fatores que costumam inibi-la. As autoras salientam que os fatores sociais, em geral, têm exercido pouca influência sobre o processo de mudança analisado, com exceção da variável faixa etária, uma vez que esta aponta que os jovens preferem a perífrase, forma inovadora, o que constitui uma indicação de que se trata de mudança em curso.

Os estudos apresentados aqui apontam o declínio da forma de futuro do presente, que é a forma padrão na expressão de futuridade verbal do português brasileiro, a qual está perdendo espaço principalmente para a perífrase *ir* + infinitivo. Trata-se, pois, de um contexto de mudança que está se realizando sobretudo na fala, mas que já atinge a escrita. Apontam, ainda, que a forma inovadora é condicionada especialmente por fatores linguísticos e pela variável faixa etária do informante. Além disso, mostram que as formas verbais gerundivas sofrem estigma social.

Este estudo faz-se relevante na análise da expressão da futuridade verbal uma vez que investiga o referido fenômeno num *corpus* em que esta nunca fora estudada, o discurso político, o qual, por conter características tanto da fala quanto da escrita, constitui um contexto singularmente interessante, do qual se podem extrair informações que contribuirão para um melhor entendimento do tema.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA

Saussure, grande precursor da linguística, ao apresentar os conceitos de *langue* e *parole*, não teve condições de dar conta de ambas e, portanto, deteve-se na estrutura da língua, desconsiderando as variações. Rompendo com o estruturalismo e com todas as perspectivas puristas e homogeneizantes acerca da língua, surge a sociolinguística, a partir da iniciativa de Weinreich, Labov e Herzog, na década de sessenta, do século XX, com o intuito não só de fornecer evidências da heterogeneidade linguística, mas também de mostrar que tal heterogeneidade é estruturada e passível de ser estudada.

A sociolinguística, vertente linguística que se dedica ao estudo dos usos da língua considerando a diversidade linguística existente entre os falantes, concebe a língua como manifestação social e, sendo assim, assegura que ela varia e muda constantemente de acordo com o contexto sócio-histórico de um povo, visto que é reflexo deste. Tendo como objeto de estudo a variação, que é inerente a toda e qualquer língua natural, a sociolinguística declara que a condição normal de toda e qualquer comunidade de fala é a heterogeneidade, ou seja, a presença de diversas formas em variação e declara também que toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação culmina em mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), o que é justificado pelo fato de haver diferentes representações linguísticas para uma mesma referência sem que haja, necessariamente, sobreposição entre elas, o que é chamado de variação estável.

A metodologia da sociolinguística laboviana inclui o estudo da mudança em tempo aparente e em tempo real. Optar pelo estudo da mudança em tempo aparente significa fazer um recorte temporal no qual a mudança é analisada em relação à faixa etária dos informantes, estabelecendo uma comparação entre elas. Havendo divergência considerável entre os usos linguísticos nas diferentes faixas etárias, pode-se cogitar a existência de um processo de mudança em progresso, o que é detectado quando os jovens utilizam mais a forma linguística inovadora em detrimento das outras utilizadas pelos mais velhos. Por outro lado, um estudo da mudança em tempo real pode ser de dois tipos: estudo em tempo real de longa duração e estudo em tempo real de curta duração. Num estudo do primeiro tipo, são tomados intervalos longos entre os dados (geralmente séculos). Já o estudo em tempo real de curta duração, que considera intervalos de algumas décadas, pode ser do tipo tendência (*trendy study*) ou do tipo painel (*panel study*). O

estudo de tendência requer a coleta de dados da mesma comunidade, porém com informantes diferentes para cada sincronia. Já o estudo do tipo painel requer a coleta de dados dos mesmos informantes em dois momentos diferentes, ou seja, em décadas diferentes, a fim de que sejam tiradas conclusões acerca das mudanças linguísticas individuais durante o referido período de tempo, a partir da comparação dos dados dos dois momentos.

A fim de atribuir sistematicidade ao estudo da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 121-124) apresentam os cinco problemas da mudança linguística:

a) *O problema dos fatores condicionantes* – Este problema é proposto com o intuito de que sejam analisados quais fatores favorecem a ocorrência de determinada forma linguística e quais a inibem, para que sejam identificados os contextos pelos quais a mudança linguística se implementa. Neste estudo, a interferência dos fatores condicionantes das formas linguísticas em análise são considerados no capítulo três, em 3.3 Variáveis independentes. No referido capítulo, revela-se quais fatores têm-se mostrado favorecedores do processo de mudança em análise e quais têm-se mostrado inibidores.

b) *O problema da transição* – Sabendo-se que o processo de variação e mudança se projeta num *continuum*, este problema demonstra a importância do acompanhamento do processo de mudança. Nesta pesquisa, faz-se uma consideração dos estudos anteriores acerca do processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico na seção 1.2 Estudos variacionistas acerca do futuro verbal. A partir da análise desses estudos, que são apresentados em ordem cronológica, é possível observar como, gradativamente, a forma *ir* + infinitivo ganhou espaço no português brasileiro, ao longo dos anos. Essa análise possibilita, também, apontar tendências futuras para a expressão do futuro verbal.

c) *O problema do encaixamento* – Este problema sugere que se investigue como uma mudança linguística se encaixa no sistema linguístico e na estrutura social de uma comunidade e, além disso, como uma mudança linguística pode ocasionar outra. O encaixamento da perífrase *ir* + infinitivo ocorreu da seguinte forma: a perífrase *haver de* + infinitivo, utilizada na língua portuguesa brasileira há séculos, começou a declinar

consideravelmente, de modo a quase desaparecer no século XX. De acordo com Oliveira (2006), a disputa com o verbo *ter* é uma das causas da queda do verbo *haver*:

O acentuado decréscimo dessa forma pode estar relacionado a um outro fenômeno de mudança no português: o verbo *haver* disputou com o verbo *ter* durante muito tempo (e ainda disputa, mas bem menos fortemente) a formação de tempos compostos (“Eu *havia* feito” ~ “Eu *tinha* feito”, por exemplo), a expressão de existência (“*Há* muita gente na rua” ~ *Tem* muita gente na rua”, por exemplo) e a indicação da modalidade deôntica (“Eu *hei* de/que fazer isso” ~ “Eu *tenho* de/que fazer isso”, por exemplo). O verbo *ter*, que antes indicava apenas posse, amplia, com o decorrer do tempo, a sua matriz semântica e vem substituindo o verbo *haver*, ainda utilizado, mas em menor escala e com o estigma de erudição e formalidade. (OLIVEIRA, 2006, p. 104)

Ainda de acordo com a autora, no século XIX, a perífrase *ir* + infinitivo começa a conquistar espaço, tendo o seu uso expandido no século XX, a partir do qual passa a ocupar, progressivamente, o espaço perdido pela perífrase *haver de* + infinitivo.

d) *O problema da avaliação* – ao se conceber a língua como um fato social, admite-se a importância do usuário da língua para uma realização linguística. Assim, este problema se faz relevante ao propor a consideração da opinião do usuário da língua diante das formas linguísticas em estudo, sabendo-se que o seu julgamento de valor poderá ser determinante para o estabelecimento, ou não, da mudança. Acerca da avaliação do usuário da língua sobre as formas de expressão do futuro verbal, Oliveira (2011) realizou um teste de percepção na cidade de Feira de Santana – BA, que considerou, dentre outras formas, o futuro simples e a perífrase *ir* + infinitivo. O teste revelou a preferência pela forma perifrástica. Outras considerações acerca do referido teste são feitas em 1.2 Estudos variacionistas acerca do futuro verbal.

e) *O problema da implementação* – Acerca deste problema, Oliveira (2006, p. 48) explica:

Há que se investigar que fatores propiciam que uma determinada mudança ocorra em uma língua em uma determinada época e não em outra. Essa parece ser a questão mais difícil a ser respondida pela teoria. Para a sua resolução deve ser considerada a combinação dos resultados para todos os problemas anteriores.

Acerca da implementação da forma perifrástica *ir* + infinitivo, diversos estudos (GIBBON, 2000; SANTOS, 2000; OLIVEIRA, 2006; MALVAR e POPLAK, 2008; OLIVEIRA e OLINDA, 2008; SILVA, 2010; TESCH, 2011) têm mostrado, com bastante consistência e propriedade, o declínio da então forma padrão, futuro simples, em

detrimento da forma inovadora *ir* + infinitivo, apresentando detalhadamente o percurso delineado pela forma inovadora até alcançar o status atual, estando quase completamente implementada na fala.

Pode-se dizer que a concorrência entre formas sintéticas e formas analíticas de futuro é algo comum na história do português e ocorre de forma cíclica, segundo Oliveira (2006, p. 21): “formas sintéticas > formas perifrásticas > formas sintéticas...”. Atualmente, a forma perifrástica que concorre com a forma sintética é *ir* + infinitivo, a qual é fruto de um processo de gramaticalização no qual o verbo *ir* deixa de ser pleno e torna-se auxiliar. Gryner (2002, p. 157) explica que “com o desaparecimento do futuro sintético, as formas perifrásticas modais tornam-se gramaticalizadas e assumem o papel funcional de marcar a referência de futuro”.

De acordo com estudos recentes, o uso da forma perifrástica de futuro vem aumentando gradativamente no português brasileiro, constituindo uma mudança em curso na expressão do futuro verbal, ou seja, o futuro simples vem sendo substituído pelo futuro perifrástico não apenas na fala mas também na escrita:

A perífrase é a forma verbal inovadora, que convive com a forma simples (conservadora). Trata-se, pois, de um fenômeno variável no português em que a variante perifrástica, concorrente da forma sintética para codificar a função que situa a ação ou o processo à direita do ponto da fala, é muito pouco discriminada. E a entrada do verbo *ir* como auxiliar para expressar o futuro vem encontrando resposta positiva entre os falantes. (OLIVEIRA e OLINDA, 2008, p. 4 e 5)

Tesch (2011, p. 17) explica que “isso ocorre porque estamos investigando um fenômeno que não sofre estigma social, embora o futuro simples seja considerado a forma prescrita”.

Sobre o curso de uma mudança linguística, Labov explica:

A maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem. No entanto, algumas são recorrentes e, numa segunda etapa, podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de usos. Por fim, numa etapa posterior, uma ou outra das duas formas geralmente triunfa, e a regularidade é alcançada. (LABOV, 2008 [1972], p. 20)

Sabendo que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”

(WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p.126), Mollica (2004, p. 11) diz: “cabe à sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação”.

Declarações dessa natureza motivaram a realização desta pesquisa, a fim de dar continuidade a estudos anteriores e contribuir para a sociolinguística, uma vez que são pesquisas dessa natureza que comprovam ser possível o estudo sistemático da variação e da mudança linguística. Assim, neste estudo, faz-se o acompanhamento do desdobramento do processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico, verificando como estas, dentre outras formas verbais, comportam-se no discurso político, gênero textual formal que apresenta características das modalidades falada e escrita. O comportamento das variantes linguísticas de futuro verbal no referido gênero textual poderá apontar o nível de implementação da mudança linguística em análise, que, tudo indica, está em fase de completude. Acerca disso, Gibbon (2000), Santos (2000), Oliveira (2006), Malvar e Poplak (2008), Oliveira e Olinda (2008), Silva (2010) e Tesch (2011) mostram que a mudança no uso do futuro, ou seja, a implementação do futuro perifrástico em detrimento do futuro simples, está quase completa na fala, o que é muito natural no curso das mudanças linguísticas, as quais ocorrem primeiro na fala e só depois atingem a escrita, por esta se tratar de uma modalidade linguística mais conservadora. As diferenças entre fala e escrita e suas implicações no processo de mudança linguística em estudo estão enfocadas no capítulo 3.

A escolha entre uma ou outra variante parece estar relacionada ao grau de formalidade do discurso (OLIVEIRA, 2006). Sobre o assunto, Barbosa (2007) afirma que:

Estudos recentes sobre o Português Brasileiro (PB) têm demonstrado que as formas de Futuro do Presente do modo Indicativo atualmente só ocorrem em contextos muito específicos, estando restritas a textos altamente formais (cf. SILVA, 1997; MOTA, 1998; BARBOSA, 1999), de teor preditivo ou injuntivo. Nos demais casos, o futuro flexionado é substituído pelo presente do indicativo ou por perífrases, das quais a mais gramaticalizada é *ir + infinitivo*. (BARBOSA, 2007, p. 42 e 43)

Weinreich, Labov, Herzog alertam:

O processo global da mudança linguística pode envolver estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura da língua. A dificuldade do enigma da implementação é evidente no número de fatores que influenciam a mudança: é provável que todas as explicações a serem propostas no futuro próximo serão *a posteriori*. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p. 124)

É papel da sociolinguística identificar a mudança ainda em curso. Este trabalho pretende contribuir para o sucesso da referida ciência, acreditando na capacidade da sociolinguística de apontar não somente tendências mas também mudanças na língua, já que, segundo Mollica (2004, p. 27), “a variação projeta-se num contínuo em que se podem descrever tendências de uso linguístico de comunidades de fala caracterizadas diferentemente quanto ao perfil sociolinguístico”. Além disso, “a sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (MOLLICA, 2004, p. 10), conforme ratifica Oliveira (2006, p. 44): “a sociolinguística postula que a condição normal de uma comunidade de fala é a heterogeneidade e que essa heterogeneidade é estruturada”.

2.2 NOVOS RUMOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

A partir de 2005, Penelope Eckert deu início a uma série de estudos que dividem os estudos sociolinguísticos em três ondas, de acordo com características pré-definidas, as quais não sucedem nem substituem umas às outras. Conforme Eckert (2012), a primeira onda possui as características do famoso estudo de Labov intitulado *Social stratification of English in New York City*, de 1966. Veloso (2014, p. 1742) explica:

A primeira onda foi fundamental para os estudos variacionistas e está associada aos estudos labovianos. Os estudos dessa tendência forneceram um amplo retrato das variáveis linguísticas usadas pelas comunidades de fala definidas geograficamente ao redor do mundo e é, sem dúvida, a que obteve maior adesão da comunidade científica da Sociolinguística, principalmente no Brasil, chegando, por vezes, a ser tomada com a própria teoria sociolinguística.

Os estudos de segunda onda caracterizam-se, sobretudo, pela abordagem etnográfica de comunidades localmente bem definidas, como salienta Eckert (2012, p. 90-91):

The second wave of variation studies turned to ethnographic methods to get closer to the local dynamics of variation. These studies sought out local categories that could shed light on the relevance of macrosociological categories for life in the local setting, drawing a direct relation between the

social dynamics giving rise to these categories and the use of linguistic variables.²

Segundo Freitag (2012, p. 921), “o traço distintivo crucial desse tipo de estudo é a descoberta do lugar dessas categorias na prática social local. Nesse tipo de abordagem, o foco recai nos conceitos de comunidades de fala e de identidade de grupo”. Diferentemente da primeira onda, a segunda onda encontrou poucos adeptos no Brasil.

A terceira onda uniu características da primeira e da segunda ondas e trouxe à tona um novo conceito – o de comunidade de prática – em lugar do anterior – o de comunidade de fala:

The principal move in the third wave then was from a view of variation as a reflection of social identities and categories to the linguistic practice in which speakers place themselves in the social landscape through stylistic practice (Bucholtz & Hall 2005, Bucholtz 2010, Irvine 2001). (ECKERT, 2012, p. 93-94)³

Freitag (2012, p. 922) esclarece:

Enquanto, na definição laboviana, comunidades de fala são agrupamentos de indivíduos que compartilham não necessariamente dos mesmos traços linguísticos, mas sim do mesmo juízo de valor acerca desses traços, e os reconhecem como legítimos para a identificação do grupo, a comunidade de prática (WENGER, 1998; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1997) é um agrupamento de indivíduos (comunidade) que partilham perspectivas em comum, valores e conhecimento (domínio), e que interagem entre si para se aperfeiçoarem e replicarem esses valores e conhecimentos (prática). Trata-se de uma construção social, e, como tal, está sujeita às práticas diárias dos indivíduos, que interagem entre si e com outras comunidades.

2.3 GRAMATICALIZAÇÃO

O funcionalismo linguístico dedica-se ao estudo das relações existentes entre o sistema linguístico e o uso da língua. Um de seus principais temas, a gramaticalização, aqui é abordado brevemente.

Dentre os muitos processos de mudança linguística, a gramaticalização é o processo através do qual surgem novas formas para significados pré-existentes ou novos

² “Os estudos de variação da segunda onda voltaram-se para os métodos etnográficos a fim de aproximar-se da dinâmica local de variação. Estes estudos buscaram categorias locais que poderiam lançar luz sobre a relevância das categorias macrosociológicas para a vida no cenário local, traçando uma relação direta entre as dinâmicas sociais que deram origem a essas categorias e uso de variáveis linguísticas.”

³ “A principal mudança na terceira onda, portanto, ocorreu a partir de uma visão de variação como um reflexo das identidades sociais e categorias para a prática linguística em que os falantes se colocam no panorama social por meio da prática estilística.”

significados para formas já conhecidas (HOPPER e TRAUGOT, 1993). Silva (2010, p. 34) afirma que “no processo de gramaticalização a forma inovadora vai perdendo seu significado original e assumindo outros”. Esta afirmação assemelha-se à de Gonçalves et alii (2007, p.16), que são um pouco mais específicos ao dizerem que “a gramaticalização se instaura no momento em que uma unidade linguística começa a adquirir propriedades de formas gramaticais ou, se já possui estatuto gramatical, tem sua gramaticalidade ampliada”. Depreende-se que não se trata de um processo de criação de novas palavras; é como se a língua passasse por um processo de reciclagem no qual formas velhas e muito usadas ganham novas funções e/ou significados e significados antigos ganham “uma nova cara”, ou seja, uma nova forma, o que ocorre de acordo com as necessidades comunicativas dos usuários da língua. Contudo postula-se que a forma fonte continua a existir.

Segundo Traugott (apud CASTILHO, 1997, p. 26):

A gramaticalização é o estudo de mudanças lingüísticas [*sic*] situadas no continuum que se estabelece entre unidades independentes, localizadas em construções menos ligadas, e unidades dependentes tais como clítico, partículas, auxiliares, construções aglutinativas e flexões.

De acordo com as ideias de Meillet, um dos precursores da gramaticalização, os itens ou construções gramaticais modificam-se em um determinado sentido ou direção, ou seja, do lexical para o gramatical ou do menos gramatical para o mais gramatical, sempre do mais concreto para o mais abstrato: “segundo Meillet, estudos que chegaram à fonte primeira de uma forma gramatical demonstraram: (1) ser tal fonte uma palavra lexical; (2) que a transição é sempre uma espécie de *continuum*” (ABRAÇADO, 2006). Gonçalves et alii (2007, p. 21) explicam ainda que “Meillet (1912) distinguia três classes de palavras, entre as quais era possível perceber uma certa gradualidade: *as principais* (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), *as acessórias* e *as gramaticais* (preposições, conjunções e auxiliares)”. Castilho (1997, p. 26) afirma que, de acordo com Meillet:

Por gramaticalização se pode entender tanto um processo diacrônico, isto é, a derivação de usos “acessórios” e “gramaticais” de um uso “principal”, quanto um processo sincrônico, isto é, a convivência dos usos assim constituídos num mesmo recorte de tempo.

Bybee (2003) defende a ideia de que seria mais apropriado afirmar que são as construções gramaticais, em vez dos itens, que se gramaticalizam. No referido estudo, a

autora se utiliza de exemplos contendo exatamente o verbo *ir* (*to go*), o qual, tendo sido pleno – quando era utilizado apenas para indicar movimento no espaço – se gramaticaliza, tornando-se auxiliar na construção com infinitivo para indicar tempo futuro.

O princípio da unidirecionalidade, um dos principais pilares da teoria da gramaticalização (senão o principal), como o próprio nome indica, pressupõe que o processo de gramaticalização é uma via de mão única, pois, uma vez que determinado item ou construção se gramaticaliza, não há como retroceder. Assim, tal princípio é definido por Hopper e Traugott (1993, p. 95) da seguinte forma: “existe uma relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não o inverso”. Gonçalves et alii (2007, p. 41) ilustram:

Metaforicamente falando, a unidirecionalidade seria o bisturi que recorta um tipo específico de mudança, a que promove o rebaixamento de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura mais gramatical, e nunca o contrário. Assim é que nem toda mudança pode ser identificada como envolvendo gramaticalização [...], mas toda gramaticalização, necessariamente, pressupõe estágios de mudança.

Bragança (2008, p. 50) salienta que:

O caráter unidirecional no processo de mudança implica uma restrição aos atos de criatividade do discurso, tornando-o mais fixo, mais regular. Essa regularidade é atribuída a fatores de ordem cognitiva, sociocultural e comunicativa, inserindo os estudos da gramaticalização em uma visão pancrônica, ou num “conjunto de leis gerais, que se fundamenta em bases não estruturais” (MARTELOTTA, 2003, p. 59).

Givón (1979) ilustra a progressão da gramaticalização, cuja direção é do discurso para a morfossintaxe:

discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero

Votre (1999 apud GONÇALVES et alii, 2007, p. 23-24), corroborando a proposta de Givón, expõe a sua perspectiva acerca da progressão da gramaticalização:

Processo de regularização que se verifica num fenômeno qualquer, à medida que a generalização progressiva do uso vai fazendo com que ele passe do nível do discurso, em que há ampla liberdade de variação, para o nível da gramática, em que se regulariza e em que diminui ou cessa a liberdade de variação. O conceito aplica-se também aos itens já presentes na gramática, que evoluem para uma conformação ainda mais gramatical, se admitimos que os itens da gramática não são entidades discretas, e sim pólos de um contínuo, em que certas classes de itens estão mais próximas do léxico, enquanto outras ocupam diferentes posições no *continuum* da gramática. Assim, o advérbio é mais gramatical do que o adjetivo.

Sabendo-se que o processo de gramaticalização ocorre em todas as línguas naturais continuamente, uma vez que a gramática é emergente e, portanto, nunca será um produto acabado, de acordo com as proposições de Heine et alii (1991), quanto mais velha for uma língua, mais ela acumulará categorias gramaticais. Tal raciocínio leva à conclusão de que, no futuro, as línguas serão mais gramaticais do que na atualidade, o que corrobora a afirmação de Givón (1971 apud NEVES, 2004, p. 18), que declarou: “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”. Assim, a teoria da gramaticalização postula que o sistema linguístico é cíclico, de modo que o surgimento de novas formas desencadeia o declínio de formas antigas.

A fim de regular o caminho da gramaticalização, Hopper (1991) listou os cinco princípios descritos abaixo:

a) *o princípio da estratificação*: refere-se à constante emergência das novas “camadas”, uma vez que o surgimento dessas novas camadas não implica, necessariamente, o desaparecimento das antigas. Gonçalves et alii (2007, p. 80) ressaltam que “essas diversas camadas, codificando funções similares ou idênticas, podem correlacionar-se a itens particulares ou a registros sociolingüísticos. A diferença entre os itens envolvidos é tênue, podendo servir como variantes estilísticas”.

b) *o princípio da divergência*: de acordo com este princípio, um item lexical pode ser atingido pelo processo de gramaticalização de maneiras diversas, criando graus de gramaticalização. Dessa forma, a sua função original poderá coexistir com outras que foram desencadeadas pelo processo de gramaticalização. Um mesmo item poderá ser, então, utilizado em contextos diferentes.

c) *o princípio da especialização*: este princípio refere-se ao momento em que, dentro de um mesmo domínio funcional, determinadas formas (as mais gramaticalizadas) sobressaem, provocando a redução da possibilidade de escolha.

d) *o princípio da persistência*: remete à tendência de que traços semânticos da forma original de um item lexical sejam mantidos nas formas gramaticais, o que pode provocar restrições no uso destas formas gramaticais.

e) *o princípio da descategorização*: reconhecendo que o processo de gramaticalização ocorre no sentido do mais concreto (lexical) para o mais abstrato (gramatical), este princípio preconiza que a gramaticalização ocasiona a perda ou a neutralização de marcas morfológicas e sintáticas próprias das categorias plenas e a apropriação de características secundárias, ocasionando a emergência de formas híbridas.

Dois mecanismos destacam-se na compressão do processo de gramaticalização, a reanálise e a analogia. Acerca da importância deles, Gibbon (2000, p. 32) comenta:

Esses dois mecanismos são reconhecidos como significativos para qualquer processo de mudança na língua, principalmente as mudanças morfossintáticas. (Hopper & Traugott, 1993:32) A reanálise modifica representações subjacentes, sejam elas semânticas, sintáticas ou morfológicas e produz mudança de regra. A analogia, por sua vez, modifica manifestações de superfície e, por si só, não afeta mudanças de regra, ainda que promova a disseminação dentro do sistema lingüístico [*sic*] ou dentro da comunidade.

Acerca da interferência desses dois mecanismos na gramaticalização do verbo *ir*, Oliveira (2006, p. 59) afirma que

A gramaticalização da estrutura *ir* + infinitivo envolve necessariamente uma reanálise, que altera a hierarquia de constituintes, permitindo uma fusão entre elementos que, numa interpretação inicial, pertencem a unidades sintáticas distintas. Ocorre também analogia, pois a construção perifrástica com *ir* + infinitivo é, até certo ponto da história da língua portuguesa, muito semelhante à construção com *haver de* + infinitivo. Aliás, tanto a reanálise como a analogia são mecanismos que atuam na gramaticalização de verbos de movimento em auxiliares de tempo.

Outros aspectos referentes ao processo de gramaticalização do verbo *ir* são focalizados a seguir.

2.3.1 O processo de gramaticalização da perífrase *ir* + infinitivo

A realização da forma perifrástica de futuro *ir* + infinitivo torna-se possível a partir da gramaticalização do verbo *ir*, que, em sua forma plena, é um verbo de movimento, mas, bastante gramaticalizado, torna-se auxiliar e passa a indicar tempo futuro, conforme afirma Bragança (2008, p. 26): “nas construções perifrásticas, o verbo IR apresentaria, assim, matiz temporal, cabendo ao verbo principal a significação externa”. A mesma autora salienta:

O processo de gramaticalização do verbo IR parece ter sido desencadeado por esse estágio de ambiguidade [*sic*] (semântica e sintática) por que passa o verbo. Dessa forma, em alguns contextos, ele deixa de ser pleno, com acepção concreta e livre ocorrência na sentença, e passa a funcionar como auxiliar, com acepção mais abstrata e posição mais fixa, acompanhando outra forma verbal no infinitivo.

Oliveira (2006, p. 74), ao discorrer acerca da relação entre a polissemia e o processo de gramaticalização, explica que “o verbo *ir* é um dos verbos mais polissêmicos e, pois, um dos mais ‘gramaticalizáveis’. Na construção perifrástica com o infinitivo, ele tende a se transformar em auxiliar”. Corroborando Oliveira, Bragança (2008, p. 24) afirma que a polissemia “é o que ocorre com o verbo IR na língua portuguesa, já que apresenta matizes semânticos diversos que só se definem contextualmente ou, às vezes, permanecem ambíguos mesmo com a observação contextual”. Podemos observar a polissemia do verbo *ir* ao analisar algumas sentenças, a exemplo de:

- (a) “E eu VOU pro segundo turno confiante”. (Candidato 1)
- (b) “Agora, a resposta a isso VEM domingo com 25 na cabeça”. (Candidato 1)
- (c) “As obras que VAMOS REALIZAR aqui vão dar uma nova vida a este lugar”. (Candidato 2)
- (d) “E eu amo Salvador e não VOU FICAR de braços cruzados enquanto a minha cidade vai perdendo sua dignidade.”. (Candidato 1)

Nos exemplos (a) e (b), o verbo *ir* apresenta-se com certo grau de gramaticalização, uma vez que a expressão não gramaticalizada de *ir* é verbo pleno que indica movimento no espaço (a qual não foi encontrada no *corpus* analisado). Entretanto, nos dois casos, (a) e (b), ele expressa movimento no tempo. Nos exemplos (c) e (d), o verbo *ir*, desta vez auxiliar, está ainda mais gramaticalizado, visto que, ao mudar de categoria, esvazia-se de significado, a ponto de poder ser usado como auxiliar de um verbo cujo sentido é oposto ao dele sem ocasionar contradição – “VOU FICAR” –, ou podendo, ainda, conforme Gonçalves et alii (2007, p. 21), “no registro coloquial, resultar em construções do tipo *vou ir*, em que, claramente, as funções de *ir* são diferentes: a primeira, um auxiliar de futuro, e a segunda, um verbo de movimento”. Gonçalves et alii (2007, p. 21) explicam, ainda, que:

Heine (1993, 60) sustenta que um dos indícios da mudança de verbo pleno a verbo auxiliar é a possibilidade de esse verbo combinar-se, numa perífrase,

com verbo de mesma etimologia. [...] Mesmo argumento é defendido por Longo & Campos (2002), que, ao propor uma visão não-dicotômica no tratamento de verbos plenos e auxiliares, sustentam que o fato de um verbo poder incidir sobre uma base idêntica indica que o verbo auxiliar e a base não são interpretados como sinônimos e que o auxiliar se esvaziou semanticamente, adquirindo um valor gramatical. Para esses autores, a relação entre verbos plenos e auxiliares pode ser mais bem compreendida através de um *continuum* de gramaticalização.

Castilho (1997, p. 29) acrescenta:

Ao gramaticalizar-se, o item lexical perde substância semântica (bleaching”, “fading”) e fonológica. Quando um item lexical “migra” para a gramática, ele passa a comportar-se como morfema livre (no caso dos Auxiliares), ou como morfema preso (no caso dos afixos derivados de um morfema livre).

Assim, constata-se que o processo de gramaticalização do verbo *ir* é um fenômeno consideravelmente complexo, pois apresenta diferenças semânticas muito sutis bem como linhas tênues entre os outros traços que o caracterizam, tornando, portanto, bastante difícil fazer distinções entre eles e propor definições para o referido verbo nos mais distintos contextos.

3 METODOLOGIA

3.1 *CORPUS*

O *corpus* da pesquisa foi constituído pelos discursos políticos dos dois candidatos a prefeito mais votados nas eleições do ano de 2012 em cada uma das três maiores cidades da Bahia, a saber, Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista, respectivamente, totalizando seis candidatos. No quadro a seguir são apresentadas informações acerca de cada candidato:

Quadro 1 – Informações sobre os candidatos

	CANDIDATO 1	CANDIDATO 2	CANDIDATO 3	CANDIDATO 4	CANDIDATO 5	CANDIDATO 6
Cidade	Salvador	Salvador	Feira de Santana	Feira de Santana	Vitória da Conquista	Vitória da Conquista
Idade	35	54	63	50	70	66
Profissão	Advogado	Advogado	Administrador	Advogado	Médico	Jornalista
Partido	DEM	PT	DEM	PT	PT	PMDB
Resultado da eleição	Eleito	Não eleito	Eleito	Não eleito	Eleito	Não eleito

Optou-se por trabalhar com o discurso político devido às características peculiares desse gênero textual, as quais o tornam especialmente interessante no estudo da mudança linguística futuro simples > futuro perifrástico, que está em fase de completude na escrita; na fala, entretanto, esse processo de mudança praticamente já se completou. Assim, o discurso político, gênero textual situado entre a fala e a escrita, associado ao exercício do poder, que, como tal, se utiliza de formas linguísticas que gozam de prestígio social, torna-se oportuno como amostra para o exame do referido processo de mudança, conforme pode ser observado em *3.4 O gênero textual/discursivo discurso político*.

Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista foram escolhidas porque são as três maiores cidades da Bahia, o maior estado do Nordeste. Além disso, a expressão do futuro verbal nunca fora antes observada nas três cidades juntas, muito menos no discurso político. O mapa, a seguir, mostra a localização das três cidades no estado da Bahia:

Figura 1: Mapa com as três maiores cidades da Bahia



O estado da Bahia tem como capital Salvador, município composto por mais de 2,9 milhões de habitantes, o que o torna o município mais populoso do Nordeste e o terceiro mais populoso do Brasil. Salvador foi a primeira capital do Brasil e é uma das mais antigas da América. Foi fundada em 1549, a partir da ordem vinda de Portugal de

criar uma cidade-fortaleza. Assim foi estabelecida a cidade, que já era também, desde a origem, capital, fato que é definido muito bem por Klinke e Marques (1999): “Salvador, conclui-se, foi desde o primeiro instante cosmopolita. Não se tratava de um povoado que foi crescendo. A cidade já surge estruturada. Salvador não nasce de um passado, mas de um projeto de futuro que era construir o Brasil”. Salvador continuou a ser capital do Brasil e sede da administração colonial até 1763, ano em que a cidade do Rio de Janeiro passou a ser a nova capital. Atualmente, Salvador é uma das cidades mais economicamente relevantes do Brasil, destacando-se como importante porto exportador, centro industrial, administrativo e turístico do país.

Feira de Santana, a maior cidade do interior da Bahia, está situada a cerca de cem quilômetros da capital. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população atual estimada da cidade é de 612.000 habitantes. A primeira vila, no local onde hoje está situada a cidade, foi fundada no século XVII. No século XIX, a sede da urbe foi mudada para uma fazenda, na qual recebeu o nome de Santana dos Olhos d'Água. O município, que cresceu a partir de atividades comerciais, especialmente feiras, foi emancipado em 1832, entretanto só recebeu o nome de Feira de Santana em 1938, após diversos impasses entre população e governo. Como o próprio nome sugere e a história constata, Feira de Santana nasceu do comércio e continua a ser essencialmente comercial, sendo, também, importante centro industrial do Norte-Nordeste e uma das cidades que mais crescem no país. Além disso, sua localização privilegiada a torna o principal entroncamento rodoviário do Norte-Nordeste brasileiro e o segundo do Brasil, atrás apenas de São Paulo.

A cidade de Vitória da Conquista localiza-se no sudoeste baiano. O IBGE estima que sua população atual seja de 340.199 habitantes, o que a torna a terceira cidade mais populosa do estado. O município, originalmente chamado de O Arraial da Conquista, foi fundado em 1783 por João Gonçalves da Costa, sertanista português que foi enviado ao Brasil pelo então Rei de Portugal D. José I, a fim de conquistar as terras ao oeste da costa da Bahia. Em 1891, passou a ser, de fato, cidade, recebendo o nome de Conquista. Apenas em 1943 passa a chamar-se Vitória da Conquista. Até a década de 1940, a base econômica do município era a pecuária extensiva. A partir de então, a cidade destaca-se pelo forte comércio, o qual é favorecido pela ótima localização geográfica da cidade, que permite sua fácil integração, não só às demais regiões do estado como também ao restante do país.

É importante salientar que os discursos políticos utilizados nesta pesquisa foram veiculados pela TV durante as campanhas políticas do ano de 2012 e disponibilizados na

Internet. O fator que determinou a escolha dos informantes foi a quantidade de programas produzidos por cada candidato. Foram selecionados apenas os dois candidatos mais votados em cada uma das três cidades porque, em algumas das cidades, os demais candidatos produziram poucos programas, gerando raros ou, em alguns casos, nenhum dado que pudesse ser utilizado na pesquisa.

A primeira etapa da pesquisa foi a coleta de dados, na qual foram baixados da Internet os vídeos dos programas eleitorais dos candidatos, os quais foram exibidos pela TV durante os meses de agosto a outubro de 2012. A seguir, os dados foram levantados, transcritos, codificados e processados pelo programa GoldVarb, que calculou a frequência, os percentuais e os pesos relativos das variáveis linguísticas e sociais consideradas no presente estudo. Os resultados foram interpretados com base na Teoria Variacionista Laboviana.

No total, foram levantados 616 dados, os quais foram codificados a partir de dezoito grupos de fatores:

1. Extensão fonológica do verbo principal no infinitivo;
2. Pessoa verbal;
3. Conjugação verbal;
4. Paradigma verbal;
5. Tipo de sujeito;
6. Animacidade do sujeito;
7. Papel temático do sujeito;
8. Tipo de verbo;
9. Transitividade verbal;
10. Natureza semântica do verbo;
11. Presença/ausência de futuridade fora do verbo;
12. Projeção de futuridade;
13. Paralelismo sintático-discursivo;
14. Informante;
15. Cidade;
16. Faixa etária;
17. Monitoração estilística;
18. Momento da campanha.

Cada uma dessas variáveis está descrita a seguir.

3.2 VARIÁVEL DEPENDENTE

Um dos objetivos desta pesquisa é verificar de que maneiras o futuro verbal é expresso no discurso político. Assim, foram encontradas seis formas de expressão do futuro verbal: futuro simples (“E a vitória *será* nossa!”); perífrase com *ir* no presente + infinitivo (“Mas eu *vou fazer* mais do que isso.”); perífrase com *ir* no futuro + infinitivo (“Esse é o novo caminho que *iremos seguir* juntos.”); presente do indicativo (“A resposta a isso *vem* domingo com 25 na cabeça.”); perífrase com *haver de* no futuro + infinitivo (“*Haveremos* de mandar imediatamente para a Câmara de Vereadores um projeto de lei promovendo anistia e remissão.”); perífrase com *estar* + gerúndio (“Nós *estaremos fazendo* essa parceria com os desportistas de Feira.”).

3.3 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Variação e mudança são características inerentes a todas as línguas naturais, dada a natureza heterogênea dos sistemas linguísticos. Em todos os processos de variação e mudança estão envolvidos grupos de fatores diferentes, alguns de ordem estrutural e outros que estão diretamente ligados ao usuário da língua e ao ambiente em que este se insere, os chamados fatores sociais. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126), “fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística”. A consideração desses fatores no estudo da variação e da mudança garante sistematicidade às investigações feitas acerca desses processos: “as pressões internas, estruturais, e as pressões sociolinguísticas agem em alternância sistemática no mecanismo da mudança linguística” (LABOV, 2008 [1972], p. 214).

Dada a importância dos fatores internos e externos ao sistema linguístico nos processos de variação e mudança, neste estudo é abordada a interferência deles na realização do futuro verbal no português brasileiro, ou seja, como esses grupos de fatores atuam e de que forma eles favorecem ou desfavorecem determinadas formas verbais.

3.3.1 Variáveis linguísticas

3.3.1.1 ‘Extensão fonológica do verbo’

Esta variável refere-se à quantidade de sílabas que o verbo principal possui (no infinitivo). Segundo Oliveira (2006, p. 136), a interferência dessa variável na realização do futuro acontece da seguinte forma: o futuro simples provoca uma diferença na extensão fonológica do verbo, acrescentando a ele uma sílaba. Nos verbos que já possuem uma grande quantidade de sílabas, o uso do futuro simples dificultaria a sua pronúncia e o distanciaria dos padrões vocabulares a que os falantes estão acostumados, visto que a maioria das palavras da língua portuguesa possui duas ou três sílabas. Com base nessas hipóteses, o futuro simples seria mais utilizado com os verbos com menor quantidade de sílabas, enquanto a perífrase seria a preferida quando a forma verbal infinitiva apresentasse maior extensão fonológica.

Eis alguns exemplos:

Verbo monossilábico:

(1) “Durante a campanha ficou claro como SERÁ o nosso jeito de governar Salvador.” (Candidato 1 – 26/10/12)

Verbo dissilábico:

(2) “VAMOS FAZER aqui o mesmo que fizemos nas Rótulas do Aeroporto e do Abacaxi.” (Candidato 2 – 07/09/12)

Verbo com três ou mais sílabas:

(3) “VOU PREPARAR a cidade para a Copa do Mundo 2014.” (Candidato 2 – 03/09/12)

3.3.1.2 ‘Pessoa verbal’

Esta variável distribui os dados em três fatores: P1, P2 e P3, que representam, respectivamente, a primeira, a segunda e a terceira pessoas verbais do singular e do plural.

Segundo Oliveira (2006, p. 27), além do valor temporal, “a perífrase tem também um valor modal, já que a ela está vinculado o traço modal de maior intenção ou certeza”. Sendo assim, para a autora, a primeira pessoa do singular favorece a seleção da perífrase (*ir* + infinitivo), pois essa variante garante um maior grau de assertividade em relação ao tempo futuro e, neste caso, o falante está mais comprometido com a realização da ação expressa pelo verbo.

A pesquisa de Oliveira (2011) confirma essa afirmação de forma surpreendente. Ao comparar dados da escrita padrão brasileira com a escrita padrão portuguesa, mesmo com uma ínfima quantidade de dados com primeira pessoa do singular, esta apresentou o maior peso relativo, o que mostra a importância da primeira pessoa no uso da forma inovadora de futuro.

Seguem alguns exemplos:

P1 (*eu, nós/a gente*):

(4) Mas eu VOU DEDICAR toda a minha energia para trabalhar e transformar essa cidade que eu tanto amo. (Candidato 1 – 26/10/12)

(5) Mas podem ter certeza: eu não VOU DECEPCIONAR vocês. (Candidato 1 – 26/10/12)

(6) VAMOS CONTINUAR firmes! (Candidato 1 - 26/10/12)

(7) Porque a gente VAI TER todos os órgãos da Prefeitura acompanhando o dia a dia do bairro. (Candidato 1 - 01/10/12)

(8) Para mudar Salvador, a gente VAI PRECISAR de muito trabalho e um prefeito que conheça os problemas da nossa cidade. (Candidato 2 – 01/10/12)

P2 (*ocê/o senhor, vocês*):

(9) Com apenas uma passagem, ocê VAI PODER utilizar qualquer transporte público por três horas, seja ele ônibus, trem ou metrô. (Candidato 1 – 28/09/12)

(10) Você vem da BR, ocê já VAI CAIR direto na Via Regional.

(11) Se Deus quiser, daqui a quatro anos o senhor VAI VIVER em outra cidade. (Candidato 1 – 21/09/12)

(12) Vocês VÃO CONSEGUIR atender um número muito maior de crianças. (Candidato 1 - 25/10/12)

(13) Eu quero desejar pra vocês muita felicidade nessa vida nova que vocês TERÃO aqui. (Candidato 2 – 14/09/12)

P3 (*ele, eles*):

(14) Esta solução VAI MELHORAR o trânsito e prevenir acidentes. (Candidato 2 – 19/09/12)

(15) E esse caminho é o caminho que VAI NOS LEVAR ao TRI-VIA, que VAI NOS LEVAR à melhoria ainda mais da qualidade de vida do nosso povo na habitação. (Candidato 4 – 17/09/12)

(16) Todas as estações da cidade SERÃO reformadas. (Candidato 1 - 28/09/12)

(17) A saúde de Salvador vai melhorar muito e as pessoas VÃO PODER ter uma vida melhor. (Candidato 2 – 27/08/12)

3.3.1.3 ‘Conjugação verbal’

Esta variável agrupa os verbos pelas três conjugações: primeira conjugação, na qual os verbos apresentam vogal temática *a* (*estudar, cantar, falar*); segunda conjugação, na qual os verbos apresentam vogal temática *e* (*fazer, dizer, comer*); e terceira conjugação, na qual os verbos apresentam vogal temática *i* (*dormir, fugir, sair*).

De acordo com Oliveira (2006), a mudança futuro simples > futuro perifrástico atinge primeiramente “verbos da primeira conjugação, já que são os mais frequentes na língua portuguesa (CÂMARA JR., 1980)”. A autora mostra ainda que o presente é mais empregado com verbos da segunda e da terceira conjugações.

Seguem exemplos com verbos de primeira conjugação, segunda conjugação e terceira conjugação, respectivamente:

1ª conjugação:

(18) E VOU TRABALHAR para resolver cada um deles. (Candidato 2 – 12/09/12)

2ª conjugação:

(19) VOU RESOLVER cada um deles, trabalhando junto com Dilma e Wagner. (Candidato 2 – 07/09/12)

3ª conjugação:

(20) VOU EXIGIR que as empresas façam uma renovação total da frota de ônibus.
(Candidato 1 - 28/09/12)

3.3.1.4 ‘Paradigma verbal’

Este grupo de fatores refere-se aos verbos regulares e irregulares. Para Cunha e Cintra (2007, p. 400), verbos regulares são aqueles que se flexionam “de acordo com o modelo que representa o tipo comum da conjugação” (a exemplo de *brincar, comer, assistir*) e os verbos irregulares – também chamados de verbos de padrão especial – são aqueles que “se afastam do paradigma de sua conjugação” (a exemplo de *estar, fazer, pedir*).

Em relação ao processo de mudança aqui analisado, segundo Oliveira (2006, p. 116), a mudança linguística em análise atinge primeiro os verbos regulares, pois o falante sente-se mais seguro em utilizar a forma inovadora com as formas verbais que apresentam um padrão mais comum, com o qual ele estaria mais familiarizado. Essa afirmação é ratificada por Almeida e Oliveira (2012), ao dizerem que “pesquisas anteriores revelaram a preferência dos falantes pelo futuro simples com verbos irregulares e a predominância do futuro perifrástico com verbos regulares”. Quanto aos verbos irregulares, Oliveira e Gonçalves (2010, p. 147) afirmam que “esses verbos, segundo Bybee (2003), por terem uma frequência alta de uso na língua, resistem a mudanças e, sendo estocados na memória do falante como únicos (especiais), mantêm o futuro simples, pois não seguem padrões gerais”.

Seguem exemplos com verbos regulares e irregulares, respectivamente:

Verbo regular:

(21) VAMOS IMPLANTAR o sistema de bilhete único integrado. (Candidato 1 - 28/09/12)

Verbo irregular:

(22) Por isso, VOU FAZER valer a Lei da Acessibilidade em todos os projetos públicos e privados de Salvador. (Candidato 2 - 07/09/12)

3.3.1.5 ‘Tipo de sujeito’

Esta variável classifica o sujeito em quatro tipos: lexicalmente preenchido, pronominal, oracional e desinencial (os tipos de sujeito indeterminado e inexistente foram inicialmente considerados, entretanto, visto que não houve ocorrência de ambos os fatores no *corpus* analisado, a pesquisa foi continuada com apenas quatro fatores). Oliveira (2006, p. 70) mostra que o sujeito oracional parece favorecer a perífrase, enquanto o sujeito inexistente seleciona o futuro simples, devido à impessoalidade do verbo. No entanto, a autora afirma que este grupo de fatores exerce pouca influência na variável futuro verbal, pois em sua pesquisa os valores percentuais dos tipos de sujeito encontrados são muito próximos.

Em outros estudos não foram encontrados resultados relevantes acerca da interferência deste grupo de fatores na referida variável.

Seguem exemplos com sujeito lexicalmente preenchido, pronominal, oracional e oculto, respectivamente:

Sujeito lexicalmente preenchido:

(23) Os alunos VÃO PERMANECER dois turnos nas escolas com aulas do currículo convencional, reforço escolar, oficinas de iniciação artística, de esportes e informática. (Candidato 3 – 24/08/12)

Sujeito pronominal:

(24) Olha, aqui nós ESTAREMOS CONSTRUINDO um túnel, uma passagem subterrânea, para desafogar e acabar definitivamente com o problema do trânsito nesta área de Feira de Santana. (Candidato 3 – 28/09/12)

Sujeito oracional:

(25) Quem quiser ganhar a vida honestamente VAI TER a oportunidade de fazer. (Candidato 2 - 14/09/12)

Sujeito oculto:

(26) VOU FAZER aqui o mesmo que fizemos na Estação de Transbordo do Iguatemi. (Candidato 2 - 14/09/12)

3.3.1.6 ‘Animacidade do sujeito’

Neste grupo analisa-se a interferência dos traços [+ humano], [- humano], [+ animado] e [- animado] na expressão do futuro, a partir dos fatores ‘sujeito animado humano’, ‘sujeito animado não-humano’, ‘sujeito inanimado’ e ‘sujeito coletivo’ (coletivo humano). Oliveira (2006, p. 80) explica a importância dessa variável para o objeto de estudo:

Observa-se que o traço de animacidade do sujeito é importante na criação de um contexto favorável à gramaticalização do verbo *ir*. Conforme dizem Bybee *et alii* (1994), a gramaticalização dos verbos de movimento em verbos auxiliares de futuro passa por um estágio em que eles expressam ‘intenção’, primeiramente do falante. Num outro estágio, a intenção, transferida ao agente do verbo principal, é atribuída a outra pessoa, podendo ser interpretada como ‘predição’. Assim, para os autores, construções de futuro que se originam de verbos de movimento têm início com uma semântica de expressão de intenção do agente e caminham para um sentido de predição. Daí a importância de um sujeito animado para que esse contexto seja instaurado.

Os exemplos (27), (28) e (29) ilustram os fatores ‘sujeito animado humano’, ‘sujeito inanimado’ e ‘sujeito coletivo’, respectivamente. Não foram encontrados dados de ‘sujeito animado não-humano’ no *corpus* analisado.

Sujeito animado humano:

(27) A gente VAI CONSEGUIR atender um número muito maior de crianças.
(CANDIDATO 1 - 10/09/12)

Sujeito inanimado:

(28) A Arena Fonte Nova também VAI REVITALIZAR essa importante região da cidade. (Candidato 2 - 29/08/12)

Sujeito coletivo humano:

(29) A prefeitura VAI PRECISAR ampliar as creches em nossa cidade.
(CANDIDATO 1 - 22/10/12)

3.3.1.7 ‘Papel temático do sujeito’

Segundo Cunha e Cintra (2007, p. 145), “quando o verbo exprime uma ação, a atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade, ou de atividade e passividade ao mesmo tempo”. Sabe-se que quando o sujeito executa a ação ele é chamado sujeito agente, quando sofre a ação é sujeito paciente. Mas há ainda uma terceira categoria de sujeito, o chamado sujeito experienciador (OLIVEIRA, 2006). Este ocorre quando o sujeito nem pratica uma ação e nem a sofre, ele apenas experiencia algo. Segundo Oliveira (2006, p. 177), na variação do futuro verbal, espera-se que a interferência desses fatores aconteça da seguinte forma:

O sujeito agente favoreceria o uso da perífrase, já que haveria um maior comprometimento em relação ao futuro e um maior grau de certeza da realização da ação num tempo posterior ao momento da fala, pois ele é quem realizaria essa ação. Já o sujeito paciente selecionaria o futuro simples, ficando o sujeito experienciador em posição intermediária.

A autora destaca a importância do traço de agentividade, que tem se mostrado um importante fator impulsionador da mudança futuro simples > futuro perifrástico, dada a sua relação com a forma inovadora de futuro:

O traço de agentividade desempenha um papel fundamental na trajetória do verbo *ir* de pleno a auxiliar [...]. No processo de gramaticalização do futuro perifrástico, a sua ocorrência com sujeitos [+ agente] pode indicar uma persistência de traços da forma fonte (BYBEE *et alii*, 1994). O verbo *ir*, em seu sentido pleno, seleciona um sujeito agente. (OLIVEIRA, 2006, p. 119)

Os exemplos (30), (31) e (32) apresentam sujeito agente, paciente e experienciador, respectivamente:

Sujeito agente:

(30) Outro ponto crítico que VOU RESOLVER, em parceria com Dilma e Wagner, é este aqui, o da Rótula dos Barris. (Candidato 2 - 07/09/12)

Sujeito paciente:

(31) Este é um desafio que vou enfrentar, assim como o do trânsito, que não SERÁ resolvido apenas com ordenamento e fiscalização. (Candidato 2 - 07/09/12)

Sujeito experienciador:

(32) Estes são compromissos que assumo com você e que **SERÃO** os pilares de todo o meu governo. (Candidato 1 - 22/08/12)

3.3.1.8 ‘Tipo de verbo’

Este grupo de fatores classifica os verbos em cinco tipos: principal, modal, aspectual, auxiliar *ser*, auxiliar *ter/haver*. Acerca dos verbos auxiliares, a gramática normativa apresenta tradicionalmente quatro verbos auxiliares com uso frequente na língua (*ter*, *haver*, *ser* e *estar*). Mas o verbo *ir* como auxiliar de movimento, ainda não documentado na tradição gramatical, conquista espaço cada vez maior na língua portuguesa. Este é fruto de um processo de gramaticalização no qual ele passa de pleno a auxiliar.

Segundo Almeida e Oliveira (2012), os verbos modais e o auxiliar *ser* tendem a bloquear o espraiamento da forma inovadora de futuro, uma vez que selecionam a forma padrão. Segundo elas, a extensão fonológica desses verbos, os quais possuem uma ou duas sílabas, justifica a sua relação com o futuro simples, já que, como visto anteriormente, os verbos com menor extensão fonológica geralmente selecionam a forma padrão. No caso do verbo auxiliar *ser*, além da sua pequena extensão vocabular, sua irregularidade constitui, ainda, outro fator que bloqueia a mudança.

Visto que não houve ocorrência de verbo auxiliar *ter/haver*, este foi retirado da análise e a variável passou a ter apenas quatro fatores. Seguem exemplos de verbo principal, modal, aspectual e auxiliar *ser*:

Verbo principal:

(33) Aqui na Rótula de Cajazeiras IV, ela VAI PASSAR e VAI SE INTEGRAR à Via Regional, que vai ser ampliada e requalificada. (Candidato 2 - 19/09/12)

Verbo modal:

(34) PODEREMOS receber grandes shows, artistas, convenções, gerando milhares de empregos em nossa cidade. (Candidato 2 - 29/08/12)

Verbo aspectual:

(35) Com mais organização, o atendimento médico já VAI COMEÇAR A melhorar. (Candidato 1 - 19/10/12)

Verbo auxiliar *ser*:

(36) Isso VAI SER feito em duas etapas. (Candidato 1 - 05/09/12)

3.3.1.9 'Transitividade verbal'

Este grupo de fatores divide os verbos em intransitivo, copulativo, transitivo direto, transitivo indireto e bitransitivo (transitivo direto e indireto). A pesquisa de Almeida e Oliveira (2012) mostrou que os verbos intransitivos e bitransitivos favorecem o futuro perifrástico, enquanto o verbo copulativo o desfavorece, selecionando o futuro simples. Quanto ao verbo intransitivo, as autoras explicam que:

O peso relativo de .78 para o verbo intransitivo pode ser justificado pelo fato de que esse tipo de verbo está associado ao traço de agentividade, o qual vem se mostrando um importante fator condicionante da mudança linguística em curso aqui estudada. A grande maioria dos verbos intransitivos apresenta sujeito agente. (ALMEIDA e OLIVEIRA, 2012, p. 2445)

Quanto aos verbos transitivos, estes, em geral, favorecerem a perífrase. Oliveira (2006, p. 68) argumenta: “os verbos transitivos, já que projetam vários argumentos, favoreceriam a forma perifrástica para que houvesse um maior equilíbrio na distribuição dos constituintes da oração”.

Os exemplos (37), (38), (39), (40) e (41) demonstram verbo intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, bitransitivo e copulativo, respectivamente:

Verbo intransitivo:

(37) Mas isso VAI MUDAR. (Candidato 2 22/08/12)

Verbo transitivo direto:

(38) Nós VAMOS INSTALAR banheiros decentes e cuidar da limpeza da praia.
(Candidato 1 - 05/09/12)

Verbo transitivo indireto:

(39) VOU CUIDAR da orla de Salvador com a mesma atenção para todos os lugares. (Candidato 2 - 29/08/12)

Verbo bitransitivo:

(40) Eu quero fazer um governo em Salvador que tenha como marca principal a prioridade que nós VAMOS DAR às áreas mais pobres e mais carentes da nossa cidade. (Candidato 1 - 17/09/12)

Verbo copulativo:

(41) Todas as estações da cidade SERÃO reformadas. (Candidato 1 - 28/09/12)

3.3.1.10 ‘Natureza semântica do verbo’

O verbo na língua portuguesa é conhecido como a categoria morfológica que marca o tempo. Associado a esta característica, ele é abordado nas gramáticas (CORÔA, 2005) e, conseqüentemente, ensinado nas escolas, de modo que seu valor semântico é, em geral, desconsiderado. No entanto Corôa (2005, p. 15) afirma que “o tempo parece ser uma categoria semântica universal”. Assim sendo, não estaria ele – o tempo – diretamente ligado ao verbo. A autora afirma ainda que

Embora na investigação linguística o relacionamento entre conceito de tempo e verbo seja de muitas maneiras questionado, a gramática tradicional aprisiona os verbos portugueses em compartimentos estanques e impróprios demais para captar toda a sua significação: os paradigmas verbais. (CORÔA, 2005, p. 17)

De fato, o valor semântico do verbo ainda é pouco estudado, é deixado de lado em meio a tantas outras características dessa complexa categoria gramatical.

Para Câmara Jr. (1975, p. 127), a flexão verbal serve tanto para indicar o sujeito verbal quanto para “designar certas características que acompanham obrigatoriamente, dentro da língua, a *significação intrínseca* da forma verbal” (grifo meu).

Dado o reconhecimento de que o verbo é muito mais do que um vocábulo que se encerra em seu valor temporal, no processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico, a variável ‘natureza semântica do verbo’ classifica os verbos em: verbos que indicam evento, processo, estado e verbos cognitivos (quando indicam estado psicológico). Segundo Oliveira (2006), essa variável interfere na referida mudança de modo que o verbo *ir*, em sua forma gramaticalizada como auxiliar de movimento, une-se a outros verbos que também exprimem movimento. Dessa forma, de acordo com a autora, os verbos que indicam processo e evento (ao lado dos verbos cognitivos) favorecem o uso

da forma inovadora de futuro, ao contrário dos verbos que indicam estado, os quais a inibem.

Eis alguns exemplos:

Verbos que indicam processo:

(42) É junto com você, minha amiga e meu amigo, que VAMOS CONSTRUIR esse novo caminho para nossa amada Feira. (Candidato 4 - 24/08/12)

(43) VAMOS, também, IMPLANTAR as Prefeituras Bairro, que vão resolver os problemas do dia a dia das pessoas. (Candidato 1 - 28/09/12)

Verbos que indicam evento:

(44) Esse caruru VAI SER aonde? (Candidato 2 - 31/08/12)

(45) Mas isso não VAI ACONTECER. (Candidato 2 - 20/10/12)

Verbos que indicam estado (físico):

(46) Isso VAI SER feito em duas etapas. (Candidato 1 - 05/09/12)

(47) Você não sabe se VAI TER hoje, se VAI TER amanhã. (Candidato 2 - 10/09/12)

Verbos cognitivos (indicam estado psicológico):

(48) VOU HONRAR o apoio de cada um de vocês sendo o prefeito mais dedicado que essa cidade já teve. (Candidato 2 - 16/10/12)

(49) Mas podem ter certeza: eu não VOU DECEPCIONAR vocês. (Candidato 1 - 26/10/12)

3.3.1.11 'Presença/ausência de futuridade fora do verbo'

Esse grupo de fatores está relacionado ao fato de haver ou não algum constituinte de valor temporal de futuro além do verbo, tais como advérbio, oração temporal, contexto discursivo ou ausência de marca. A pesquisa de Santos (2012) revela que a presença de futuridade fora do verbo favorece o presente do indicativo, visto que este, por não indicar futuro morfologicamente, necessita de outro elemento indicador de futuridade. Quanto à ausência de futuridade fora do verbo, esta favorece a forma perifrástica. Segundo ele,

Isso se explica para evitar a duplicidade da marcação temporal de futuro, pois o auxiliar, na perífrase de futuro, faz essa marcação. Por outro lado, o contexto com <Presença de outro constituinte de valor temporal> [...] desfavorece a forma perifrástica de futuro, abrindo o espaço para o uso do presente, forma não marcada morfologicamente, que necessita, por isso, de marcação fora do verbo. (SANTOS, 2012, p. 95)

O referido autor faz ainda uma interessante revelação: o verbo *ir* no presente, mesmo estando sozinho (sem nenhum outro elemento que indique futuro), é capaz de indicar futuridade. Ele explica que

O verbo *ir*, em suas formas do presente do indicativo, é interpretado como indicando futuro. Para indicar o presente é necessária a ancoragem de um sintagma ou oração adverbial, como *sempre*, *todos os dias*. A opção mais comum para a indicação do presente do verbo *ir* é o uso da forma composta *tenho ido*, *tem ido*. (SANTOS, 2012, p. 95)

Visto que não houve ocorrências de ‘oração temporal’, este fator foi retirado da análise. Seguem exemplos dos fatores ‘advérbio’, ‘contexto discursivo’ e ‘ausência de futuridade fora do verbo’:

Advérbio:

(50) Mas eu também quero ser um prefeito que plante sementes que VÃO DAR frutos no futuro. (Candidato 1 - 19/10/12)

(51) Domingo você VAI ESCOLHER o futuro da nossa cidade. (Candidato 2 - 26/10/12)

‘Contexto discursivo’

(52) Logo no início do meu governo, VOU ADOTAR intervenções no trânsito de Cajazeiras. (Candidato 2 – 19/09/12)

(53) Se você assim quiser e me eleger prefeito de Vitória da Conquista, IREI, logo no primeiro ano de governo, TOMAR as providências necessárias para instituir nossa Guarda Municipal. (Candidato 6 – 03/09/12)

Ausência de futuridade fora do verbo:

(54) Nós VAMOS TRAZER para Feira um projeto novo que vai melhorar e organizar o transporte coletivo público, mas que tem um objetivo muito maior. (Candidato 4 - 29/08/12)

(55) É junto com você, minha amiga e meu amigo, que VAMOS CONSTRUIR esse novo caminho para nossa amada Feira. (Candidato 4 - 24/08/12)

3.3.1.12 'Projeção de futuridade'

Esta variável controla se o futuro é próximo, distante ou indefinido. As definições quanto à projeção do futuro não são fixas. Neste estudo, o futuro considerado próximo é o período compreendido entre o ato de fala e as eleições. O futuro projetado para um momento posterior às eleições é considerado distante, desde que seja ele definido. Obviamente, um futuro indefinido seria aquele em que o falante não deixa claro o momento em que a ação será realizada.

Oliveira (2006, p. 124) explica a interferência desse grupo de fatores na expressão do futuro verbal:

Quando o falante se refere a um futuro próximo ao ato de fala, ou seja, que ocorrerá em breve, espera-se que a perífrase seja preferida em detrimento da forma simples, pois, por expressar maior modalidade, reflete uma maior certeza em relação ao futuro. [...] Quanto mais próximo do falante o ponto projetado no futuro, maior o uso da perífrase; quanto mais distante do ponto temporal do ato de fala, portanto mais distante do falante, menor o uso da perífrase.

Seguem alguns exemplos:

Futuro próximo:

(56) E nos próximos programas VOU APRESENTAR aqui a você mais detalhes sobre o TRI-VIA e sobre muitos outros projetos que preparamos para modernizar Feira. (Candidato 4 - 29/08/12)

(57) Por mais que tentem atacar a minha honra e a minha dignidade, VOU CONTINUAR nossa campanha de cabeça erguida, conversando com a nossa gente, mostrando nossas propostas e projetos. (Candidato 3 - 21/09/12)

Futuro distante:

(58) Eu sei que em quatro anos nós não VAMOS CONSEGUIR resolver todos os problemas da nossa cidade. (Candidato 1 - 19/10/12)

(59) É por isso que uma das principais inovações que IREMOS TRAZER para nossa cidade, logo no início do mandato, será no trânsito e no transporte coletivo. (Candidato 4 - 29/08/12)

Futuro indefinido:

(60) Porque, com certeza, a boa chuva VIRÁ no tempo certo. (Candidato 5-31/08/12)

(61) Um dia eu VOU SER prefeito dessa cidade. (Candidato 4 - 22/08/12)

3.3.1.13 ‘Paralelismo sintático-discursivo’

Esta variável refere-se às orações que se repetem em cadeia. Classificam-se as orações em: ‘ocorrência única’, ‘primeira ocorrência de uma série’, ‘ocorrência após forma idêntica’, ‘ocorrência após forma diferente’. O critério utilizado neste estudo para definir os fatores foi o tópico da conversa; assim, um dado é classificado como ‘ocorrência única’ quando, durante um determinado tópico do discurso, houver apenas uma ocorrência de qualquer forma verbal. Se, num mesmo tópico, houver mais de uma ocorrência de futuro verbal, a primeira será definida como ‘primeira ocorrência de uma série’ e as demais como ‘ocorrência após forma idêntica’, em caso de formas verbais iguais, ou ‘ocorrência após forma diferente’, em caso de formas verbais distintas.

Neste grupo de fatores, observa-se o chamado “princípio do paralelismo”, segundo o qual o falante tende a repetir a forma utilizada anteriormente em uma ocorrência em cadeia. Silva (1999, p. 69) explica que

De modo geral, o paralelismo configura-se como um fenômeno discursivo assinalado pela presença de repetições nos níveis fonológico, morfológico, lexical, sintático e semântico. Mas a literatura linguística associa-o, de modo específico, com a ideia de repetição de estruturas.

Segundo Scherre (1998, p. 30), “a própria repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas linguísticos em diversas línguas”. Corroborando Scherre (1998), Oliveira (2006) e Santos (2012) destacam em suas pesquisas a importância do paralelismo. Em ambos os trabalhos, o futuro perifrástico

ocorre com maior frequência quando precedido de forma idêntica (o que comprova a influência da oração anterior) e quando esta forma é a primeira de uma série.

Seguem exemplos de ‘ocorrência única’, ‘primeira ocorrência de uma série’, ‘ocorrência após forma idêntica’, ‘ocorrência após forma diferente’, respectivamente:

Ocorrência única:

(62) Agora, VOU FAZER aqui. (Candidato 2 - 21/09/12)

Primeira ocorrência de uma série:

(63) Investindo em cultura e estimulando a economia criativa, VAMOS DAR oportunidade aos nossos jovens de trabalhar com música, cinema, teatro, internet, design, pesquisa, informação, jogos eletrônicos e muitas outras áreas que vão gerar bons empregos. (Candidato 2 - 26/09/12)

Ocorrência após forma idêntica:

(64) Investindo em cultura e estimulando a economia criativa, vamos dar oportunidade aos nossos jovens de trabalhar com música, cinema, teatro, internet, design, pesquisa, informação, jogos eletrônicos e muitas outras áreas que VÃO GERAR bons empregos. (Candidato 2 - 26/09/12)

Ocorrência após forma diferente:

(65) Nós vamos criar o Multicentro Salvador. No Multicentro SERÁ possível fazer exames e consultas em um só lugar. (Candidato 1 - 19/10/12)

3.3.2 Variáveis sociais

Os fatores sociais, também chamados de extralinguísticos, são os fatores que se referem tanto às características sociais dos usuários da língua quanto ao contexto de fala, os quais influenciam na seleção das formas linguísticas. Nesta pesquisa, foram considerados quatro fatores de ordem social: informante, faixa etária, monitoração estilística e momento da campanha.

3.3.2.1 'Informante'

Estabelece-se uma comparação entre os discursos dos prefeitos, a fim de verificar como se expressam e em qual dos discursos a forma inovadora é mais favorecida. Os exemplos a seguir apresentam discursos de cada um dos seis informantes considerados, Candidato 1, Candidato 2, Candidato 3, Candidato 4, Candidato 5 e Candidato 6, respectivamente:

Candidato 1:

(66) E, se Deus quiser, nós VAMOS CHEGAR lá. (Candidato 1 - 08/10/12)

Candidato 2:

(67) Domingo você VAI ESCOLHER o futuro da nossa cidade. (Candidato 2 - 26/10/12)

Candidato 3:

(68) VAMOS FORTALECER o trabalho integrado com as polícias Militar, Civil, Federal, Guarda Municipal, Defesa Civil, municípios vizinhos e organizações sociais. (Candidato 3 - 24/09/12)

Candidato 4:

(69) Um dia eu VOU SER prefeito dessa cidade. (Candidato 4 - 22/08/12)

Candidato 5:

(70) Enfim, tenho dito o que VOU FAZER, onde FAREI, quando e como VOU FAZER. (Candidato 5- 20/10/12)

Candidato 6:

(71) As escrituras nós IREMOS ENTREGAR numa grande festa da cidadania. (Candidato 6 - 26/10/12)

3.3.2.2 'Cidades

Por meio deste grupo de fatores verifica-se o comportamento das formas de futuro em cada uma das três cidades consideradas, Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista. Seguem exemplos:

Salvador:

(72) VAMOS COLOCAR as Unidades de Saúde que já existem para funcionar de verdade. (Candidato 1 - 28/09/12)

Feira de Santana:

(73) VAMOS APERFEIÇOAR o transporte escolar e vamos implantar o Programa Aprendendo com a Saúde, com assistência nas áreas de psicologia, fonoaudiologia, odontologia e nutrição. (Candidato 3 - 24/08/12)

Vitória da Conquista

(74) Durante toda a campanha eleitoral nós não IREMOS ACEITAR provocações e nem iremos responder a ataques. (Candidato 6 - 27/08/12)

3.3.2.3 'Faixa etária'

A variável faixa etária atua de forma peculiar nos estudos sociolinguísticos, visto que é através dela que se fazem estudos de mudança linguística em tempo aparente. Conforme afirma Oliveira (2006, p. 129), “trata-se de um grupo de fatores de grande importância, pois a estratificação das variantes em tempo aparente permite identificar o curso do fenômeno em estudo: se se trata de variação estável ou de mudança em curso”.

Quanto à sua relevância para o processo de mudança em análise, Gibbon (2000), que analisou o mesmo fenômeno aqui estudado na fala de Florianópolis, observou que os jovens preferem a perífrase, forma inovadora, o que indica uma mudança futura, conforme apontam os resultados da tese de Oliveira (2006, p. 131), que relata: “há um padrão linear na distribuição das variantes sintética e analítica, com esta última aumentando progressivamente à medida que diminui a faixa etária do informante, evidenciando, portanto, uma mudança em curso”.

Nesta análise, dois fatores foram considerados, 'Faixa etária 1', que representa a faixa etária de 35 a 55 anos e 'Faixa etária 2', que compreende a faixa etária de 56 a 70 anos.

3.3.2.4 ‘Monitoração estilística’

Este grupo de fatores é formado por dois fatores: ‘fala menos monitorada’ e ‘fala mais monitorada’. Em relação à monitoração estilística, Bortoni-Ricardo (2004, p. 62) explica que os estilos monitorados são aqueles “que exigem muita atenção e planejamento”, em oposição aos estilos não monitorados, os quais são “realizados com um mínimo de atenção à forma da língua”. Quanto ao uso de um ou outro estilo, a autora faz mais esclarecimentos:

Nós nos engajamos em estilos monitorados quando a situação assim exige, seja porque nosso interlocutor é poderoso ou tem ascendência sobre nós, seja porque precisamos causar uma boa impressão ou ainda porque o assunto requer um tratamento muito cerimonioso. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62-63)

Visto que em alguns momentos da campanha política, especialmente quando estes não são gravados em estúdio, os candidatos expressam-se de maneira mais espontânea – como, por exemplo, durante conversas com eleitores, ao visitar bairros, pontos turísticos ou instituições públicas –, a partir deste grupo de fatores intenciona-se comparar os discursos dos referidos momentos (menos monitorados) com aqueles gravados em estúdio, nos quais, antes da gravação, há uma preparação escrita do discurso a ser proferido (mais monitorado). Seguem exemplos de ambos os fatores:

Fala menos monitorada:

(75) Nós VAMOS CHEGAR junto. (Candidato 1 - 28/09/12)

(76) Ônibus velho não VAI TER mais em Feira de Santana. (Candidato 3 - 27/08/12)

(77) Eu quero desejar pra vocês muita felicidade nessa vida nova que vocês TERÃO aqui. (Candidato 2 - 14/09/12)

Fala mais monitorada:

(78) Na primeira etapa, VAMOS IMPLANTAR o transporte complementar que vai trazer as pessoas pro eixão Norte-Sul, e que também irá garantir a circulação rápida e eficiente das pessoas para as outras áreas da cidade. Candidato 4 - 31/08/12)

(79) Os recursos VIRÃO do Governo Federal e Estadual, nossos parceiros de trabalho. (Candidato 1 - 07/09/12)

(80) Os habitantes de Vitória da Conquista SERÃO muito melhor atendidos, esperarão muito menos numa fila. (Candidato 5- 29/08/12)

3.3.2.5 'Momento da campanha'

Este grupo de fatores verifica se o momento da campanha interfere na escolha da forma verbal. Com esse intuito, este grupo de fatores apresenta três fatores: 'início da campanha', 'meio da campanha' e 'final da campanha', representadas, nessa ordem, pelos exemplos (81), (82) e (83).

Considerou-se as duas primeiras semanas como sendo início da campanha, as duas últimas como sendo o final da campanha e as semanas intermediárias como sendo o meio da campanha, sabendo-se, ainda, que esta variável se aplica apenas aos programas do primeiro turno, uma vez que houve segundo turno em apenas duas das três cidades consideradas, a saber, Salvador e Vitória da Conquista.

Início da campanha:

(81) Dilma e Wagner são meus parceiros nesse projeto e já me garantiram que ESTARÃO com a gente para fazer acontecer o TRI-VIA em Feira. (Candidato 4 - 29/08/12)

Meio da campanha:

(82) E, como prefeito, VOU LUTAR por uma cidade mais igual para todos. (Candidato 1 - 18/09/12)

Final da campanha:

(83) Se eleito, VOU RETRIBUIR a tudo isso da melhor forma que um prefeito pode fazer: trabalhando sem trégua, todos os dias, para cumprir com meu dever e fazer tudo aquilo que a minha cidade, que o meu povo merece. (Candidato 4 - 03/10/12)

4 O GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO DISCURSO POLÍTICO

“*O que é um discurso político, se não uma repetida tentativa de fixar sentidos em um cenário de disputa?*” (PINTO, 2006, p. 78). Foi assim que a professora doutora em Ciências Políticas da UFRGS, Céli Regina Jardim Pinto, definiu o discurso político. Para ela,

A característica fundamental do discurso político é que este necessita para sua sobrevivência impor a sua verdade a muitos e, ao mesmo tempo, é o que está mais ameaçado de não conseguir. É o discurso cuja verdade está sempre ameaçada em um jogo de significações. Ele sofre cotidianamente a desconstrução, ao mesmo tempo só se constrói pela desconstrução do outro. É portanto, dinâmico, frágil e, facilmente, expõe sua condição provisória. (PINTO, 2006, p. 89)

Para Vale (2012, p. 551),

A linguagem da política é plurissignificativa, uma interface de todas as esferas sociais, ajustando-se a diferentes fins e propósitos e revestindo-se dos seguintes objetivos: destacar o favorável e amenizar o desfavorável; atribuir valor positivo a seus pares e desvalorizar a oposição; convencer, persuadir e, às vezes, manipular a comunidade.

Ao longo desta seção, tecem-se considerações acerca do discurso político sob aspectos diferentes, tais como as relações de poder que permeiam o discurso político e os elementos linguísticos que o constituem.

4.1 USO DA LÍNGUA EM FUNÇÃO DO PODER NO DISCURSO POLÍTICO

A língua é um fato social que proporciona interação entre os seres desencadeando relações entre eles, dentre estas as relações de poder. Relações de poder implicam a existência de dominador e dominado, posições previamente estabelecidas voluntariamente ou não.

Segundo Nebrija (apud GNERRE, 1991, p. 14), “a língua sempre acompanhou a dominação e a seguiu”. Nota-se que dominação política implica (e/ou pressupõe) dominação linguística.

Ao caracterizar a linguagem política, Charaudeau (2006, p. 257) afirma que esta “é a linguagem que domina, através de uma luta discursiva em que várias estratégias são permitidas (manipulação, proselitismo, ameaças / promessas etc.), o objetivo sendo a

imposição de uma opinião”. Para tanto, “esse discurso se pretende ao mesmo tempo idealista e realista” (CHARAUDEAU, 2006, p. 259).

Além destas, o mesmo autor apresenta outras características similarmente interessantes do discurso político:

Contrariamente a uma idéia [*sic*] que se expande cada vez mais, o ator político nunca diz qualquer frase. Ele sabe prever três coisas: as críticas de seus adversários, os efeitos perversos da informação midiática e os movimentos sociais que deve tentar antecipar e neutralizar.

Instala-se então um jogo de máscaras entre palavra, pensamento e ação que nos conduz à questão da mentira na política. (CHARAUDEAU, 2006, p. 261)

A mentira, é sabido de todos, é inerente ao discurso político. Segundo Charaudeau, isso se deve ao fato de que “todo homem político sabe que lhe é impossível dizer tudo, a todo instante, e dizer as coisas exatamente como ele as imagina ou pensa, pois suas palavras não devem entravar a sua ação” (CHARAUDEAU, 2006, p. 261). Por essa razão, surgem várias estratégias:

- *A estratégia do vago*: é utilizada quando o homem político faz promessas ou declarações acerca das quais não tem certeza sobre os meios de que poderá dispor a fim de que suas ações sejam condizentes com suas palavras.

- *A estratégia do silêncio*: o político opta por essa estratégia quando quer que suas ações fiquem encobertas, sabendo que o conhecimento delas pelas massas provocaria reações tempestuosas.

- *Estratégia de denegação*: quando envolvido em escândalos sujeitos a processos judiciais, o ator político frequentemente recorre a essa estratégia, que consiste em negar, através da mentira ou do falso testemunho, o seu envolvimento, ou de seus associados, no caso em questão. O “blefe” – fingir ter conhecimento de algo quando, na verdade, se desconhecem os fatos – também faz parte dessa estratégia.

- *Estratégia da razão suprema*: quando se cria uma mentira justificada pelo objetivo de salvar, por um bem maior.

Charaudeau explica que, fazendo uso dessas estratégias, “nada seria realmente mentira. Tem-se a impressão de que se trata de um discurso que não remete a uma vontade de enganar o outro, mas, ao contrário, de um desejo de torná-lo cúmplice de um imaginário que todo mundo teria interesse em conservar” (CHARAUDEAU, 2006, p. 263).

Não por acaso, o discurso político é objeto de estudo em diversas áreas, inclusive da filosofia, na qual Aristóteles sistematizou o estudo da retórica. A retórica em geral é definida como a “arte do bem falar”, ou seja, de usar a linguagem com finalidade persuasiva. Segundo Aristóteles, “Retórica consiste em aduzir provas [...] pois só as provas dizem verdadeiramente respeito à Arte⁴” (ARISTÓTELES, 1979, p. 37). Para o filósofo,

Retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão. Nenhuma outra arte possui esta função, porque as demais artes têm, sobre o objeto que lhes é próprio, a possibilidade de instruir e de persuadir; por exemplo, a Medicina, sobre as variações das grandezas, a Aritmética, sobre o número; e o mesmo acontece com as outras artes e ciências. Mas a Retórica parece ser capaz de, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir. Por isso dizemos que ela não aplica suas regras a um gênero próprio e determinado. (ARISTÓTELES, 1979, p. 42)

Pode-se perceber que, para Aristóteles, o poder de persuasão tem estreita relação com o caráter moral do orador do discurso, o que pode ser observado na seguinte declaração:

Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança. As pessoas de bem inspiram confiança mais eficazmente e mais rapidamente em todos os assuntos, de um modo geral; mas nas questões em que não há possibilidade de obter certeza e que prestam a dúvida, essa confiança reveste particular importância. É preciso também que este resultado seja obtido pelo discurso sem que intervenha qualquer preconceito favorável ao caráter do orador. Muito errônea é a afirmação de certos autores de artes oratórias, segundo a qual a probidade do orador em nada contribuiria para a persuasão pelo discurso. Muito pelo contrário, o caráter moral deste constitui, por assim dizer, a prova determinante por excelência. (ARISTÓTELES, 1979, p. 42-43)

Corroborando Aristóteles, Charaudeau (2006, p. 259) conclui: “portanto o sujeito que faz a promessa deve ter credibilidade, o que o leva a construir uma imagem de si (ethos) de convicção e de suporte de identificação”.

⁴ O termo “Arte” refere-se à “Arte da Retórica”.

4.2 FALA E ESCRITA

Conforme explicitado anteriormente, a mudança futuro simples > futuro perifrástico está quase concluída na fala e já está invadindo a escrita. Assim, este estudo analisa o referido fenômeno em discursos políticos, gênero textual que apresenta características tanto da modalidade falada quanto da escrita.

Fala e escrita, como se sabe, possuem características próprias, de modo que enquanto a fala é mais rica em sentidos, uma vez que a ela se acrescentam os gestos e as expressões faciais, é mais livre, de modo que é nela que surgem todas as novas expressões em cada língua; é primária, visto que precede a escrita, que, por sua vez, é mais conservadora, é mais cuidada, ou seja, mais monitorada e é, em geral, a modalidade linguística oficial e, por isso, a que goza de grande prestígio social em toda e qualquer sociedade moderna. Sobre a língua falada e a língua escrita, Faraco (2005, p. 24) afirma:

Outra fonte possível de detecção de eventuais mudanças em progresso é o contraste entre a língua escrita e a língua falada. Isso porque a língua escrita é normalmente mais conservadora que a língua falada e o contraste entre as duas pode nos levar a perceber fenômenos inovadores em expansão na fala e que não entraram na escrita.

Lins (2014, p. 2) salienta que “é possível considerar que tanto a fala quanto a escrita são planejadas. O que as difere é o grau e o tipo de planejamento que são feitos, o que é determinado pelo contexto de produção do discurso”.

Marcuschi (2010) traz algumas definições acerca da oralidade e da escrita:

A **oralidade** seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de oralidade secundária, como se expressou Ong [1982], ao caracterizar a distinção entre povos com e sem escrita. Considerando-se essa posição, nós brasileiros, por exemplo, seríamos hoje um povo de oralidade secundária, tendo em vista o intenso uso da escrita neste país.

A **escrita** seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros. [...] Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala. (MARCUSCHI, 2010, p. 25-26, grifos do autor)

Marcuschi (2008, p. 191) ressalta haver

A impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, de modo que ambos fazem parte do mesmo sistema da língua. São realizações de uma gramática única, mas, do ponto de vista semiológico, podem ter peculiaridades com definições bem acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala.

Tanto a fala quanto a escrita estão presentes e correlacionadas no discurso político, o qual consiste na leitura de um texto escrito que fora previamente elaborado. Para a sociolinguística, essa relação intrínseca entre fala e escrita torna-se especialmente interessante uma vez que a observação de ambas as modalidades é determinante quando delineado o caminho percorrido por uma mudança linguística: há o pressuposto de que a mudança linguística se inicia na fala informal – o que justifica o fato de ser o vernáculo, ou seja, a fala espontânea, o objeto de estudo da sociolinguística – e, só depois de conquistar espaço na fala de usuários da língua distintos, é que começa a atingir a escrita, sendo que atinge primeiro a escrita informal e, apenas em fase de completude da mudança, passa a integrar a escrita formal.

Faraco (2005, p. 26) confirma a possibilidade de haver uma “escala progressiva de implementação das mudanças”:

Elas costumam se desencadear na fala informal de grupos socioeconômicos intermediários; avançam pela fala informal de grupos mais altos na estrutura socioeconômica; chegam a situações formais de fala e só então começam a ocorrer na escrita.

Desse modo, a inter-relação existente entre fala e escrita no discurso político torna a consideração desse gênero textual muito importante no acompanhamento do processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico.

4.3 ELEMENTOS LINGUÍSTICOS CONSTITUINTES DO DISCURSO POLÍTICO

4.3.1 A função apelativa

Dentre outras características do discurso político, destaca-se a função apelativa. A função apelativa, também conhecida como função conativa, é a função da linguagem que tem ênfase no receptor, ou seja, é direcionada ao destinatário. Conforme o próprio nome sugere, esta função caracteriza-se por lançar mão de artifícios a fim de exercer influência sobre outros.

Chalhub (2003, p. 23) explica que “a função conativa marca-se gramaticalmente pela presença do imperativo e do vocativo e pela 2ª pessoa do verbo. É revelada também nas fórmulas mágicas ou encantatórias – as que se expressam em forma de desejo”.

Exemplos:

(84) Vitória da Conquista SERÁ uma cidade livre. *Vote sem medo, vote quinze.*
(Candidato 6 - 04/10/12)

(85) Eu quero desejar pra vocês muita felicidade nessa vida nova que vocês TERÃO aqui. (Candidato 2 - 14/09/12)

Acerca da persuasão da mensagem conativa, Chalhub ressalta que

Frequentemente, desde que há tentativa de convencer o receptor de algo, a função conativa carrega traços de argumentação/persuasão que marcam o remetente da mensagem. Para a linguagem da propaganda, por exemplo, as mensagens construídas visam essencialmente atingir o receptor. Possuem, no seu ato de configuração dos signos, características de função poética, visando sensibilizar o público pela beleza da argumentação. (CHALHUB, 2003, p. 23)

Charaudeau (2006, p. 259), corroborando Chalhub, declara que “ao buscar a adesão da maioria ao seu projeto, o sujeito político busca tocar seu público, apelando ora à razão, ora à emoção, em encenações diversas (declarações midiáticas, comícios, declarações escritas, panfletos, cartazes, etc.)”.

No discurso político, podemos identificar os referidos aspectos em enunciações como:

(86) Se minha gente me quer de volta, eu VOLTAREI. Eu jamais ABANDONAREI a nossa Feira de Santana. Essa terra é o meu amor e esse amor é a minha vida. (Candidato 3 - 04/10/12)

(87) VOU UNIR minha experiência de trinta anos, o amor que tenho a essa cidade e ao povo de Salvador. (Candidato 2 - 22/10/12)

(88) Não VOU ESQUECER de vocês, viu, meu filho. (Candidato 6 - 12/09/12)

Vale salientar que, como explica Chalhub (2003, p. 23),

Uma mensagem – seja qual for o material de que é feita – envolve diferentes funções em diálogo. Uma das funções seguramente determinará o perfil da

mensagem, mas as outras complementam, dialogam, articulam, relacionam diferentes níveis de linguagem numa mesma mensagem.

Assim, no discurso político, pode haver outras funções, contudo aqui contemplou-se apenas a função apelativa, uma vez que, dada a natureza do discurso político, esta se faz predominante.

4.3.2 Tipos textuais no discurso político

Antes de definir tipo textual, convém distinguir tipo textual de gênero textual. Marcuschi (2008), ao definir gênero textual, explica que este

Refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

O mesmo autor define tipo textual como “uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas} (MARCUSCHI 2002, p. 22)”. Marcuschi (2008, p. 154) salienta ainda que

O tipo caracteriza-se muito mais como sequências lingüísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo.

O discurso político, por ser um gênero textual muito rico, sob o ponto de vista lingüístico, contempla todos os tipos textuais existentes: narrativo, argumentativo, expositivo, descritivo e injuntivo. A seguir, vê-se a descrição de cada um desses tipos e também de que modo os tipos textuais estão presentes no discurso político.

Narrativo – de acordo com Marcuschi (2002, p. 28), pautado em Werlich (1973), trata-se de uma tipologia textual indicativa de ação situada no passado, revelando uma

circunstância situada num dado tempo e lugar. No discurso político, essa tipologia se faz presente quando, por exemplo, os políticos fazem relatos sobre ações realizadas no passado pelo governo deles ou mesmo em relatos de sua vida pessoal.

Exemplos:

(89) Durante a campanha [...] mostrei que VOU GOVERNAR Salvador onde os problemas estão. (Candidato 1 - 03/10/12)

(90) VAMOS REALIZAR todo ano o Festival da Juventude, que, aliás, aconteceu agora, em 2012 e foi um grande sucesso. (Candidato 5 - 18/10/12)

Argumentativo – acerca desse tipo textual, Tesch (2014, p. 1188) explica:

Segundo Bonini (205:20-21), “argumentar, no sentido mais elementar, é direcionar a atividade verbal para o convencimento do outro ou, mais especificamente, é a construção por um falante de um discurso que visa a modificar a visão de outro sobre determinado objeto, alterando, assim, o seu discurso”. Assim, o objetivo é convencer sobre a validade de posicionamento do produtor e o processo cognitivo envolvido é o julgamento.

No discurso político, pode-se afirmar que a tipologia textual predominante é a argumentação, uma vez que o objetivo principal de um discurso político é justamente convencer o eleitor a votar em um determinado candidato.

Exemplos:

(91) Com o governador, BUSCAREI o diálogo e acredito neste diálogo, porque ele é um homem eleito pelo povo, como eu também SEREI eleito pelo povo. (Candidato 3 - 19/09/12)

(92) Com o nosso trabalho junto com Dilma e Wagner, Feira de Santana já está rompendo suas barreiras. Mas VAI PRECISAR de um prefeito que tenha força para sustentar esse crescimento e trazer para a cidade todos os investimentos necessários para que esse progresso continue sem parar. (Candidato 4 - 06/09/12)

(93) Se você assim quiser e me eleger prefeito de Vitória da Conquista, IREI, logo no primeiro ano de governo, TOMAR as providências necessárias para instituir nossa Guarda Municipal. [...] Conquista merece que nossos filhos vivam com mais segurança e, para isso, é preciso mudar. (Candidato 6 - 03/09/12)

Expositivo – trata-se da tipologia textual que expõe conceitos e/ou estabelece ligações entre eles (MARCUSCHI, 2002, p. 28). O texto expositivo se faz presente no discurso político quando, por exemplo, vez por outra os candidatos precisam dar explicações ou esclarecimentos acerca de sua conduta, especialmente quando estão sendo acusados ou perseguidos, uma vez que, conforme Charaudeau (2006, p. 260), toda decisão política “precisa ser constantemente relegitimada, devido ao fato de que ela é constantemente interrogada ou questionada pelos adversários políticos ou pelos movimentos sociais”.

Exemplos:

(94) Eu VOU TRAZER uma Prefeitura Bairro para dentro do Subúrbio, porque a gente VAI TER todos os órgãos da Prefeitura acompanhando o dia a dia do bairro. (Candidato 1 - 01/10/12)

(95) Antes de chegarmos ao traçado ideal, os locais por onde o TRI-VIA IRÁ PASSAR, as estações de embarque e desembarque, estudamos o impacto sobre a cidade e os custos do projeto com quem entende o assunto: professores, engenheiros e os melhores consultores em solução para o transporte público do país. (Candidato 4 - 29/08/12)

Descritivo – como o próprio nome indica, esse tipo textual caracteriza-se por trazer descrições. No discurso político, o texto descritivo pode ser encontrado quando os candidatos apresentam projetos de governo.

Exemplos:

(96) Essa Prefeitura-bairro, o que que ela VAI FAZER? Ela VAI TER autonomia pra identificar quais são as principais necessidades dos bairros e resolver o problema. (Candidato 1 - 21/09/12)

(97) VAMOS INSTALAR um sistema revolucionário com câmeras inteligentes que serão instaladas em pontos estratégicos, formando um grande cinturão de segurança em todo o Anel do Contorno. (Candidato 3 - 24/09/12)

Injuntivo – de acordo com Marcuschi (2002, p. 28), essa tipologia textual

Vem representada por um verbo no imperativo. Estes são os enunciados incitadores à ação. Estes textos podem sofrer certas modificações significativas na forma e assumir por exemplo a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um "deve". Por exemplo; "Todos os brasileiros na idade de 18 anos do sexo masculino devem comparecer ao exército para alistarem-se" [*sic*].

O texto injuntivo é encontrado no discurso político em momentos nos quais os candidatos impelem os eleitores a tomar o lado deles.

Exemplos:

(98) Vitória da Conquista SERÁ uma cidade livre. Vote sem medo, vote quinze.
(Candidato 6 - 04/10/12)

(99) Tenha certeza, se você me der essa oportunidade, VOU SER o prefeito mais dedicado que salvador já teve. (Candidato 2 - 22/10/12)

Uma vez considerados os procedimentos metodológicos adotados neste estudo, prossegue-se com a análise dos dados.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo é dedicado à análise do uso variável das formas de futuro verbal encontradas no discurso político de Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista, as três maiores cidades da Bahia, a partir dos processamentos realizados com a ferramenta GoldVarb, a qual relacionou as formas de futuro verbal aos fatores que, conforme se pressupõe, podem condicionar a seleção das referidas formas de expressão do futuro verbal. Partindo de um domínio mais abrangente para o mais específico, o capítulo constitui-se de quatro seções principais: as duas primeiras dedicam-se a descrever e analisar os resultados das duas primeiras rodadas e as duas últimas apresentam os grupos que foram selecionados pelo GoldVarb na rodada final e os que não foram selecionados pelo programa na mesma rodada, respectivamente. Ao longo da análise, são feitas também comparações entre os resultados deste estudo e os resultados de estudos anteriores. Todas as interpretações baseiam-se na Teoria Variacionista Laboviana.

5.1 A RODADA ENEÁREA

Visto que houve ocorrência de seis formas de futuro verbal nos dados da pesquisa, a primeira rodada gerada foi eneárea. As seis formas encontradas foram: futuro simples, perífrase com *ir* no presente + infinitivo, perífrase com *ir* no futuro + infinitivo, presente do indicativo, perífrase com *haver de* no futuro + infinitivo, perífrase com *estar* no futuro + gerúndio.

Nessa rodada geral, foram considerados todos os 616 dados encontrados na pesquisa, os quais estavam distribuídos da seguinte forma: 445 de perífrase com *ir* no presente + infinitivo; 128 de futuro simples; 20 de perífrase com *ir* no futuro + infinitivo; 15 de presente do indicativo; 7 de perífrase com *estar* no futuro + gerúndio; e 1 de perífrase com *haver de* no futuro + infinitivo. Não houve ocorrências de perífrase com *haver de* no presente + infinitivo, perífrase com *ir* no presente + *estar* + gerúndio nem perífrase com *ir* no futuro + *estar* + gerúndio.

Segue o resultado geral:

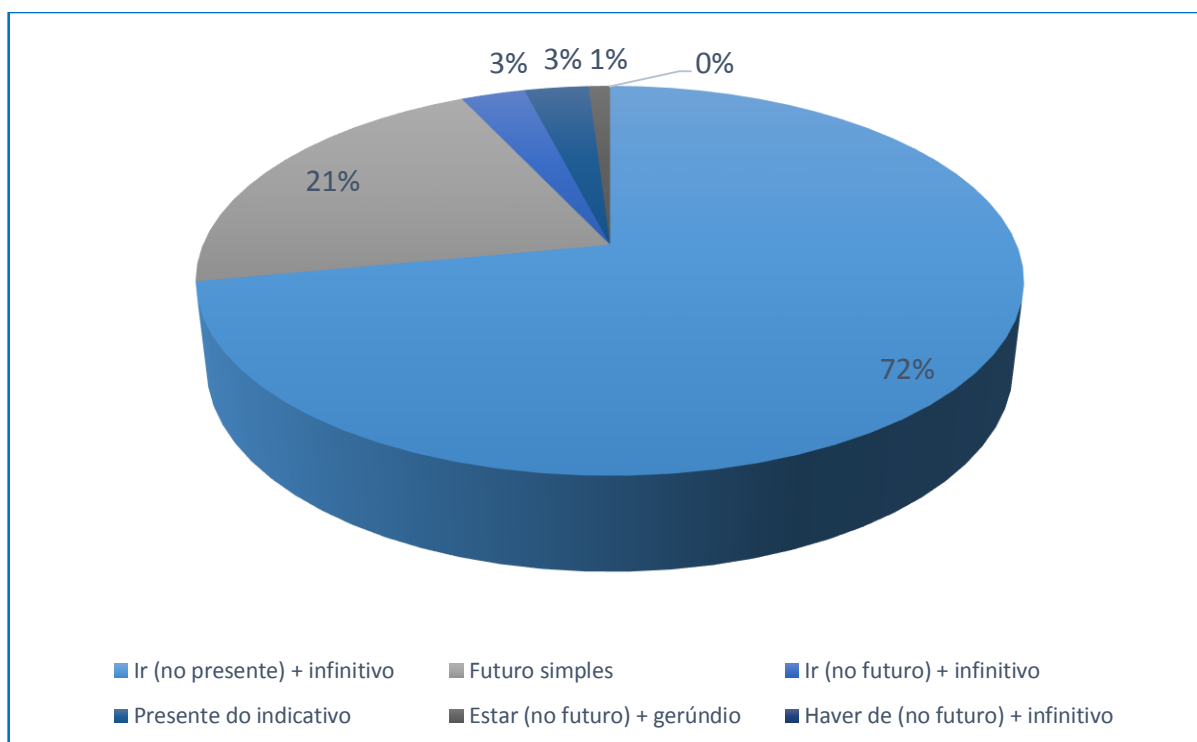
Tabela 1 – Distribuição geral dos dados

Variantes	Total de ocorrências	Percentual
Perífrase com <i>ir</i> no presente + infinitivo	445	72%
Futuro simples	128	21%
Perífrase com <i>ir</i> no futuro + infinitivo	20	3%
Presente do indicativo	15	3%
Perífrase com <i>estar</i> no futuro + gerúndio	7	1%
Perífrase com <i>haver de</i> no futuro + infinitivo	1	0%
Total	616	100%

Conforme a Tabela 1, o futuro perifrástico (*ir* no presente + infinitivo) representou 72% dos dados, enquanto o futuro simples, 21%. A perífrase com *ir* no futuro + infinitivo e o presente do indicativo apareceram em 3% dos dados cada variante. A perífrase com *estar* no futuro + gerúndio ocorreu em apenas 1% dos dados e a perífrase com *haver de* no futuro + infinitivo só ocorreu uma única vez, com 0% do total de dados. O resultado surpreende pela grande frequência da forma inovadora de futuro num *corpus* no qual se utiliza linguagem bastante culta, devido ao alto grau de avaliação a que os informantes estão expostos, considerando-se a finalidade do discurso, proferido para toda a população das três maiores cidades da Bahia, inclusive Salvador, que é uma das maiores e mais importantes capitais do Brasil. Isso evidencia o alto grau de prestígio que a forma verbal *ir* + infinitivo já conquistou.

No gráfico que se segue é possível observar melhor a distribuição das variantes:

Gráfico 1: Distribuição das variantes de futuro no discurso político das três maiores cidades baianas



As análises mais detalhadas realizadas a partir de então objetivaram saber por que contextos a variante inovadora se implementa e quais as variáveis que favorecem o seu uso no discurso político.

A baixíssima frequência da perífrase com *ir* no futuro + infinitivo, do presente do indicativo, da perífrase com *estar* no futuro + gerúndio e da perífrase com *haver de* no futuro + infinitivo gerou muitos *knockouts*, o que acontece quando há regra categórica, indicando que não há variação, ou seja, quando alguns fatores apresentam nenhuma ou todas as ocorrências em relação à variável dependente (neste caso, para um dos tipos de futuro em análise). Por isso, para a rodada seguinte, a perífrase com *ir* no futuro + infinitivo foi amalgamada à perífrase com *ir* no presente + infinitivo. Quanto às demais variantes, foram retiradas da análise. Desse modo, a variável dependente tornou-se binária.

Acerca da baixa frequência do presente do indicativo, Oliveira (2006) expõe “o nicho do presente” e explica que o presente do indicativo usado para representar o futuro costuma ocorrer em contextos muito específicos. Ao comparar dados do século XIII ao século XX, a autora afirma: “o presente do indicativo guarda contextos específicos que não se alteram ao longo do tempo, principalmente quando essa forma é comparada ao

futuro simples” (OLIVEIRA, 2006, p. 175). Em seu estudo, a autora realizou dois processamentos binários, a saber, presente X futuro simples e presente X futuro perifrástico, ambos considerando a fala menos formal das décadas de 70 e 90. Os resultados revelam quais os contextos em que o presente do indicativo costuma ocorrer, ou seja, quais fatores o favorecem. Os principais⁵ são:

Extensão fonológica do verbo: a ocorrência do presente do indicativo parece ser mais provável quando os verbos possuem menor quantidade de sílabas.

Exemplos:

(100) É só assistir os próximos debates, eu quero convidar: amanhã nós já TEMOS na Rádio Sociedade, na semana que vem TEMOS TV Record, TEMOS SBT e Globo. (Candidato 1 - 19/10/12)

(101) No futuro, É o trem aqui e ele ser integrado com o metrô também. (Candidato 2 - 10/09/12)

(102) Meu compromisso nos primeiros cem dias de governo É resolver os problemas imediatos da cidade. (Candidato 1 - 24/08/12)

(103) Então, daqui a algum tempo, um estudante, por exemplo, de Campinhos PODE botar uma mochila com seus livros nas costas, pegar sua bicicleta e ir até a Universidade Estadual do Sudoeste. (Candidato 5- 10/09/12)

(104) E essa pessoa não vai pagar tarifa de transporte coletivo. E, se tiver carro, PODE deixar o carrinho pra passear no fim de semana e ir pedalando pra escola, para as compras, mas de uma forma segura. (Candidato 5- 10/09/12)

(105) Somente o seu voto PODE garantir que a educação seja plenamente transformada em nossa cidade. (Candidato 6 – 16/09/12)

Faixa etária: a análise deste grupo de fatores deixou claro que os falantes mais jovens selecionam o presente.

Paralelismo sintático-discursivo: de acordo com os resultados de Oliveira (2006), o presente do indicativo costuma ser selecionado após uma forma diferente, ou seja quando precedido de uma outra forma de futuro.

⁵ Consideraram-se como principais os fatores que foram selecionados mais de uma vez durante os processamentos realizados através do programa GoldVarb.

Exemplos:

(106) Mas as mudanças que *irão modernizar* nossa cidade não PARAM por aí.
(Candidato 4 - 05/09/12)

(107) É para melhorar a vida de pessoas como D. Conceição que nós *vamos implantar* em Salvador o bilhete único. O passo seguinte É melhorar o controle, o monitoramento e a capacidade de intervir de forma rápida e precisa no trânsito.
(Candidato 1 - 24/10/12)

(108) Você não sabe se *vai ter* hoje, se *vai ter* amanhã, se PODE quebrar a qualquer hora. (Candidato 2 - 10/09/12)

Ao fim da análise, a autora faz algumas considerações específicas em relação a cada processamento:

- a) em relação ao futuro simples, parece estar em jogo, sobretudo, a projeção da futuridade – futuro mais próximo X futuro mais distante –, o que faz intervir também a questão do grau de certeza (presente = mais próximo e mais certo X futuro simples = mais distante e menos certo);
- b) em relação ao futuro perifrástico, fica claro que há também uma superposição das dimensões proximidade e certeza, mas intervêm, de forma significativa, fatores como a presença/ausência de marca de futuridade (principalmente de advérbios) e o paralelismo sintático-discursivo, que também pode ser interpretado em termos de presença/ausência de marca de futuridade. (OLIVEIRA, 2006, p. 191 e 192)

A baixa frequência da perífrase com *estar* no futuro + gerúndio pode ser justificada pelo preconceito que gira em torno dessa forma verbal, pois, conforme explicado no capítulo 1, as perífrases gerundivas são as formas de expressão do futuro mais polemicamente estigmatizadas e seu uso encontra restrições de importantes instituições sociais, especialmente da mídia (ALMEIDA SANTOS, 2008). De fato, as construções gerundivas com três verbos (a exemplo e “*Vou estar conversando* com vocês à noite” e “*Irei estar conversando* com vocês à noite”) são extremamente estigmatizadas pelos gramáticos e pela mídia. Provavelmente por esta razão, não houve ocorrências dessas formas de futuro nos dados analisados. De acordo com Tafner (2004), o estigma não se restringe apenas à construção verbo auxiliar + *estar* + gerúndio, estendendo-se também a outras construções gerundivas como *estar* + gerúndio.

Almeida Santos (2008) explica que

O estigma em relação ao gerundismo deve-se, principalmente, à novidade do tipo de verbo que compõe as perífrases. Isso, por si só, já seria um motivo para que se tornassem perceptíveis. Entretanto, é preciso registrar que o fato de o gerundismo expandido ser o mais estigmatizado do que o não expandido de alguma forma está relacionado com o(s) auxiliar(s). Embora em perífrases como ‘vou continuar tentando’ e ‘vou ficar esperando’ também haja dois auxiliares, quando se trata de gerundismo, a adjacência deles combinada com a tipologia do verbo torna essas perífrases muito mais perceptíveis. Tanto é, que no tipo não expandido o auxiliar está conjugado na forma de prestígio, além de ser o verbo canônico para as perífrases com gerúndio. Mas o do tipo expandido tem dois auxiliares, sendo que *estar* não recebe flexão. (ALMEIDA SANTOS, 2008, p. 53)

O valor social atribuído a determinadas variantes é o mesmo atribuído ao grupo social que as pronuncia. Desta forma, o gerundismo, distante dos manuais escolares, é visto de forma negativa e preconceituosa, especialmente porque é utilizado principalmente por pessoas pertencentes a classes assalariadas. Referindo-se aos operadores de *telemarketing*, Almeida Santos afirma que “o preconceito contra o gerundismo atinge principalmente um grupo socialmente rejeitado por ser impertinente e invasivo” (ALMEIDA SANTOS, 2008, p. 84).

Entretanto o gerundismo é recorrente não só na fala de indivíduos sem escolaridade, estando presente também na fala/escrita de usuários considerados cultos: “mestres e doutores ligados ao Governo Federal, ao MEC, ao INEP e a instituições de ensino superior também usam gerundivos” (ALMEIDA SANTOS, 2008, p.29). A presença do gerundismo nos dados desta pesquisa confirma essa afirmação, visto que todos os informantes são indivíduos considerados cultos, pois todos eles possuem nível superior completo. Contudo Almeida Santos (2008, p. 10) ressalta:

Descobri, informalmente, em entrevistas com teleoperadores, que o valor social atribuído ao grupo que utiliza formas chamadas “informal e pejorativamente, de ‘secretariês’, ‘burocratês’, ou ‘Zero- oitocentês’, ou seja, o valor social de um grupo caracterizado por, na maior parte das vezes, não receber mais do que dois salários mínimos por mês, por ser submetido a um trabalho altamente estressante e por, em geral, não ter como exigência nível superior de ensino, definitivamente não é o mesmo atribuído ao ‘alto escalão’.

Por fim, a mesma autora faz uma importante afirmação acerca do gerundismo em relação à forma de expressão de futuridade considerada padrão: “A lacuna deixada pelo futuro simples, no que se refere à formalidade, parece estar sendo preenchida pelo gerundismo” (ALMEIDA SANTOS, 2008, p. 95). A referida afirmação pode justificar as sete ocorrências da forma verbal *estar* + gerúndio nesta pesquisa, as quais contrariam a hipótese que fora aventada de que não haveria incidência de perífrases gerundivas. O número de ocorrências, embora pareça pequeno, é bastante significativo, uma vez que o

corpus da pesquisa é composto por linguagem formal. Além disso, a grande maioria delas – cinco das sete ocorrências – foram documentadas em situação de fala mais monitorada. Curiosamente, todas as ocorrências foram proferidas por um mesmo candidato a prefeito, o qual foi eleito para o seu terceiro mandato. Tudo isso evidencia que a referida forma verbal, de fato, goza de algum prestígio social.

Eis as ocorrências de *estar* + gerúndio encontradas no *corpus*:

(109) Nessas escolas, os alunos ESTARÃO SENDO atendidos por tempo integral. (Candidato 3 - 19/09/12)

(110) Inclusive, afirmo à comunidade do Parque Getúlio Vargas que, em quatro meses, esta unidade ESTARÁ FUNCIONANDO. (Candidato 3 - 19/09/12)

(111) Nós ESTAREMOS AMPLIANDO esta Avenida, Fraga Maia, até a BR 116, no Papagaio. (Candidato 3 - 28/09/12)

(112) ESTAREMOS, também, nesta região, CONSTRUINDO a Avenida Ayrton Senna até, também, a BR 116. (Candidato 3 - 28/09/12)

(113) Olha, aqui nós ESTAREMOS CONSTRUINDO um túnel, uma passagem subterrânea, para desafogar e acabar definitivamente com o problema do trânsito nesta área de Feira de Santana. (Candidato 3 - 28/09/12)

(114) Assim sendo, ESTAREMOS RESOLVENDO definitivamente o problema do trânsito neste local de Feira de Santana. (Candidato 3 - 28/09/12)

(115) Nós ESTAREMOS FAZENDO essa parceria com os desportistas de Feira. (Candidato 3 - 28/09/12)

Em relação à única ocorrência da perífrase com *haver de* no futuro + infinitivo, acredita-se que se deva ao fato de que as perífrases com *haver de* como expressão de futuridade caíram em desuso a partir do século XX, conforme atesta Oliveira (2006, p. 101): “A variante *haver de* + infinitivo, nesse século, é muito rara. [...] Comprova-se, pois, o declínio do seu uso na história da língua, pelo menos como forma de expressão do futuro”. Provavelmente por essa razão, não houve incidência da perífrase com *haver de* no presente + infinitivo. É interessante ressaltar que a ocorrência única dessa forma verbal foi proferida justamente por um informante representante da faixa etária 2, com 66 anos, o que demonstra que a existência dessa forma verbal em seu vocabulário pode ser um reflexo da língua portuguesa de meados do século XX, com base na hipótese do tempo aparente, segundo a qual,

A fala das pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente a fala das pessoas de 20 anos há 20 anos atrás e pode, portanto, ser comparada com a fala das pessoas de 20 anos de hoje, para uma pesquisa da difusão da mudança linguística. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos. (CHAMBERS e TRUDGILL, 1980, p. 165)

O fato de a perífrase com *haver de* no futuro + infinitivo ter ocorrido foi uma surpresa e contrariou a hipótese aventada de que não haveria ocorrência das perífrases com *haver de* + infinitivo. Segue o referido dado:

(116) HAVEREMOS de mandar imediatamente para a Câmara de Vereadores um projeto de lei promovendo anistia e remissão. (Candidato 6 - 26/10/12)

5.2 A RODADA BINÁRIA

A partir dos resultados obtidos na primeira rodada, viu-se a necessidade de realização de uma segunda rodada, desta vez binária, já que foram consideradas apenas as variantes futuro perifrástico e futuro simples na variável dependente. Segue o novo resultado geral:

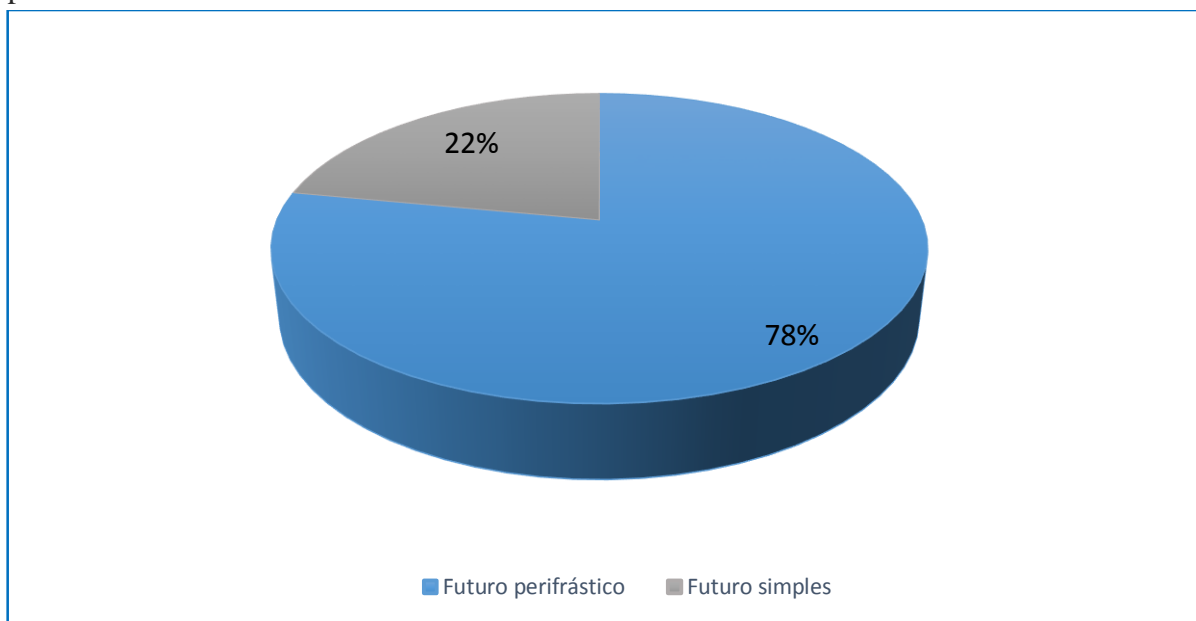
Tabela 2 – Nova distribuição geral dos dados

Variantes	Total de ocorrências	Percentual
Futuro perifrástico	465	78%
Futuro simples	128	22%
Total	593	100%

O percentual de 78% atingido pela forma perifrástica neste estudo deixa claro que a perífrase é a forma preferida no discurso político baiano.

Segue o Gráfico 2 para melhor visualização dos resultados:

Gráfico 2: Distribuição das variantes Futuro perifrástico e Futuro simples no discurso político das três maiores cidades baianas



Esse resultado assemelha-se aos resultados de estudos anteriores, a exemplo do de Gibbon (2000), no qual a perífrase atingiu 61% dos dados, e do de Silva (2010), em que alcançou 82%. Esta pesquisa corrobora, sobretudo, estudos como os de Santos (2000), Oliveira (2006), Malvar e Poplak (2008), Oliveira e Olinda (2008), Tesch (2011) e Almeida e Oliveira (2012), os quais consideram que a mudança futuro simples > futuro perifrástico está quase completada na fala e vem se propagando na escrita.

Sabendo que tanto a fala quanto a escrita estão presentes e correlacionadas no discurso político, que, lembremos, é um gênero textual formal, e também que, para a sociolinguística, a observação de ambas as modalidades é determinante para delinear o caminho percorrido por uma mudança linguística e que esta, apenas em fase de completude atinge a escrita formal, a observação do futuro verbal no discurso político torna-se substancial no acompanhamento do processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico. Assim, diante dos resultados aqui apresentados e considerando estudos anteriores, a exemplo do de Almeida e Oliveira (2012), que encontraram 27% de perífrase na escrita jornalística, pode-se compreender que a forma perifrástica de futuro *ir* + infinitivo já atingiu praticamente – senão absolutamente – todos os contextos linguísticos.

5.3 GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS

A rodada final, a partir do programa GoldVarb, apresentou *input* inicial de 0.784 e *input* final de 0,924, o que evidencia que o processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico encontra-se em estágio bastante avançado. O *log likelihood* da rodada foi igual a -151,561 e o nível de significância foi 0.017. A rodada final teve como regra de aplicação a forma perifrástica de futuro (*ir* + infinitivo).

O programa GoldVarb selecionou como estatisticamente relevantes sete grupos de fatores, na mesma ordem em que são apresentados a seguir:

1. Extensão fonológica do verbo;
2. Faixa etária;
3. Papel temático do sujeito;
4. Monitoração estilística;
5. Paradigma verbal;
6. Transitividade verbal
7. Paralelismo sintático-discursivo.

Apresenta-se detalhadamente a análise de cada um dos grupos separadamente a seguir.

5.3.1 'Extensão fonológica do verbo'

Conforme explicado no capítulo três, neste grupo examina-se a influência da quantidade de sílabas do verbo principal (no infinitivo) sobre a seleção da forma de futuro. A hipótese aventada é a de que os verbos com maior extensão fonológica favorecem a perífrase, enquanto os de menor extensão fonológica selecionam a forma sintética, conforme explica Oliveira (2006, p. 136): “o uso da forma sintética de futuro implicaria o aumento de mais uma sílaba no verbo, o que o tornaria polissilábico, e, como se sabe, a maioria das palavras do português são dissilábicas ou trissilábicas (CÂMARA JR., 1980)”. Partindo dessa afirmação, acredita-se que os verbos polissilábicos apresentam maior quantidade de perífrase, em oposição aos verbos monossilábicos. Seguem os resultados encontrados nesta pesquisa.

Tabela 3 – Influência do grupo ‘Extensão fonológica do verbo’ no uso da perífrase

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Uma sílaba	52/134	39%	.22
Duas sílabas	180/211	85%	.46
Três sílabas	175/186	94%	.67
Quatro ou mais sílabas	58/62	94%	.77

Como se pode observar, os resultados confirmam a hipótese aventada, uma vez que há um aumento gradual dos percentuais e pesos relativos na proporção em que aumenta o número de sílabas do verbo. Observa-se que os maiores pesos relativos bem como os maiores percentuais foram apresentados pelos verbos trissilábicos, com percentual de 94% e peso relativo de .67, e polissilábicos, com percentual de 94% e peso relativo de .77. Constata-se também que os verbos monossilábicos inibem a perífrase, apresentando peso relativo de .22. Há semelhança entre esses resultados e os obtidos por Oliveira (2006), pois, em seu estudo,

O menor peso relativo foi atestado para verbos de uma única sílaba. Os verbos monossilábicos inibem a forma perifrástica, favorecendo o emprego da forma sintética, tornando o verbo, portanto, dissilábico. Lembre-se ainda que os verbos monossilábicos são também irregulares e, por isso, têm características morfológicas especiais. (OLIVEIRA, 2006, p. 138)

A autora explica que os verbos monossilábicos costumam selecionar a forma sintética também por outro motivo: “são verbos de alta frequência na língua, o que desempenha um papel fundamental para que sejam armazenados como únicos, tornando-se menos susceptíveis a mudanças” (OLIVEIRA, 2006, p. 138).

5.3.2 ‘Faixa etária’

A variável ‘Faixa etária’ foi a segunda a ser selecionada como relevante pelo programa GoldVarb. Conforme fora salientado anteriormente, este grupo de fatores tem particular importância nos estudos sociolinguísticos, devido ao fato de que é por meio da faixa etária que se fazem estudos de mudança linguística em tempo aparente, sobre a qual Gibbon (2000, p. 23) comenta:

Habilita o pesquisador a perceber a situação de mudança em progresso através de um recorte na amostra sincrônica em torno da faixa etária dos informantes. Se a variante inovadora estiver frequente entre os jovens e decrescer nos grupos de mais idade, então é possível apontar para uma mudança em progresso.

Tesch (2011, p. 171) também destaca a importância da faixa etária: “A variável idade é de extrema importância, uma vez que pode servir como indício de certo fenômeno estar em processo de mudança ou ser apenas uma variação estável”.

Oliveira (2006, p. 131) explica a relação entre faixa etária, monitoração estilística e o processo de mudança em análise:

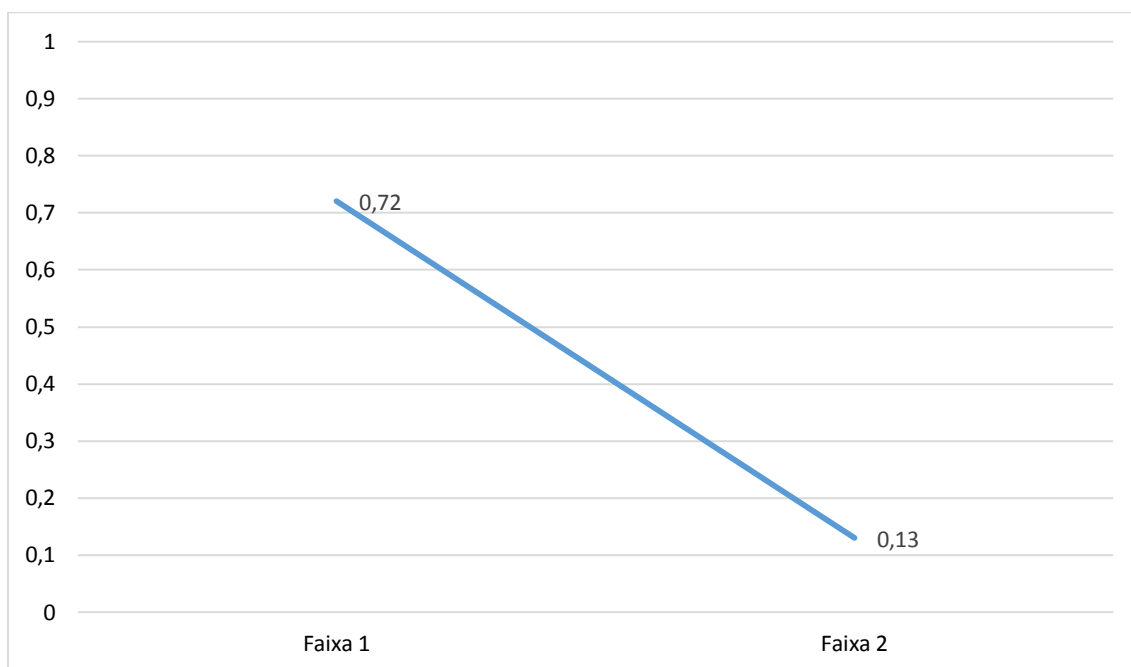
Na fala mais formal, parece que o fenômeno está melhor estratificado [...]. Outra possibilidade é interpretar que a variante perifrástica está ainda se implementando na fala mais cuidada e que, na fala mais espontânea, o processo de mudança já foi concluído, tornando-se estável. Como a natureza do estilo mais formal requer maior atenção à forma da linguagem, é possível que os falantes mais jovens sejam menos sensíveis às exigências de planejamento do estilo formal do que os falantes mais velhos, que já foram, de certa forma, mais treinados para operar com as mudanças de estilo. Isso levaria, certamente, a um maior emprego da forma perifrástica na faixa etária mais jovem.

Assim, a hipótese aventada para esse grupo de fatores é a de que na faixa etária 1, representada pelos informantes mais jovens, haja maior ocorrência da forma inovadora de futuro. Segue a tabela com os resultados para este grupo de fatores:

Tabela 4 – Influência do grupo ‘Faixa etária’ no uso da perífrase

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Faixa 1 (35 a 55 anos)	347/398	87%	.72
Faixa 2 (56 a 70 anos)	116/193	60%	.13

Ao examinar a tabela nota-se que a hipótese foi plenamente confirmada, especialmente pela grande diferença entre os pesos relativos das duas faixas etárias consideradas. O Gráfico 3, a seguir, ilustra melhor os resultados:

Gráfico 3: Uso da perífrase e 'faixa etária'

O peso relativo .72 da ‘faixa etária 1’, juntamente com o percentual de 87%, em contraste com o peso relativo .13 da ‘faixa etária 2’, aliado ao percentual de 60%, não só revela que os mais jovens estão à frente da mudança futuro simples > futuro perifrástico, como também evidencia que o processo em análise realmente é uma mudança em progresso. À mesma conclusão chegou Gibbon (2000), cujos resultados são semelhantes a estes, de modo que a autora pôde afirmar: “é possível, pois, dizer que no fenômeno em estudo estamos lidando com indícios de mudança, já que os jovens usam mais a forma inovadora” (GIBBON, 2000, p. 113). A autora afirma ainda que “a idade mostra que os mais jovens parecem estar acelerando um processo de mudança, intensificando o uso da forma perifrástica como expressão para codificar o futuro [...]. Os mais velhos é que mostram uma certa resistência quanto ao emprego da forma inovadora” (GIBBON, 2000, p. 116-117).

5.3.3 ‘Papel temático do sujeito’

Esta variável distribui os dados por três fatores – ‘sujeito agente’, ‘sujeito paciente’ e ‘sujeito experienciador’ –, como mostram os exemplos a seguir:

Sujeito agente:

(117) VAMOS ESTIMULAR a criação do CIS Norte, com definição de áreas para instalação de novas indústrias, gerando emprego nos bairros e distritos mais próximos. (Candidato 3 - 05/09/12)

Sujeito paciente:

(118) Também vamos criar o Saúde Móvel, um veículo adaptado e equipado no qual SERÃO feitas consultas e atendimentos de ordem preventiva, visando principalmente as crianças nas escolas. (Candidato 3 - 03/09/12)

Sujeito experienciador:

(119) O novo mercado VAI TER drenagem, vai ter esgoto, vai ter água, vai ter os boxes mais decentes para poder comercializar. (Candidato 2 - 10/09/12)

Para esta variável, aventou-se a hipótese de que o 'sujeito agente' favorecesse a forma inovadora, visto que o traço de agentividade vem se mostrando um importante fator impulsionador da mudança em análise, como explica Oliveira (2006, p. 119):

O traço de agentividade desempenha um papel fundamental na trajetória do verbo *ir* de pleno a auxiliar [...]. No processo de gramaticalização do futuro perifrástico, a sua ocorrência com sujeitos [+ agente] pode indicar uma persistência de traços da forma fonte (BYBEE *et alii*, 1994). O verbo *ir*, em seu sentido pleno, seleciona um sujeito agente.

Esperava-se, também, como parte da hipótese, que o futuro simples fosse selecionado pelo sujeito paciente e que o sujeito experienciador ficasse em posição intermediária. Segue a Tabela 5 com os resultados:

Tabela 5 – Influência do grupo 'Papel temático do sujeito' no uso da perífrase

Sujeito	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Agente	384/417	92%	.64
Paciente	16/42	38%	.37
Experienciador	65/134	49%	.17

Como podemos notar, 92% da perífrase ocorrem em dados nos quais o sujeito é agente. Com peso relativo de .64, é possível concluir que o traço agentividade constitui um importante fator para a aplicação da regra da forma inovadora. Portanto a hipótese aventada foi confirmada para o ‘sujeito agente’, e para o sujeito paciente, que inibe a perífrase com peso relativo .37. Já o ‘sujeito experienciador’ inibe mais ainda a forma perifrástica, com peso relativo de .17, não tendo ficado em posição intermediária, como se esperava.

É importante salientar a má distribuição dos dados, o que pode ter ocasionado esses resultados.

Nos resultados de Oliveira e Olinda (2008), o sujeito agente também favorece a forma inovadora com peso relativo semelhante ao encontrado nesta pesquisa, .67. Da mesma forma, no estudo de Almeida e Oliveira (2012) o sujeito agente também se mostra favorecedor da perífrase, com peso relativo igual ao nosso, de .64. Porém, em ambas as pesquisas, o sujeito paciente mostra ser o que tende a refrear o processo de mudança, apresentando os menores pesos relativos.

5.3.4 ‘Monitoração estilística’

Sabendo-se que a mudança linguística se inicia na fala (que é menos monitorada) e só posteriormente atinge a escrita (que é mais monitorada), sendo a escrita padrão a última categoria a ser alcançada, através deste grupo de fatores, intenciona-se verificar a interferência da monitoração estilística sobre o processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico. Para tanto, nesta variável constam dois fatores: ‘fala menos monitorada’ e ‘fala mais monitorada’. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 62), estilos menos monitorados referem-se às interações mais espontâneas, enquanto estilos mais monitorados referem-se às interações mais planejadas. Assim, nesta pesquisa, os dados classificados como ‘fala mais monitorada’ são os provenientes dos discursos gravados em estúdio, os demais dados, resultantes de conversas do candidato com eleitores, por exemplo, foram classificados como ‘fala menos monitorada’. Seguem alguns exemplos:

Fala mais monitorada:

(120) VAMOS ASSINAR convênios com fundações que desenvolvam atividades voltadas para o campo, visando a capacitação profissional e modernização de técnicas produtivas para a agropecuária. (Candidato 3 - 10/09/12)

(121) Antes de chegarmos ao traçado ideal, os locais por onde o TRI-VIA IRÁ PASSAR, as estações de embarque e desembarque, estudamos o impacto sobre a cidade e os custos do projeto com quem entende o assunto: professores, engenheiros e os melhores consultores em solução para o transporte público do país. (Candidato 4 - 29/08/12)

Fala menos monitorada:

(122) Trazendo a prefeitura aqui *pra* dentro, nós VAMOS TER que: cuidar das crianças, botar as crianças nas creches, ver a assistência à saúde, que é uma coisa muito importante, melhorar a condição da iluminação de vocês, que *tá* muito ruim. (Candidato 1 - 17/09/12)

(123) Eu VOU PEGAR várias famílias que podiam *tá* recebendo o Bolsa família, mas não recebem. Eu VOU CADASTRAR essas famílias e vou garantir o Bolsa Família *pro* povo pobre de Salvador. (Candidato 1 - 15/10/12)

Neste grupo de fatores, aventou-se a hipótese de que a forma inovadora se espalhasse por meio da ‘fala menos monitorada’, enquanto a ‘fala mais monitorada’ selecionaria o futuro simples. Segue a tabela com os resultados:

Tabela 6 – Influência do grupo ‘Monitoração estilística’ no uso da perífrase

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Fala mais monitorada	347/465	75%	.41
Fala menos monitorada	116/126	92%	.79

Os valores representados na tabela confirmam a hipótese aventada de que a ‘fala menos monitorada’ constitui um fator impulsionador da mudança, uma vez que 92% dos dados de ‘fala menos monitorada’ selecionaram a perífrase. Merece maior destaque o peso relativo de .79, um dos maiores encontrados em toda a pesquisa, o que demonstra a tamanha relevância da monitoração estilística no processo de mudança em análise.

Embora outros estudos não tenham controlado a monitoração estilística de maneira direta, como nesta pesquisa, muitos o fizeram de maneira indireta, ao controlar, por exemplo, fala X escrita e/ou categorias linguísticas mais cultas X categorias mais populares. No estudo de Almeida e Oliveira (2012), cujo *corpus* foram dois jornais, as autoras controlaram o gênero textual, tendo como regra de aplicação a perífrase *ir* + infinitivo. Dentre os dez gêneros textuais encontrados, os gêneros manchete e entrevista, os que mais se aproximam da fala (que é menos monitorada), apresentaram os maiores pesos relativos. Em contraste, os gêneros mais monitorados, como a matéria assinada, apresentaram os menores pesos relativos. Na mesma pesquisa foi controlada a variável tipo de periódico, que comparou o jornal voltado para um público mais culto com o jornal voltado para um público mais popular. Obviamente, um jornal voltado para um público mais culto exige maior grau de monitoração do que um jornal voltado para um público mais popular. Os resultados mostraram que o jornal voltado para um público mais popular (menos monitorado) apresentou o maior peso relativo de aplicação do futuro perifrástico.

A consideração de todos esses dados nos leva à conclusão de que a forma inovadora de futuro *ir* + infinitivo tem se propagado por meio de contextos menos monitorados.

5.3.5 'Paradigma verbal'

Com esta variável, analisa-se o uso do futuro em relação aos verbos regulares (a exemplo de *brincar, comer, assistir*) e aos irregulares (a exemplo de *estar, fazer, pedir*). Pesquisas anteriores revelaram a preferência dos falantes pelo futuro simples com verbos irregulares e a predominância do futuro perifrástico com verbos regulares (OLIVEIRA e OLINDA, 2008), (OLIVEIRA e GONÇALVES, 2010). A hipótese que justificaria tais resultados, de acordo com os referidos estudos, era a de que a estrutura morfológica diferenciada dos verbos irregulares, também chamados de verbos de padrão especial, favorece o uso da forma conservadora (futuro simples). Desse modo, a suposta mudança, do futuro simples para o futuro perifrástico, atingiria primeiro os verbos regulares e só mais tarde os verbos irregulares. Sobre o comportamento dos verbos regulares em relação à mudança, Bragança (2010, p. 112) salienta:

O nível fonológico também parece ser importante aqui, pois a alta frequência de verbos regulares e a recorrência de poucos verbos irregulares na oralidade

pode ter facilitado a mudança morfosintática nos dois grupos de verbos, permitindo a consolidação da forma nova nessa modalidade.

Além disso, a extensão fonológica também pode estar relacionada ao paradigma verbal, uma vez que os verbos regulares, de modo geral, apresentam maior extensão fonológica do que os verbos irregulares. E, como vimos, quanto maior a extensão fonológica de um verbo, mais ele tende a favorecer a perífrase.

Com base nessas informações, a hipótese para esta variável é a de que os verbos regulares favoreçam a forma inovadora e os verbos irregulares a inibam. Seguem exemplos de ocorrência de verbos regulares e irregulares, respectivamente:

(124) Nosso novo aeroporto VAI ESTIMULAR o turismo de negócios, atrair grandes eventos esportivos e culturais e gerar muito mais possibilidades de crescimento para a cidade. (Candidato 4 - 19/09/12)

(125) Por isso vamos criar um fórum permanente de diálogo, que SERÁ um canal aberto com o prefeito para ouvir vocês e decidirmos juntos mais políticas públicas para nossos jovens. (Candidato 5- 18/10/12)

Os resultados estão apresentados na tabela que segue:

Tabela 7 – Influência do grupo ‘Paradigma verbal’ no uso da perífrase

Verbo	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Regular	339/364	93%	.61
Irregular	126/229	55%	.32

O peso relativo de .61 confirma a hipótese aventada de que os verbos regulares favorecem a perífrase, enquanto os verbos irregulares, com peso relativo de .32, a inibem. Esses resultados corroboram estudos anteriores, tais como os de Oliveira (2006), Bragança (2010), Santos (2012), Almeida e Oliveira (2012), o que indica que os verbos regulares mostram ser um importante fator impulsionador da mudança em análise, enquanto os verbos irregulares são um contexto de restrição.

5.3.6 'Transitividade verbal'

Esta variável é composta por cinco fatores: verbo intransitivo, verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo bitransitivo (transitivo direto e indireto) e verbo copulativo.

Para este grupo de fatores, aventou-se a hipótese de que os verbos transitivos selecionassem a perífrase, por projetarem vários argumentos, proporcionando equilíbrio estrutural à oração (OLIVEIRA, 2006, p. 68).

Seguem exemplos:

Verbo intransitivo:

(126) Se minha gente me quer de volta, eu VOLTAREI. (Candidato 3 - 04/10/12)

Verbo transitivo direto:

(127) Na primeira etapa, VAMOS IMPLANTAR o transporte complementar que vai trazer as pessoas para o eixão Norte-Sul, e que também IRÁ GARANTIR a circulação rápida e eficiente das pessoas para as outras áreas da cidade. (Candidato 4 - 31/08/12)

Verbo transitivo indireto:

(128) Não VAMOS NOS ACOSTUMAR com o básico. (Candidato 4 - 19/09/12)

Verbo bitransitivo:

(129) VAMOS DAR uma nova dinâmica ao crescimento de Feira. (Candidato 4 - 06/09/12)

Verbo copulativo:

(130) Toda a cidade SERÁ contemplada com internet pública. (Candidato 5-01/10/12)

Seguem os resultados encontrados:

Tabela 8 – Influência do grupo ‘Transitividade verbal’ no uso da perífrase

Verbo	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Bitransitivo	36/38	95%	.64
Transitivo direto	298/342	87%	.59
Intransitivo	41/47	87%	.40
Transitivo indireto	71/83	86%	.32
Copulativo	19/83	23%	.32

A hipótese aventada, em parte, se confirma, visto que o verbo bitransitivo apresentou maior peso relativo, .64% e também maior percentual, 95%, seguido pelo verbo transitivo direto com peso relativo de .59 e percentual 87%. O verbo copulativo apresentou os menores números, com peso relativo de .32 e percentual de 23%, enfatizando que é mais usado com a forma padrão.

Os resultados para este último fator pode ser justificado pela afirmação de Almeida e Oliveira (2012, p. 9), em cuja pesquisa o verbo copulativo também apresentou o menor peso relativo. De acordo com as autoras, esses verbos apresentam, em sua grande maioria, sujeito paciente, o que tem se mostrado ser um fator inibidor da forma perifrástica de futuro.

5.3.7 ‘Paralelismo sintático-discursivo’

Por meio desta variável, verifica-se a interferência do “princípio do paralelismo” sobre a seleção das formas verbais em análise. Para tanto, ela se compõe de quatro fatores: ‘ocorrência única’, ‘primeira ocorrência de uma série’, ‘ocorrência após forma idêntica’, ‘ocorrência após forma diferente’.

Silva (1999, p. 69) define paralelismo da seguinte forma: “considera-se que o paralelismo canônico (sintático) ocorre quando estruturas gramaticais repetidas em formatos paralelos apresentam determinados pares fixos de palavras e cada membro do par aparece em posição estruturalmente idêntica”, ou seja, numa cadeia discursiva, o uso de uma forma linguística desencadeia a ocorrência de outras formas iguais no decorrer do discurso, como ratifica Oliveira (2006, p. 119): “há uma tendência à repetição da mesma variante em ocasiões nas quais os dados aparecem em cadeia (SCHERRE, 1988)”.

Devido ao “princípio do paralelismo”, definido anteriormente, a hipótese para este grupo de fatores é a de que o fator ‘Ocorrência após forma idêntica’ favorece a perífrase. Espera-se também que o fator ‘Ocorrência após forma diferente’ selecione a forma sintética, inibindo a forma perifrástica, conforme conclui Oliveira (2006, p. 134): “o futuro simples é menos usado após uma ocorrência de perífrase na fala mais formal”.

Seguem exemplos dos fatores:

‘Ocorrência única’ (isolada):

(131) E temos também um projeto detalhado com todas as medidas que IREMOS ADOPTAR para que nossa cidade possa viver uma segunda grande onda de desenvolvimento e prosperidade. (Candidato 5- 20/10/12)

‘Primeira ocorrência de uma série’:

(132) São doze intervenções que VAMOS FAZER para desengarrar o trânsito em nossa cidade. Eu garanto a você que vamos fazer cada uma delas em parceria com os governos Dilma e Wagner. (Candidato 2 - 18/10/12)

‘Ocorrência após forma idêntica’:

(133) São doze intervenções que vamos fazer para desengarrar o trânsito em nossa cidade. Eu garanto a você que VAMOS FAZER cada uma delas em parceria com os governos Dilma e Wagner. (Candidato 2 - 18/10/12)

‘Ocorrência após forma diferente’:

(134) Na última quinta-feira, o governador Jaques Wagner esteve em Vitória da Conquista e autorizou o início das obras da UPA 24 horas no Jardim Guanabara, a primeira das três UPAs que vamos construir. Ele também autorizou a construção do Shopping popular, que SERÁ construído em parceria com a prefeitura, onde o estado vai entrar com dois milhões e setecentos mil reais e a prefeitura com cerca de dois milhões de reais. (Candidato 5- 20/10/12)

Segue a tabela com o resultado da análise:

Tabela 9 – Uso da perífrase e ‘Paralelismo sintático-discursivo’

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Ocorrência única	205/252	81%	.54
Primeira ocorrência de uma série	98/129	76%	.56
Ocorrência após forma idêntica	138/167	83%	.49
Ocorrência após forma diferente	24/45	53%	.19

Como se pode ver, três fatores apresentaram pesos relativos próximos: ‘primeira ocorrência de uma série’ (.56), ‘ocorrência única’ (.54) e ‘ocorrência após forma idêntica’ (.49), sendo os dois primeiros relevantes em promover a forma inovadora de futuro *ir* + infinitivo e o último, próximo ao ponto neutro, em contraste com o fator ‘ocorrência após forma diferente’, que, conforme era esperado, inibe a perífrase, com peso relativo de .19.

Os resultados encontrados aqui aproximam-se dos resultados de estudos anteriores. No estudo de Oliveira (2006), os mesmos dois fatores que favorecem a perífrase neste estudo, também a favorecem no estudo da referida autora, que encontrou peso relativo favorecedor também nos casos de ‘ocorrência após forma idêntica’, que nesta pesquisa se comporta de forma neutra. Na pesquisa de Santos (2000), o fator ‘primeira ocorrência de uma série’ também apresentou o maior peso relativo, .62, enquanto o fator que corresponde a ‘ocorrência após forma diferente’ apresentou peso relativo de .13, o menor dentre todos os fatores. Na pesquisa de Gibbon (2000), a perífrase mostrou ser favorecida quando precedida de forma idêntica e inibida quando precedida de forma diferente.

Todos esses resultados evidenciam a importância do paralelismo no processo de mudança em análise. Além disso, evidenciam também que o fator ‘ocorrência após forma diferente’ representa um forte contexto de restrição à forma inovadora de futuro.

5.4 GRUPOS DE FATORES NÃO-SELECIONADOS

Nesta seção são analisados os grupos de fatores que não foram selecionados como relevantes pelo programa GoldVarb, os quais foram: ‘Pessoa verbal’, ‘Conjugação

verbal’, ‘Tipo de sujeito’, ‘Animacidade do sujeito’, ‘Tipo de verbo’, ‘Natureza semântica do verbo’, ‘Presença/ausência de futuridade fora do verbo’, ‘Projeção de futuridade’, ‘Informantes’ e ‘Momento da campanha’.

Ressalta-se que a análise dos referidos grupos de fatores não-selecionados foi feita com base apenas em percentuais.

5.4.1 ‘Pessoa verbal’

Por meio desta variável, objetiva-se investigar o comportamento das pessoas verbais em relação ao processo de mudança em análise. Os fatores deste grupo são P1, P2 e P3, que representam, respectivamente, a primeira, a segunda e a terceira pessoas (do singular e do plural).

Gibbon (2000, p. 91) acredita que

O uso das primeiras pessoas (eu, nós) revele mais compromisso com a realização do fato que se está anunciando e, portanto, carreguem mais certeza da realização, enquanto as terceiras pessoas (ele, eles) são utilizadas para reportar fatos que ocorrem com outras pessoas, sendo nula a participação do falante.

Oliveira (2006, p. 156) reitera a afirmação de Gibbon, acreditando que “o futuro perifrástico, indicando uma maior assertividade em relação ao tempo futuro, seria mais utilizado com a primeira pessoa, já que expressa um maior comprometimento do sujeito com a ação verbal a ser realizada”.

Com base nas afirmações das referidas autoras, a hipótese aventada para este grupo de fatores é a de que as primeiras pessoas verbais (eu, nós/a gente) selecionem a perífrase, em contraste com as terceiras pessoas (ele, eles), que devem inibi-la. Seguem os resultados representados na Tabela 10:

Tabela 10 – Influência do grupo ‘Pessoa verbal’ no uso da perífrase

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
P1	279/316	88%
P2	27/29	93%
P3	159/248	64%

Como se pode ver, os resultados refutam a hipótese aventada, pois foi a segunda pessoa (tu/você, vocês) que apresentou o maior percentual, 93%. Há duas hipóteses que talvez justifiquem esse resultado. A primeira é a de que ele se deva à má distribuição dos dados. A segunda é a de que a segunda pessoa tenha alcançado o maior percentual neste estudo devido ao *corpus*, uma vez que o discurso político volta a sua inteira atenção para o interlocutor.

A primeira pessoa também apresentou percentual alto, 88%. Esses resultados assemelham-se aos encontrados por Gibbon (2000), que distribuiu os dados em dois fatores no grupo “pessoa do discurso”: “interlocutor” e “não-interlocutor”. Do fator “interlocutor” faziam parte a primeira e a segunda pessoas, enquanto a terceira pessoa estava representada pelo fator “não-interlocutor”. Ao justificar a classificação a autora explica que esta se deve a duas razões: “primeiro porque no discurso a interação se dá através dos interlocutores (eu e tu) que se contrapõem ao objeto de que se fala (ele) e depois porque seus comportamentos estatísticos eram aproximados” (GIBBON, 2000, p. 92). Seus resultados revelam que o fator “interlocutor”, que representa a primeira e a segunda pessoas, favorece a perífrase.

O resultado para a terceira pessoa corresponde ao esperado, uma vez que esta costuma inibir a perífrase e, neste estudo, apresentou o menor percentual.

5.4.2 ‘Conjugação verbal’

Embora não tenha sido selecionada como relevante, por meio desta variável objetiva-se verificar a influência da conjugação verbal sobre a seleção do futuro verbal. Assim, ela compõe-se de três fatores: verbos de primeira conjugação, de segunda conjugação e de terceira conjugação. A hipótese para este grupo é a de que os verbos de primeira conjugação impulsionam a implementação da forma inovadora, uma vez que a maioria dos verbos da língua aí estão inseridos. Espera-se, portanto, que a forma inovadora atinja primeiro os verbos mais frequentes na língua e, gradativamente os demais, sendo os verbos de terceira conjugação os últimos a serem atingidos, devido ao fato de serem os menos frequentes na língua (TESCH, 2011, p. 91).

Seguem exemplos de verbos de ‘1ª conjugação’, ‘2ª conjugação’ e ‘3ª conjugação’, respectivamente:

1ª conjugação:

(135) Eleito por você, VOU TORNAR mais eficiente a intermediação de mão de obra por parte da Prefeitura e intensificar os programas de qualificação profissional, conforme as demandas e vocações da cidade. (Candidato 3 - 31/08/12)

2ª conjugação:

(136) A única diferença é que TEREMOS nas mãos a possibilidade de transformar e garantir que os direitos de todos sejam, de fato, cumpridos. (Candidato 6 - 12/09/12)

3ª conjugação:

(137) Há falta de lazer, por isso INVESTIREMOS no esporte. (Candidato 6 - 27/09/12)

Examinem-se os resultados na Tabela 11, a seguir:

Tabela 11 – Influência do grupo ‘Conjugação verbal’ no uso da perífrase

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
1ª conjugação	274/299	92%
3ª conjugação	57/66	86%
2ª conjugação	134/228	59%

O percentual alcançado pelos verbos de primeira conjugação, 92%, confirma a hipótese aventada de que esses verbos selecionam a perífrase. É importante ressaltar o alto percentual dos verbos de terceira conjugação, 86%, uma vez que, ao contrário dos verbos de primeira conjugação, são os que se apresentam em menor quantidade na língua e, por isso, esperava-se que eles inibissem a perífrase.

Os resultados encontrados aqui corroboram os resultados de Bragança (2008, p. 138), a qual afirma que “a forma nova ocorre mais frequentemente em verbo de 1ª e de 3ª conjugação. Os de segunda são mais resistentes”.

5.4.3 ‘Tipo de sujeito’

Foram controlados, inicialmente, seis fatores neste grupo: ‘sujeito lexical’, ‘sujeito pronominal’, ‘sujeito desinencial’, ‘sujeito oracional’, ‘sujeito indeterminado’ e ‘sujeito inexistente’, contudo, não houve ocorrência de ‘sujeito indeterminado’ e ‘sujeito inexistente’, por essa razão, no grupo passaram a constar apenas quatro fatores, os quais estão exemplificados a seguir:

‘Sujeito lexical’:

(138) A rede municipal de saúde CONTARÁ com novas especialidades médicas para atender à demanda. (Candidato 3 - 03/09/12)

‘Sujeito pronominal’:

(139) Nós VAMOS TRAZER para Feira um projeto novo que vai melhorar e organizar o transporte coletivo público, mas que tem um objetivo muito maior. (Candidato 4 - 29/08/12)

‘Sujeito desinencial’

(140) VAMOS IMPLANTAR a central de regulação de leitos e um centro de referência para exames laboratoriais. (Candidato 3 – 03/09/12)

‘Sujeito oracional’

(141) Quem quiser ganhar a vida honestamente VAI TER a oportunidade de fazer. (Candidato 2 – 14/09/12)

Os referidos fatores foram processados numa primeira rodada, entretanto, resolveu-se fazer uma segunda rodada por dois motivos: primeiro, porque os percentuais de ‘sujeito pronominal’ e ‘sujeito desinencial’ foram muito próximos, por essa razão, ambos foram unidos e passaram a ser representados por ‘sujeito pronominal’. O segundo motivo foi o fato de que houve apenas quatro ocorrências de sujeito oracional. Por isso, este foi retirado. No grupo de fatores constam, agora, os fatores ‘sujeito pronominal’ e ‘sujeito lexical’.

A hipótese aventada é a de que o ‘sujeito pronominal’ seleciona a perífrase. Seguem os resultados:

Tabela 12 – Influência do grupo ‘Tipo de sujeito’ no uso da perífrase

Sujeito	Ocorrências/Total	Percentual
Pronominal	389/456	85%
Lexical	73/133	55%

A hipótese aventada se confirma, uma vez que o ‘sujeito pronominal’ apresentou a maior frequência, 85% de perífrase, enquanto o ‘sujeito lexical’, apresentou percentual de 55%.

Percebe-se, então, que a perífrase é a forma mais usada quando o sujeito é pronominal.

5.4.4 ‘Animacidade do sujeito’

A partir deste grupo de fatores visa-se verificar a interação da animacidade do sujeito com a expressão do futuro. Inicialmente constavam quatro fatores neste grupo: ‘sujeito animado humano’, ‘sujeito animado não-humano’ ‘sujeito inanimado’ e ‘sujeito coletivo humano’, contudo, por não haver ocorrência de ‘sujeito animado não-humano’, apenas os outros três fatores passaram a fazer parte do grupo. Seguem exemplos de cada um dos fatores consideradas:

‘Sujeito animado humano’:

(142) VOU CONTAR com a presidente Dilma, o governador Wagner, três senadores, mais de vinte deputados federais e quinze ministros pra trazer ainda mais obras para Salvador. (Candidato 2 - 17/09/12)

‘Sujeito inanimado’:

(143) ISSO VAI DIMINUIR o fluxo para o viaduto de Águas Claras, diminuir o engarrafamento e você vai poder chegar rapidamente da BR a Cajazeiras e Castelo Branco. (Candidato 2 - 19/09/12)

‘Sujeito coletivo humano’:

(144) O Governo da Bahia VAI REQUALIFICAR o TCA com novas instalações e uma sala sinfônica para apresentação das nossas orquestras. (Candidato 2 - 26/09/12)

Numa primeira rodada, os três referidos fatores foram considerados separadamente, entretanto, visto que houve poucas ocorrências de ‘sujeito coletivo humano’, resolveu-se juntá-lo ao ‘sujeito animado humano’. Assim, reduziu-se para dois o número de fatores neste grupo, sendo um com traço [+ humano] e o outro com traço [- humano].

Oliveira (2006, p. 161) afirma que “o futuro perifrástico se implementa na língua em contextos de sujeito com o traço [+ humano], ficando o futuro simples mais restrito aos casos de sujeito com o traço [- humano]”. A partir dessa afirmação, admite-se como hipótese para este grupo de fatores que o ‘sujeito animado humano’, devido ao traço [+ humano], selecione a forma perifrástica, ao contrário do fator ‘sujeito inanimado’, que deve selecionar a forma padrão, em razão do traço [- humano]. Os resultados encontrados estão na Tabela 13, a seguir:

Tabela 13 – Influência do grupo ‘Animacidade do sujeito’ no uso da perífrase

Sujeito	Ocorrências/Total	Percentual
Sujeito animado humano	348/404	86%
Sujeito inanimado	117/189	62%

Mais uma vez os resultados confirmam a hipótese formulada, visto que o ‘sujeito animado humano’ apresentou o maior percentual, 86% de perífrase e o ‘sujeito inanimado’, com traço [- humano], apresentou o percentual de 62%.

Em outros estudos, os resultados para esta variável foram diversos. No estudo de Oliveira (2006, p. 168 e 169), “sujeito abstrato (nome coletivo com o traço [+ humano]) é o que mais condiciona o emprego do futuro perifrástico. [...] E o sujeito inanimado parece mesmo desfavorecer a perífrase”. No estudo de Santos (2012, p. 129), o autor afirma que “o fator <sujeito animado não-humano> deve favorecer a perífrase [...]. O fator <sujeito inanimado> firma-se também como contexto favorecedor da forma perifrástica de futuro na comunidade linguística de Santo Antônio de Jesus”.

5.4.5 ‘Tipo de verbo’

Através desta variável verifica-se o comportamento do futuro verbal em relação ao tipo de verbo. Foram controlados, inicialmente, cinco tipos de verbo: ‘principal’, ‘modal’, ‘aspectual’, ‘auxiliar *ser*’ e ‘auxiliar *ter/haver*’. No entanto não houve ocorrência de ‘verbo auxiliar *ter/haver*’, por isso a variável passou a ter apenas quatro fatores, as quais estão exemplificadas a seguir:

‘Verbo principal’:

(145) VAMOS INVESTIR no Hospital da Mulher e no Hospital da Criança para que voltem a funcionar como unidades de referência em saúde pública. (Candidato 3 - 03/09/12)

‘Verbo modal’:

(146) Então, daqui a algum tempo, um estudante, por exemplo, de Campinas PODE botar um mochila com seus livros nas costas, pegar sua bicicleta e ir até a Universidade Estadual do Sudoeste. (Candidato 5- 10/09/12)

‘Verbo aspectual’:

(147) Como jornalista sempre ouvi a voz de Conquista. Como prefeito, CONTINUAREI a ouvi-la. (Candidato 6 - 12/09/12)

‘Verbo auxiliar *ser*’:

(148) As calçadas SERÃO reformadas, para proporcionar maior conforto aos pedestres. (Candidato 3 - 29/08/12)

Para esta variável a hipótese formulada foi a de que os verbos ‘principal’ e ‘aspectual’ selecionam a forma analítica, pois espera-se que os verbos ‘modal’ e ‘auxiliar *ser*’ selecionem a forma sintética devido a sua menor extensão fonológica, uma vez que, conforme atestado anteriormente, os verbos com menor extensão fonológica tendem a inibir a forma inovadora. O verbo ‘auxiliar *ser*’ traz ainda um agravante para inibir a perífrase: trata-se da irregularidade inerente ao verbo *ser*, pois, como se viu, os verbos irregulares desfavorecem a forma perifrástica. Seguem os resultados:

Tabela 14 – Influência do grupo ‘Tipo de verbo’ no uso da perífrase

Verbo	Ocorrências/Total	Percentual
Modal	11/13	85%
Principal	442/542	82%
Aspectual	4/6	67%
Auxiliar <i>ser</i>	8/32	25%

Os resultados expostos na tabela demonstram que a hipótese formulada se confirma, em parte, visto que o ‘verbo principal’ seleciona a perífrase, com percentual de 82%. Estranhamente, o ‘verbo modal’ apresentou o maior percentual, 85%, o que provavelmente se justifica pela má distribuição dos dados neste grupo de fatores. Observou-se que quase todos os dados com verbos modais apresentam o mesmo verbo, o verbo *poder*, e que a grande maioria deles está presente nos dados de um mesmo candidato, o Candidato 2, como mostram alguns exemplos:

(149) Em vez de ficar preso no engarrafamento, você VAI PODER entrar rapidamente na Centenário, na Estação da Lapa, no Dique do Tororó ou seguir direto para a Vasco da Gama. (Candidato 2 – 07/09/2012)

(150) Nós vamos completar a ligação até ela, vamos alargar, e rapidamente VAI PODER chegar à Boca do Rio e ao Stiep. (Candidato 2 – 07/09/2012)

(151) Com o Bilhete Único, com uma passagem só você VAI PODER circular livremente durante três horas em Salvador. (Candidato 2 – 18/10/2012)

(152) Rapidinho, a população de Cajazeiras VAI PODER chegar à BR 324 e, em quinze minutos, na Avenida Paralela. (Candidato 2 – 19/09/12)

(153) O bilhete único será o maior benefício já concedido a quem usa o transporte público de Salvador. Você VAI PODER usar durante três horas, quantas vezes quiser, sem pagar nada a mais. (Candidato 2 – 21/09/12)

O verbo ‘auxiliar *ser*’ apresentou o menor percentual, 25%, ficando o verbo ‘aspectual’ em posição intermediária, com 67% dos dados de perífrase.

No estudo de Almeida e Oliveira (2012), os verbos ‘modal’ e ‘auxiliar *ser*’ apresentaram os menores percentuais, 7% e 8% respectivamente.

5.4.6 ‘Natureza semântica do verbo’

O grupo de fatores em análise apresenta-se com quatro fatores, a saber, ‘Verbos que indicam processo’, ‘Verbos que indicam evento’, ‘Verbos que indicam estado (físico)’ e ‘Verbos cognitivos’ (que indicam estado psicológico).

Seguem exemplos dos referidos fatores:

‘Verbos que indicam processo’:

(154) Eu VOU DEFENDER Salvador. (Candidato 1 - 01/10/12)

‘Verbos que indicam evento’:

(155) Além disso, VAMOS REALIZAR todo ano o Festival da Juventude, que, aliás, aconteceu agora, em 2012 e foi um grande sucesso. (Candidato 5- 18/10/12)

‘Verbos que indicam estado (físico)’:

(156) Ele também autorizou a construção do Shopping popular, que SERÁ construído em parceria com a prefeitura. (Candidato 5- 20/10/12)

‘Verbos cognitivos’:

(157) O jovem VAI APRENDER uma profissão e terá oportunidade de participar do crescimento econômico de Feira com a força do seu trabalho. (Candidato 4 - 26/09/12)

Formulou-se a hipótese de que os verbos que indicam processo, os quais denotam ação, selecionam a perífrase, bem como os verbos cognitivos e os que indicam evento, ao contrário dos verbos que indicam estado, os quais devem selecionar a forma sintética. Uma vez que esse primeiro traço semântico (processo) parece requerer assertividade no que concerne à realização da ação, de acordo com Oliveira e Olinda (2008, p. 112), ao selecionar a forma perifrástica, “haveria um maior comprometimento em relação ao futuro e um maior grau de certeza da realização da ação num tempo posterior ao momento

da fala” e, visto que isso é exatamente o que se deseja quando se profere um discurso político, a forma perifrástica se combinaria com os verbos que denotam ação, resultando no efeito de sentido desejado. Seguem os resultados para esse grupo de fatores:

Tabela 15 – Influência do grupo ‘Natureza semântica do verbo’ no uso da perífrase

Verbo	Ocorrências/Total	Percentual
Processo	359/405	89%
Evento	7/9	78%
Cognição	24/31	77%
Estado	75/148	51%

Conforme a Tabela 15, os verbos que indicam processo apresentaram o maior percentual, 89% de perífrase, o que se harmoniza com a hipótese aventada. Também se confirma a hipótese em relação aos verbos que indicam evento e verbos cognitivos, com percentuais de 78% e 77%, respectivamente, os quais, de acordo com a literatura linguística, costumam favorecer a forma perifrástica (OLIVEIRA, 2006, p. 159-160; FIGUEREIDO e OLIVEIRA, 2013, p. 44-45). Os verbos de estado, como previsto, apresentaram o menor percentual, 51%.

No estudo de Figueredo e Oliveira (2013, p. 45), os verbos que indicam processo também apresentaram o maior peso relativo dentre todos os fatores.

5.4.7 ‘Presença/ausência de futuridade fora do verbo’

Por meio desta variável objetiva-se verificar a interferência de outros constituintes de valor temporal além do verbo na expressão do futuro verbal. Inicialmente, quatro fatores integravam esta variável: ‘advérbio’, ‘oração temporal’, ‘contexto discursivo’ e ‘ausência de futuridade fora do verbo’. Entretanto, por não haver ocorrências de ‘oração temporal’, deu-se continuidade à pesquisa com apenas três fatores neste grupo de fatores, as quais estão exemplificadas a seguir:

‘Advérbio’:

(158) Não VOU ESQUECER nunca de você. (Candidato 6 - 05/09/12)

‘Contexto discursivo’:

(159) Eleito por você, VOU TORNAR mais eficiente a intermediação de mão de obra por parte da Prefeitura e intensificar os programas de qualificação profissional, conforme as demandas e vocações da cidade. (Candidato 3 - 31/08/12)

‘Ausência de futuridade fora do verbo’:

(160) Nós VAMOS RETOMÁ-LO em toda a cidade de Salvador. (Candidato 1 - 21/09/12)

A hipótese aventada para este grupo de fatores, baseada em Santos (2012, p. 95), é a de que o fator ‘ausência de futuridade fora do verbo’ selecione a perífrase. Observe-se os resultados na Tabela 16:

Tabela 16 – Influência do grupo ‘Futuridade fora do verbo’ no uso da perífrase

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Ausência de futuridade	426/540	79%
Contexto discursivo	15/19	79%
Advérbio	24/34	71%

A Tabela 16 aponta percentuais muito próximos entre os fatores e má distribuição dos dados, o que dificulta que sejam tiradas conclusões seguras sobre os resultados desta variável.

No estudo de Santos (2012), a ausência de marca de futuridade além do verbo se mostrou um fator favorecedor da forma inovadora de futuro.

5.4.8 ‘Projeção de futuridade’

A partir desta variável, observa-se o comportamento do futuro verbal em relação à projeção do futuro. Três fatores compõem este grupo de fatores: ‘futuro próximo’, ‘futuro distante’ e ‘futuro indefinido’. Conforme explicado no capítulo 3, os dados classificados como futuro próximo referem-se ao período das eleições. Foram

classificados como futuro distante os dados que fazem referência a momentos posteriores às eleições, porém definidos. Um futuro indefinido é o que se refere a um momento indeterminado. Observem-se exemplos dos três fatores:

‘Futuro próximo’:

(161) Nos próximos programas, VAMOS DETALHAR essas e outras propostas. (Candidato 5- 16/10/12)

‘Futuro distante’:

(162) E eu tenho a garantia do governador Jaques Wagner e da presidente Dilma de que as obras do aeroporto VÃO COMEÇAR no início do ano que vem. (Candidato 5- 22/10/12)

‘Futuro indefinido’:

(163) Não, o senhor não VAI MORRER não, ainda vai viver muito. (Candidato 1 - 21/09/12)

Oliveira (2006, p 124) afirma: “quanto mais próximo do falante o ponto projetado no futuro, maior o uso da perífrase; quanto mais distante do ponto temporal do ato de fala, portanto mais distante do falante, menor o uso da perífrase”. A partir dessa afirmação, formulou-se a hipótese de que o ‘futuro próximo’ seleciona a forma perifrástica, o ‘futuro distante’ seleciona a forma analítica e o ‘futuro indefinido’ fica numa posição intermediária. Seguem os resultados:

Tabela 17 – Influência do grupo ‘Projeção de futuridade’ no uso da perífrase

Futuro	Ocorrências/Total	Percentual
Próximo	48/54	89%
Indefinido	14/16	88%
Distante	403/523	77%

Conforme era esperado, o ‘futuro próximo’ apresentou o maior percentual, 89%, e o ‘futuro distante’ o menor, 77%.

Oliveira (2006) encontrou resultados semelhantes, uma vez que o ‘futuro próximo’ se mostrou favorecedor da forma inovadora, o ‘futuro distante’, inibidor e o futuro indefinido ficou numa posição intermediária.

5.4.9 ‘Informantes’

Nesta variável faz-se uma comparação entre os discursos de todos os candidatos a prefeitos a fim de observar a frequência das formas de futuro em cada um deles. Eis os informantes e suas respectivas cidades: de Salvador, Candidato 1 e Candidato 2; de Feira de Santana, Candidato 3 e Candidato 4; de Vitória da Conquista, Candidato 5 e Candidato 6.

Os resultados estão apresentados na Tabela 18:

Tabela 18 – Influência do grupo ‘Informantes’ no uso da perífrase

Futuro	Ocorrências/Total	Percentual
Candidato 2	165/184	90%
Candidato 1	126/141	89%
Candidato 4	56/73	77%
Candidato 6	34/56	61%
Candidato 3	52/86	60%
Candidato 5	30/51	59%

Os resultados da Tabela 18 mostram que os candidatos que mais utilizaram a perífrase foram os dois candidatos de Salvador: Candidato 2, com percentual de 90% de perífrase, e Candidato 1, com 89% de perífrase. A tabela também mostra que os três candidatos mais velhos – Candidato 5, Candidato 6 e Candidato 3 – são os que menos usam perífrase. Também é interessante notar que a forma inovadora de futuro se faz presente em mais de 50% do discurso de todos os candidatos a prefeitos aqui estudados.

5.4.10 ‘Cidades’

Uma vez que o título deste estudo é *A expressão variável do futuro verbal no discurso político em três cidades baianas: Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista*, o objetivo deste grupo de fatores é justamente verificar o comportamento das formas de futuro em cada uma das três cidades.

Os resultados podem ser contemplados na Tabela 19:

Tabela 19 – Influência do grupo ‘Cidades’ no uso da perífrase

Cidade	Ocorrências/Total	Percentual
Salvador	291/325	90%
Feira de Santana	108/159	68%
Vitória da Conquista	64/107	60%

De acordo com os resultados da Tabela 19, pode-se afirmar que o uso da perífrase acompanha o tamanho, a importância e a influência de cada cidade, visto que a forma inovadora de futuro ocorre em 90% dos dados de Salvador, em 68% dos dados de Feira de Santana e em 60% dos dados de Vitória da Conquista. Uma vez que Salvador é a capital baiana e uma das mais importantes do Brasil, é, portanto, dentre as três cidades, onde primeiro chegam as inovações e tendências. Era de se esperar, portanto, que nela chegassem primeiro também as inovações linguísticas.

5.4.11 ‘Momento da campanha’

Conforme explicado no capítulo três, nesta variável, analisa-se a expressão do futuro verbal em três fases da campanha, a fim de verificar se o momento em que o discurso foi proferido interfere na seleção das formas de futuro. Os três momentos da campanha são: ‘início da campanha’, ‘meio da campanha’ e ‘final da campanha’. Cada um dos três momentos compreende um período de duas semanas, desconsiderando o segundo turno, que só ocorreu em duas das três cidades consideradas. A hipótese aventada para esta variável é a de que na fase final da campanha haja maior ocorrência de perífrase e que, na fase inicial, ocorra mais futuro simples, ficando a fase medial numa posição intermediária. Seguem os resultados na Tabela 20:

Tabela 20 – Influência do grupo ‘Momento da campanha’ no uso da perífrase

Momento	Ocorrências/Total	Percentual
Meio	120/144	83%
Início	95/126	75%
Final	114/165	69%

Os resultados são contrários ao esperado, pois a fase medial da campanha apresentou o maior percentual, 83%, a fase final, o menor, 69%, já a fase inicial ficou em posição intermediária, com 75% dos dados de perífrase. O fato de não haver linearidade entre os momentos da campanha pode indicar que o fenômeno em estudo não está relacionado a esta variável.

Sabe-se que é comum haver interação entre grupos de fatores sociais, por isso, decidiu-se cruzar o grupo de fatores ‘Momento da campanha’ com o grupo ‘Monitoração estilística’. Os resultados estão apresentados na Tabela 21:

Tabela 21 – Uso da perífrase em relação aos grupos ‘Momento da campanha’ e ‘Monitoração estilística’

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Início – Mais monitorada	76/106	72%
Início – Menos monitorada	19/20	95%
Meio – Mais monitorada	96/118	81%
Meio – Menos monitorada	24/26	92%
Final - Mais monitorada	88/134	66%
Final - Menos monitorada	26/31	84%

De acordo com os resultados expostos na tabela, a perífrase é mais utilizada quando a fala é menos monitorada no início e no meio da campanha e é menos utilizada quando a fala é mais monitorada no final da campanha.

CONCLUSÕES

Neste estudo, analisou-se a expressão do tempo futuro no discurso político das três maiores cidades baianas, Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista, com base na Teoria Variacionista Laboviana.

Dando continuidade a estudos anteriores, a variação na expressão do futuro verbal foi focalizada considerando a mudança em curso futuro do presente > perífrase *ir* + infinitivo, ao observar o comportamento do futuro verbal no gênero textual discurso político. Ao abordar o discurso político, salientou-se a importância da observação do referido processo de mudança nesse gênero textual, o qual, por possuir características tanto da modalidade falada quanto da escrita, fornece informações significativas ao ser delineado o caminho que a mudança em análise continua a percorrer, uma vez que esta já se completou na fala e avança na escrita.

No capítulo um, ao considerar estudos variacionistas sobre o fenômeno aqui analisado, percebeu-se que ele há muito está sob a observação dos linguistas, que vêm documentando o avanço da mudança no português brasileiro ao longo do tempo. Esses estudos sinalizam que o futuro simples era a forma mais utilizada desde o século XIII, juntamente com a perífrase *haver* + infinitivo, até o século XIX. A partir de então, a perífrase com *ir* + infinitivo é introduzida na língua portuguesa e tem seu uso amplamente expandido no século XX, de modo que passa a ser utilizada em quase todos os contextos nos quais antes eram empregados o futuro simples ou a construção *haver* + infinitivo. Os estudos salientam que a mudança está em fase tão avançada que já se faz presente até mesmo na escrita jornalística, que é altamente formal. Também é atestado o forte estigma social que sofrem as perífrases gerundivas.

No capítulo dois foram apresentados os pressupostos teóricos que serviram de base para esse estudo, a Teoria Variacionista Laboviana e a Gramaticalização, mostrando como ambas as teorias foram aplicadas ao estudo e como este estudo contribui para as teorias, corroborando-as.

No capítulo três foram descritas detalhadamente todas as etapas da pesquisa, foi feita a caracterização do *corpus* e o detalhamento de todos os fatores dos grupos de fatores analisados.

Por fim, no capítulo quatro foram apresentados todos os resultados da pesquisa. Nos dados analisados foram encontradas seis formas de expressão de futuridade: perífrase com *ir* no presente + infinitivo, futuro simples, perífrase com *ir* no futuro + infinitivo,

presente do indicativo, perífrase com *estar* no futuro + gerúndio e perífrase com *haver de* no futuro + infinitivo.

Os resultados deste estudo apontam que, confirmando a primeira hipótese aventada, a forma inovadora de futuro é predominante no discurso político das três maiores cidades da Bahia. O percentual de 78% de forma perifrástica surpreende pela grande frequência da forma inovadora de futuro num *corpus* no qual se utiliza linguagem bastante culta, o que é uma evidência do alto grau de prestígio que essa forma verbal já conquistou. Diante dos resultados apresentados neste estudo e em estudos anteriores, pode-se concluir que a forma perifrástica de futuro *ir* + infinitivo já atingiu aproximadamente (talvez absolutamente) todos os contextos linguísticos.

A forma verbal considerada padrão, o futuro do presente, representou apenas 22% dos dados. Considerando que o discurso político se compõe também de características da escrita formal e que esta é a última modalidade a ser atingida pela mudança linguística, a baixa frequência dessa forma verbal reafirma que o processo de mudança analisado neste estudo está prestes a ser concluído.

Os contextos que se revelaram impulsionadores da mudança no *corpus* analisado foram:

- a) Verbos com três ou mais sílabas;
- b) Faixa etária mais jovem;
- c) Sujeito agente;
- d) Menor monitoramento estilístico;
- e) Verbos regulares;
- f) Verbos bitransitivos;
- g) Primeira ocorrência de uma série (tratando-se de paralelismo).

Confirmando mais uma das hipóteses aventadas para este estudo, houve muito poucas ocorrências de presente do indicativo, apenas quinze, o que pode ratificar a afirmação de Oliveira (2006, p. 102) de que o presente costuma ocorrer em contextos muito específicos.

A ocorrência de gerundismo foi uma grande surpresa nesta pesquisa, pois esperava-se que não fossem encontradas perífrases gerundivas no discurso político, que é um gênero textual formal, devido ao forte estigma que permeia essas formas verbais. Entretanto foram encontradas sete ocorrências, o que demonstra que essa forma verbal

goza de algum prestígio social. A presença do gerundismo no discurso político também levanta a hipótese de que o gerundismo esteja sendo usado a fim de exprimir formalidade, uma vez que as duas principais formas de futuro – futuro do presente e *ir* + infinitivo – ocupam um mesmo patamar no que se refere ao valor social.

Outra surpresa foi a ocorrência de perífrase com *haver de* + infinitivo, uma vez que, conforme fora atestado por Oliveira (2006, p. 101), as perífrases desse gênero caíram em desuso a partir do século XX. O fato de ter havido apenas uma ocorrência e de esta ter sido proferida por um informante representante da faixa etária 2 corrobora a afirmação da referida autora.

Este estudo mostrou o predomínio do futuro perifrástico, em detrimento de todas as outras formas de expressão do futuro, no discurso político, que apresenta características tanto da fala quanto da escrita formal. Isso indica que a mudança futuro simples > futuro perifrástico está realmente em fase de completude e que a forma verbal *ir* + infinitivo, que, de modo geral, é a mais utilizada pelos brasileiros, talvez já não precise mais ser chamada de “forma inovadora de futuro”.

No entanto outros estudos ainda são necessários a fim de demonstrar, mais detalhadamente e em outros contextos, o alcance de uso da perífrase *ir* + infinitivo. Também seriam interessantes estudos mais detalhados sobre o comportamento do usuário da língua diante de formas de expressão de futuridade que sofrem estigma social, tais como as perífrases gerundivas e a forma *ir* (auxiliar) + *ir* (principal) – *vou ir*.

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, Jussara. A unidirecionalidade e o caráter gradual do processo de mudança por gramaticalização. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 130-148, 1º sem. 2006. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta18/Conteudo/N18_Parte01_art08.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2014.

ALMEIDA SANTOS, P. T. **Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e a expansão da mudança**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

ALMEIDA, Fernanda dos Santos; OLIVEIRA, Josane Moreira. A expressão variável do futuro verbal na escrita padrão de Feira de Santana - BA: uma análise sociolinguística. II CIDS – Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística: Diversidade Linguística e Políticas de Ensino, 2012, Belém. **Anais...**, v.2. São Luís: EDUFMA, 2012, p. 2437-2448.

ALMEIDA, Fernanda dos Santos; FIGUEREIDO, Joana Gomes dos Santos; OLIVEIRA, Josane Moreira. Relevância de variáveis linguísticas e sociais na expressão do futuro verbal. ALFAL – XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística Y Filología de América Latina, 2014, João Pessoa. **Anais...**, 2014, p. 4320- 4332.

ALVES, Thiago Gil Lessa. **A expressão da futuridade nos tipos de discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses**. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8894/1/2011_tese_tglalves.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2015.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

BARBOSA, Juliana Bertucci. A expressão do futuro no português brasileiro contemporâneo. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. VI, n. XXIII, p. 42-50, out. – dez. 2007. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/60/64>>. Acesso em: 3 out. 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. **A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Ed.) **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623. Disponível em: <<http://www.colorado.edu/ling/courses/LAM7420/FrequencyGn.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Gramaticalização de verbos e contextos morfossintáticos. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, nº 1, p. 82-91, jan.-abr. 2011. Disponível em: <http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v1_t07.red6.pdf>. Acesso em: 16 set. 2014.

CASTILHO, A. T. A gramaticalização. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 19, p. 25-64. Salvador, 1997.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. 11 ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2003.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter (1980). **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press.

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso político. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William. **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: NAD/FALE-UFMG, 2006.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola, 2005.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CRHISTIANO, Elizabeth A.; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da (Org.). **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino**. João Pessoa: Idéia, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FEIRA de Santana. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=291080>>. Acesso em: 30 out. 2014.

FEIRA de Santana. **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feira_de_Santana>. Acesso em: 30 out. 2014.

FIGUEREIDO, Joana Gomes dos Santos; OLIVEIRA, Josane Moreira. A expressão do futuro verbal em Irará-BA. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 7, n. 8. Vitória, 2013. Disponível em:

<<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/4739/4038>>. Acesso em: 6 jul. 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. A expressão de passado iminencial em português: formas e contextos de uso. VII Congresso Internacional da ABRALIN. **Anais...** Curitiba, 2011, p. 3654-3662. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:f2Qh91dyCT4J:https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/verProducao%3FidProducao%3D52732%26key%3Da3f283c99424340529d124fc3bd57728+&cd=1&hl=pt-R&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, v. 56, n° 3, p. 917-944, 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4907/4367>>. Acesso em: 1 set. 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. O controle dos efeitos estilísticos dos papéis sociopessoais e do sexo/gênero na entrevista sociolinguística. II CIDS – Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística: Diversidade Linguística e Políticas de Ensino, 2012, Belém. **Anais...**, v.2. São Luís: EDUFMA, 2012, p. 289-296.

GIBBON, Adriana de O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis**: gramaticalização e variação. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. Nova Iorque: Academic Press, 1979.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO V. C. (Org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GRYNER, Helena. A emergência do futuro perifrástico no português carioca: o princípio da marcação. **Veredas**, v. 6, n. 2. Juiz de Fora, 2002, p. 149-160.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual Framework. Chicago: The University of Chicago, 1991.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. 2 vols. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KLINKE, Ângela; MARQUES, Manoel. Mancha de dendê não sai. **Isto é**, n° 1539, 31, mar. 1999. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:djtVGT2iwMJ:www.istoe.com.br/reportagens/29986_MANCHA%2BDE%2BDENDE%2BNAO%2BSAI+&cd=27&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 03 nov. 2014.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Tipo: deslizamentos funcionais e gramaticalização*. **Estudos Linguísticos**, XXXIV, p. 1325-1330. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/estruturas-sintaticas-de-tipo-1581.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

LINS, Neilton Farias. O processo de oralização de um texto escrito. GELNE – 25ª Jornada Nacional do GELNE: Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste, 2014, Natal. **Anais...** 2014, p. 1-11.

LOPES, Célia Regina dos Santos. A gramaticalização de *a gente* em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Lingüístico**, v. 4, n.1, p. 47-80. Florianópolis, jul. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/7728/7098>>. Acesso em: 23 out. 2014.

MALVAR, Elisabete; POPLACK, Shana. O presente e o passado do futuro no português do Brasil. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Org.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 186-203.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva. et al. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, M. E. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (Org.). **Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino**. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 51-64.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 27-31.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: CRHISTIANO, Elizabeth A.; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da (Org.). **Funcionalismo e gramaticalização**: teoria, análise, ensino. João Pessoa: Idéia, 2004, p. 13-28.

OLIVEIRA, Josane Moreira. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje**: variação e mudança. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Josane Moreira; GONÇALVES, Lêda Maria Mercês. O “futuro” da Turma da Mônica. **Sitientibus**, n. 42. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010, p. 141-153.

OLIVEIRA, Josane Moreira; OLINDA, Sílvia Rita Magalhães. A trajetória do futuro perifrástico na língua portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, p. 93-117, jul./dez. 2008. Disponível em: <[http://abralin.org/revista/rv7n2/04-Josane-Moreira-e-Silvia-Rita\[1\].pdf](http://abralin.org/revista/rv7n2/04-Josane-Moreira-e-Silvia-Rita[1].pdf)>. Acesso em: 3 out. 2011.

OLIVEIRA, Josane Moreira. A expressão variável do futuro verbal na escrita: Brasil e Portugal em confronto. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 367-383, 1ª parte 2011.

OLIVEIRA, Josane Moreira. A variação do futuro verbal em português: teste de percepção/atitude na cidade de Feira de Santana – BA. **Revista Tabuleiro de letras**, n. 3, dez. 2011. Disponível em: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_03/pdf/no03_artigo08.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2014.

OLIVEIRA, Josane Moreira. A expressão do futuro verbal na escrita jornalística baiana. **Revista Linguística**, v. 8, n. 1, p. 125-137, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/wp-content/uploads/2012/06/revista-linguistica-v8-n1-a-expressao-do-futuro-verbal3.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2014.

PEDROSO, Maria Ignez de Lima. **A relação fala/escrita do texto radiofônico**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2002.

PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. **Revista Barbarói**, nº 24, p. 78-109, 2006/1. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/821/605>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

SALVADOR. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292740&search=bahia|salvador>>. Acesso em: 30 out. 2014.

SALVADOR (Bahia). **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Salvador_\(Bahia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Salvador_(Bahia))>. Acesso em: 30 out. 2014.

SANTOS, Eduardo Pereira. **A expressão da futuridade verbal em Santo Antônio de Jesus: uma análise variacionista**. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2012.

SANTOS, Josete Rocha. **A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2293/2242>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

SILVA, Denize Elena Garcia da. O paralelismo dentro dos processos discursivos e gramaticais na fala e na escrita. **Revista do Gelne**, ano 1, nº 1, p. 69-75, 1999. Disponível em: http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no1_13.pdf. Acesso em: 16 jul. 2013.

SILVA, Rita do Carmo Polli. **A representação do tempo futuro em textos escritos: análises em tempo real de curta e de longa duração**. 2010. 239 f. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SILVA, Vera Lúcia Paredes. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 67-71.

TAFNER, E. P. **As formas verbais de futuridade em sessões plenária: uma abordagem sociofuncionalista**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santana Catarina, 2004.

TESCH, Leila Maria. A importância do gênero textual e do tipo de texto como grupos de fatores em estudos de variação linguística. ALFAL – XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, 2014, João Pessoa. **Anais...**, 2014, p. 1185- 1204.

TESCH, Leila Maria. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: Variação e gramaticalização**. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

VALE, Hyléa de Camargo. A estratégia de sobreposição na fala do presidente Lula. II CIDS – Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística: Diversidade Linguística e Políticas de Ensino, 2012, Belém. **Anais...**, v.2. São Luís: EDUFMA, 2012, p. 543- 554.

VELOSO, Rafaela. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. ALFAL – XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, 2014, João Pessoa. **Anais...**, 2014, p. 1740-1749.

VITÓRIA da Conquista. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=293330&search=bahia|vitoria-da-conquista>>. Acesso em: 30 out. 2014.

VITÓRIA da Conquista. **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria_da_Conquista>. Acesso em: 30 out. 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].